

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Gabriel Pinelli Ferraz

A representação social de Dilma Rousseff: uma análise das charges que a retratam
na Folha de S. Paulo

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Gabriel Pinelli Ferraz

A representação social de Dilma Rousseff: uma análise das charges que a retratam
na Folha de S. Paulo

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social sob a orientação do Prof. Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora

À Mariana e Felipe,
com muito amor.

Agradecimentos

Agradeço a Capes e ao CNPq pela bolsa concedida.

Agradeço ao Prof^o Dr. Salvador Antonio Mireles Sandoval por sua dedicação, paciência e perspicácia ao me orientar.

Agradeço a Mariana Fantinato por seu amor, carinho e imenso cuidado durante essa jornada.

Agradeço a Felipe Fantinato por esperar o término dessa dissertação para continuarmos brincando.

Agradeço ao afeto e ao apoio financeiro dos meus pais, Luiz e Susette.

Agradeço ao apoio financeiro de José Augusto Pinelli.

Agradeço a Celso Fantinato e Sonia Fantinato pelo cuidado constante.

Agradeço a amizade de Joel, Rael, Fernando, Vanilda, Adelina, Taynã, Pedro, Alberto, Carlos, Adriano, Bruno, Ernesto, Juliana, Kelly, Salete, Reimi.

Agradeço a Marlene Camargo pela paciência e prontidão todas as vezes que solicitei sua ajuda.

Agradeço a André Luís Campos por ler e criticar essa dissertação.

Agradeço a atenção e dedicação de todos os professores do Programa de Psicologia Social da PUC-SP.

Resumo

FERRAZ, Gabriel Pinelli. **A representação social de Dilma Rousseff: uma análise das charges que a retratam na Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Essa dissertação tem o objetivo de analisar a construção da representação social de Dilma Rousseff a partir das charges que a retratam na *Folha de S. Paulo*. A charge possui uma importante trajetória no trato dos assuntos políticos. Por meio da sátira e do humor, ela promove síntese das temáticas políticas do seu tempo, enquanto opina e faz críticas. Como um gênero jornalístico construído via ridicularização, a charge é capaz de provocar o leitor a refletir sobre as problemáticas de sua sociedade. Sua matéria prima são os assuntos do cotidiano. Desse modo, a charge é caracterizada como gênero jornalístico opinativo. Essa pesquisa analisou as charges publicadas entre janeiro de 2010 e dezembro de 2012. Esse período contemplou o processo eleitoral e a primeira metade do governo Dilma. Foram coletadas 171 charges. Os dados foram analisados à luz da Análise de Conteúdo. As charges construíram a representação social de Dilma comparando-a aos políticos aliados e aos seus adversários de pleito, ligando-a a Lula e atribuindo sentidos ao seu governo. A partir disso, Dilma foi representada como produto de Lula, como negociadora política incapaz, como combatente da corrupção e como gestora pública incompetente.

Palavras-chave: Psicologia política. Representação social. Charge política. Dilma Rousseff. Comunicação. Política.

Abstract

FERRAZ, Gabriel Pinelli. **The social representation of the Dilma Rousseff: an analysis of the cartoons that depict her in the Folha de S. Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

This research aims to analyze the construction of the social representation of Dilma Rousseff from the cartoons that depict her in the Folha de S. Paulo. The cartoon has an important history in dealing with political affairs. Through satire and humor, it promotes synthesis of the political themes of his time, while opines and makes critical. As a media vehicle built by via of the ridicule, the cartoon can take the reader to reflect on the problems of their society. Its raw material are the issues of everyday life, it reflects on them and opines. Thus, the cartoon is characterized as opinionated journalistic genre. This research analyzed the cartoons published between January 2010 and December 2012. This period included the election process and the first half of the Dilma government. Were collected for analysis 171 cartoons. The set of selected cartoons was analyzed using Content Analysis. The cartoons construct the social representation of Dilma by comparing her to political allies and her opponents, linking her to Lula and assigning meanings to her government. From this, Dilma was represented as product of Lula, as unable political negotiator, as a fighter of corruption and as a manager public incompetent.

Keyword: Political psychology. Social representation. Cartoon political. Dilma Rousseff. Communication. Policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página A2 *Folha de S. Paulo*, 5 de janeiro de 2010

71

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Categorização das charges publicadas em 2010	80
Diagrama 2 – Categorização das charges publicadas em 2011	110
Diagrama 3 – Categorização das charges publicadas em 2012	140
Diagrama 4 – Representação social de Dilma Rousseff em 2010	163
Diagrama 5 – Representação social de Dilma Rousseff em 2011 e 2012	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Frequência de charges por categoria em 2010	82
Quadro 2 – Frequência de charges por categoria em 2011	112
Quadro 3 – Frequência de charges por categoria em 2012	142

LISTA DE CHARGES

Charge 1 – E Deus criou a mulher, de Angeli	83
Charge 2 – Sem título, de Jean	85
Charge 3 – Sem título, de Angeli	86
Charge 4 – Sem título, de Jean	88
Charge 5 – Lei da cadeirinha, de Angeli	89
Charge 6 – Sem título, de Scabini	91
Charge 7 – Tapetão, de Angeli	93
Charge 8 – Em nome de Deus, de João Montanaro	95
Charge 9 – Sem título, de Jean	96
Charge 10 – Acelerador de partículas, de Jean	97
Charge 11 – Plínio, de João Montanaro	99
Charge 12 – As cobras, os lagartos, as serpentes e uma camaleoa, de Angeli	101
Charge 13 – Quem tem medo de Dilma Rousseff?, de Angeli	103
Charge 14 – Dilma a mãe do povo, de João Montanaro	104
Charge 15 – Dilma descarta manter ministérios de siglas aliadas, de Scabini	106
Charge 16 – Sem título, de Jean	108
Charge 17 – Cargos, de Jean	115
Charge 18 – Sem título, de Jean	116
Charge 19 – Dilma: um retrato, de João Montanaro	118
Charge 20 – Base aliada, de Jean	120
Charge 21 – Crise, de Jean	122
Charge 22 – Sobre inflação e maquiagem, de Benett	123
Charge 23 – Sem título, de Mandrade	124
Charge 24 – Sem título, de Jean	126
Charge 25 – Empreiteiras, de Jean	127
Charge 26 – Novos tempos, de Angeli	129
Charge 27 – Pré-sal, João Montanaro	131
Charge 28 – Direitos humanos na China, de Benett	133
Charge 29 – O Brasil na Europa, de Benett	134
Charge 30 – Economia: Brasil supera britânicos	135
Charge 31 – Eminência parda, de Angeli	137

Charge 32 – Sem título, de João Montanaro	138
Charge 33 – Ministério da Pesca, de Benett	143
Charge 34 – Base aliada, de Jean	145
Charge 35 – Oferenda, de Jean	147
Charge 36 – Sem título, de Jean	148
Charge 37 – Sem título, de Jean	150
Charge 38 – Sem título, de Jean	152
Charge 39 – Na cama com Dilma, de Angeli	153
Charge 40 – Em Cuba, de Jean	155
Charge 41 – Espanha vai facilitar entrada de brasileiros, de Jean	157
Charge 42 – O poderoso chefão, de Benett	159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONCEITO E DESENVOLVIMENTO	20
1.1 Familiarização, objetivação e ancoragem	30
1.2 Teoria do núcleo central	39
2. A CHARGE	44
2.1 A charge no Brasil	47
2.2 A charge e suas definições	52
2.3 Charge e opinião	58
3. METODOLOGIA	63
3.1 Análise de Conteúdo	65
3.2 Procedimentos da pesquisa	67
3.3 <i>Folha de S. Paulo</i>	69
3.3.1 História da <i>Folha S. Paulo</i>	71
3.3.2 Público da <i>Folha S. Paulo</i>	73
4 CHARGES DE DILMA EM 2010: O ANO ELEITORAL	76
4.1 Dilma: breve histórico	76
4.2 Categorização das charges de 2010	80
4.2.1 Dilma e Lula	82
4.2.1.1 Lula criou Dilma	82
4.2.1.2 Dilma descontenta-se com Lula	90
4.2.2 Dilma e adversários	92
4.2.2.1 Dilma e Serra	92
4.2.2.2 Dilma e os adversários de campanha	99
4.2.3 Dilma	100
4.2.4 Dilma e aliados	105
5 CHARGES DE DILMA EM 2011: O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO	110

5.1	Dilma Chefe de Governo	112
5.1.1	Corrupção no governo	113
5.1.2	Base aliada	117
5.1.3	Economia	121
5.1.4	Projetos do governo	125
5.1.5	Mulheres chegam ao poder	128
5.2	Dilma Chefe de Estado	130
5.2.1	Política internacional	130
5.2.2	Estado brasileiro	134
5.3	Dilma e Lula	136
6	CHARGES DE DILMA EM 2012: O SEGUNDO ANO DE GOVERNO	140
6.1	Dilma Chefe de Governo	142
6.1.1	Base aliada	142
6.1.2	Economia	146
6.1.3	Projetos do governo	149
6.1.4	Corrupção no governo	152
6.2	Dilma Chefe de Estado	154
6.2.1	Política internacional	155
6.3	Dilma e Lula	158
	CONCLUSÃO	161
	REFERÊNCIAS	179

INTRODUÇÃO

Política e mídia vivem uma intensa relação. No Brasil, essa relação se mostra mais intensa desde o início da redemocratização, em 1989. Comunicação e política a todo instante se influenciam. A imprensa investigativa tem como alvo toda movimentação política. Ao mesmo tempo, a mídia é o espaço em que as ações e discursos do governo podem se tornar públicas. Os candidatos ao disputarem eleições recorrem aos saberes e as técnicas da propaganda, do marketing e das relações públicas para poderem se comunicar com o eleitor. Por sua vez, a mídia jornalística a partir de textos, fotos e charges, reinterpreta e veicula o comunicado político. Diante disso, é nesse cenário composto por comunicação e política que essa dissertação se insere e lança seu olhar a fim de analisar a construção da representação social de Dilma Rousseff a partir das charges que a retratam.

Essa pesquisa opta por analisar charges por reconhecer sua importante trajetória no trato dos assuntos políticos. Por meio da sátira e do humor, ela promove síntese das temáticas políticas de seu tempo, opina e faz críticas. Como um gênero jornalístico construído via ridicularização, ela é capaz de provocar o leitor a refletir sobre as problemáticas de sua sociedade, sendo capaz ainda de construir a imagem pública de instituições e atores políticos (NERY, 1998).

Não é preciso voltar muito no tempo para constatar o importante papel das charges nos dias atuais. Para tanto, é preciso apenas lembrar a indisposição causada nas eleições de 2010, devido a uma instrução publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (doravante TSE) que objetivava normatizar a relação da mídia com a campanha eleitoral, e que em um de seus incisos vetava o uso de qualquer ridicularização dos candidatos pela imprensa. Para melhor entender essa indisposição, é preciso recorrer às leis que normatizam o processo eleitoral.

Desde 30 de setembro de 1997 as eleições brasileiras são normatizadas pela lei de nº 9.504. Essa lei entrou em vigor para estabelecer as normas que deveriam reger os processos eleitorais. Em 29 de setembro de 2009, a lei de nº 12.034 introduziu novos artigos a lei eleitoral. Alguns desses artigos dispunham sobre a propaganda eleitoral. Em 16 de dezembro de 2009, o TSE expediu a instrução de nº

131 que dispunha sobre as condutas vedadas em campanha que vigorariam para nas eleições de 2010. Entretanto, essas instruções colocaram em evidência alguns artigos da lei, e assim, tornaram-se alvo de protestos de segmentos da sociedade civil. O artigo 45 da lei eleitoral traz recomendações às programações normais das emissoras de rádio e televisão, e em seu inciso II, dispõe sobre a proibição do uso de *“trucagem, montagem ou outro recurso de áudio ou vídeo que, de qualquer forma, degradem ou ridicularizem candidato, partido ou coligação, ou produzir ou veicular programa com esse efeito”*. A lei de nº 12.034 de 2009 introduziu dois novos parágrafos à lei eleitoral, um explicando o que se entende por trucagem e outro explicitando o que é montagem. Assim, trucagem é *“todo e qualquer efeito realizado em áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação”*. Montagem, por sua vez, é descrito como *“toda e qualquer junção de registros de áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação”*.

Dessa forma, ao expedir a instrução para as eleições de 2010 a partir das leis citadas, o TSE ratificou a proibição da ridicularização dos candidatos, assim, proibiu-se a utilização da imagem dos candidatos em quadros humorísticos na televisão e no rádio. Desse modo, o humor estava sendo impedido de tratar assuntos políticos. Esse fato provocou uma série de debates na sociedade sobre a importância dos temas políticos serem abordados a partir do humor dentro dos meios de comunicação. Um grupo integrado por humoristas, cartunistas, artistas e profissionais da comunicação, encabeçaram um abaixo assinado e uma passeata contra essas medidas¹. As medidas não atingiam o humor impresso – como as charges –, mas foi interpretada como perigosa pelos chargistas, que temiam que ela se estendesse até eles.

A pedido da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), o Supremo Tribunal Federal (STF) em sessão no dia 2 de setembro de

1 PEQUENO, João. Humoristas protestam pelo direito de fazer humor na política. **Portal terra**, 22 ago 2010. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2010/noticias/0,,OI4636938-EI15311,00-Humoristas+protestam+pelo+direito+de+fazer+humor+na+politica.html>>. Acesso em: 14 jun 2011.

2010, derrubou o inciso II do artigo 45 da lei das eleições, considerando-o inconstitucional, por ferir o direito à liberdade de expressão.

O episódio citado evidencia a grande presença que os meios de comunicação possuem nas sociedades atuais. Nessa evidência é preciso recorrer a Thompson (1989), que alerta que a compreensão da dinâmica social moderna, incluindo nesse bojo os processos políticos, só poderá ser contemplada em sua plenitude a partir da consideração do papel central dos meios de comunicação na produção simbólica da sociedade. Esses fatos também mostram o poder que essa instituição possui, estando a todo instante envolvida em relações de força como o Estado.

A característica imagética da charge lhe permite transmitir sua mensagem de maneira rápida, podendo ser assimilada mais facilmente em comparação com as palavras. Imagem e riso unidos a serviço da crítica política e social se tornam potente arma. Esse armamento tem sido constantemente empregado contra os ocupantes do poder, contra os pretendentes ao poder, contra a moral de um povo e contra os hábitos de uma cultura. A força das charges preocupa as lideranças sociais instituídas, sejam políticos, sejam religiosos, sejam empresários. Tudo isso aponta o poder dessa arte e sua importância na atualidade, reforçando, então, a necessidade de estudá-la, para que sua dinâmica seja melhor compreendida e sua possível força entendida.

Entender a importância das charges nos dias atuais tem sido o objetivo de alguns pesquisadores, como Rabaça e Babosa (1987) e Fonseca (1999). Para eles, a charge é uma representação pictórica que retrata os assuntos cotidianos da sociedade. Assim, o informar não é da alçada dessa arte, pois ela se alimenta do fato já ocorrido. Sua matéria-prima são os acontecimentos que já foram noticiados e se encontram no domínio do público. O chargista nutre sua arte com acontecidos para poder emitir juízo sobre eles. Esse fazer artístico é empregado dentro dos veículos de comunicação como discurso opinativo. A partir dos traços, das cores e das palavras o artista expressa sua opinião e a opinião da instituição midiática a que pertence. A charge jornalística não pode ser feita segundo a neutralidade e a imparcialidade. Para abordar o tema a charge precisou assumir uma posição. Ao proceder assim, a charge se esforça em convencer o seu leitor sobre quão significativo é o seu posicionamento. Para esses autores, o discurso da charge tem o

mesmo peso do editorial, por esse motivo alguns veículos a estampam ao lado dos textos editoriais e outros a colocam em sua primeira página. Ter características editoriais significa expressar as opiniões da instituição jornalística que a publica e não apenas as do seu autor.

Desse modo, quando a charge retrata uma pessoa pública, mas especificamente um político, ela está apresentando aos seus leitores uma opinião sobre ele. Procedendo assim, o chargista, a partir do seu contexto institucional, no caso o jornal, está tornando público à sociedade os seus juízos sobre a personagem escolhida. Ao publicitar suas opiniões, artista e jornal estão imbuídos na tarefa de persuadir o leitor sobre como o político deve ser percebido e compreendido. A arte dentro do jornal está definindo quem é o político que ela retrata. As disputas por poder na democracia também ocorrem por meio de confrontos de opinião. Os ocupantes do poder utilizam suas estratégias para convencer o cidadão comum sobre quem eles são. Os partidos políticos possuem suas próprias táticas para alcançar o mesmo fim. Por sua vez, os meios de comunicação, como agente político, lutam para oferecer suas concepções sobre os homens do poder.

As charges jornalísticas, ao retratarem Dilma Rousseff, estão opinando sobre ela. Essa opinião vela sobre suas ações e sobre as políticas por ela elaboradas. A charge, ao retratá-la está tentando construir uma definição sobre essa personagem política para expô-la ao público. A identidade da presidente que as charges tentam formar é feita segundo os princípios e valores do artista e do jornal que irá publicá-la.

Desse modo, de um lado, a governante meticulosamente constrói seu discurso e estrutura seu comportamento a fim de ser aceita e bem avaliada pelo povo brasileiro. Do outro lado, as charges e as matérias jornalísticas empenham-se em desconstruir esse discurso. Governantes e imprensa enfrentam-se a fim de legitimarem sua versão da realidade política. Desse modo, entender o jogo político implica reconhecer a importância do combate e da relação entre comunicação e política.

Por tudo isso, essa dissertação tem o objetivo de *analisar a construção da representação social de Dilma Rousseff a partir das charges que a retratam na Folha de S. Paulo entre janeiro de 2010 e dezembro de 2012*. Para tanto, as charges serão analisadas focalizando como Dilma Rousseff é caracterizada como pessoa, em que

circunstancias ela é apresentada e quais ações suas são retratadas. Ao longo dos 36 meses investigados a representação social de Dilma Rousseff foi analisada a partir da Psicologia Social.

Ao investigar a contribuição das charges para a construção da representação social de Dilma Rousseff, essa dissertação estará seguindo a trilha conceitual proposta primeiramente por Serge Moscovi (2003) e aprofundada posteriormente por Denise Jodelet (2001). Na perspectiva desses autores representação social é uma forma de conhecimento que é socialmente elaborado e compartilhado. Esse conhecimento tem por característica ser prático, pois sua elaboração tem o objetivo de instrumentalizar os indivíduos para responder as demandas do dia-a-dia da sociedade. As pessoas são exigidas a oferecer respostas rápidas às solicitações sociais, seja no trânsito, seja no trabalho, seja na igreja, seja no clube, seja num bar, a todo instante os indivíduos são bombardeados por informações que requerem um posicionamento. Esse conhecimento prático, construído pela sociedade e disponibilizado às pessoas durante seu processo de socialização, permite que respostas sejam dadas e que os acontecimentos da vida sejam explicados.

Segundo Moscovici (2003) e Jodelet (2001), a representação social é um conhecimento prático elaborado pela sociedade e compartilhado por seus membros. As representações sociais, ao atribuírem sentido a natureza e a sociedade, estão tornando compreensível o natural e o social ao homem. A representação social permite que os homens tornem o mundo explicável. Ao explicá-lo, o homem está se familiarizando com ele, tornando familiar tudo o que lhe é desconhecido e explicando tudo o que é novidade. Esse conhecimento compartilhado ao ser construído também participa da construção da realidade social. As representações fabricadas para darem explicações são compartilhadas pelos integrantes da sociedade e, ao se disseminarem, passam a compor a realidade social. Para eles, representação social é o saber do senso comum.

Entender a construção da representação social de Dilma Rousseff implica tentar compreender como ela é definida pela sociedade. Mais do que isso, é saber como seus comportamentos, seus discursos e suas políticas são entendidos e explicados pelo conjunto dos cidadãos. A relação entre quem governa e quem é governado dentro do sistema democrático passa diretamente pela maneira como um

compreende o outro. Aquele que governa, ao tentar compreender os anseios dos que são governados, pode responder as suas necessidades, por exemplo, com a implementação de políticas públicas. Os que são governados, por sua vez, se esforçam para entender quem governa. Essa avaliação pode resultar na decisão de aceitar ou não aqueles que estão no governo. Pode ainda, influenciar quem é governado ao votar e escolher aqueles que serão os futuros governantes.

Desse modo, investigar a maneira como Dilma Rousseff é retratada pelas charges, implica saber que todos aqueles que ela governa tentam explicá-la e compreendê-la. A população a percebe a partir das políticas públicas executadas por seu governo e também pelas informações midiáticas sobre ela. Essa mulher, que no ano de 2010 pediu votos para se tornar presidente, precisou se tornar conhecida pelos brasileiros. Eles não querem saber apenas onde ela nasceu, de quem é filha, o que estudou e onde trabalhou: as pessoas precisam definir quem ela é. Essa dissertação, sabendo da capacidade das charges para opinar, quer conhecer quais opiniões foram emitidas sobre Dilma. Essa pesquisa não se deteve sobre Dilma Rousseff, mas sim sobre as charges que a retrataram.

Essa dissertação está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo revisa a teoria da representação social. O segundo capítulo define a charge e expõe sua história. O terceiro capítulo descreve a metodologia da pesquisa. O quarto capítulo expõe a análise das charges publicadas em 2010. O quinto capítulo mostra a análise das charges noticiadas em 2011. O sexto capítulo exhibe a análise das charges veiculadas em 2012. Por fim, o sétimo capítulo apresenta a conclusão da pesquisa.

1 Representações Sociais: conceito e desenvolvimento

O conceito de representações sociais foi um novo capítulo na história da Psicologia Social. Serge Moscovici, psicólogo social francês, introduz o conceito no seio da disciplina a partir de sua pesquisa para compreender a inserção da psicanálise na sociedade francesa, exposta na obra inaugural, *A psicanálise, sua imagem e seu público*, de 1961. Como bem coloca Sá (2002), as representações sociais se referem tanto a um conjunto de fenômenos, como também ao conceito e à teoria construída para elucidá-los. Em sua empreitada, mais do que entender essa problemática, Moscovici objetivava redefinir os rumos desse campo científico.

Moscovici (2003) entende que a realidade é uma construção social. É uma construção de toda a humanidade. A realidade não é feita apenas de objetos, de coisas, pois o mundo das coisas está envolto por toda sorte de sentidos e valores, construídos e atribuídos pelas pessoas. A percepção humana não diz respeito apenas aos objetos, mas também aos sentidos produzidos pelo homem. Perceber tais sentidos é tão importante quanto perceber os objetos reais.

O homem, para Moscovici (2003), é um ser que a todo instante está em busca de conhecer e compreender as coisas que estão a sua volta, tentando, com isto, solucionar os enigmas de sua existência, enigmas que o atravessam desde o seu nascimento e que o acompanharão em sua jornada na Terra. Trabalhando em uma fábrica, o indivíduo tenta entender as atitudes dos seus superiores e de seus colegas; busca explicações para as doenças que molestem seus familiares e conhecidos; esforça-se para compreender os desdobramentos da política e almeja alcançar uma resposta para a morte que um dia acometê-lo-á. As explicações dadas pelas pessoas, no dia-a-dia, são feitas por palavras e pensamentos, que, para todas elas, são extremamente reais.

Ao estudar as representações sociais, Moscovici (2003) esclarece que é o ser humano que está sendo estudado; está sendo estudado enquanto pensa; enquanto formula perguntas; enquanto busca respostas; enquanto ele tenta compreender e não enquanto ele apenas se comporta e processa informações. Ao assumir tais posições no estudo das representações sociais, também se assume que a

compreensão enquanto faculdade humana é desenvolvida a partir da comunicação social. O pensamento e os sentidos, assim, dependem das inter-relações sociais.

O estudo das representações sociais é um esforço para compreender o pensamento social. Com isso, negam-se as proposições de que a sociedade não pensa; nega-se que o pensar não é inerente ao social. É proposto, então, que tanto o homem quanto o grupo pensam e pensam por si mesmo. Por isso, longe estão de serem apenas receptores passivos, pois fabricam suas próprias representações e resolvem as questões que eles mesmos colocam e ainda as comunicam sem parar em seu cotidiano.

Ao discutir as representações sociais, Moscovici (2003) parte da premissa de que cada ambiente, natural ou social, possui certa quantidade de autonomia e de condicionamento. A partir disso, ele entende que as representações sociais possuem duas funções: convencionalizar e prescrever. Em primeiro lugar, elas convencionalizam pessoas, objetos e acontecimentos, dando-lhes uma forma definitiva e os localizando em uma categoria, para que progressivamente sejam colocados como um modelo que possa ser distinto e partilhado por um grupo. Esse modelo é uma síntese de todos os novos elementos que se juntaram a ele. Mesmo quando um objeto ou uma pessoa não se acomodam ao modelo, esse movimento ocorre, pois eles são forçados a entrar em uma determinada categoria, assumindo forçosamente uma forma com o intuito de, assim, se tornarem iguais aos outros. Quando isso não ocorre, tanto coisa, como pessoa, correm o risco de não serem compreendidos.

As convenções são de extrema importância, pois elas possibilitam que a vida cotidiana seja compreendida. As convenções indicam o que representa o quê. Proporcionam o esclarecimento de se saber quando uma informação deve ser interpretada como significativa ou não. Cada experiência é adicionada a uma realidade que é predeterminada por convenções, a fim de classificar o que é importante e o que não é importante, o que é significativo e o que não é, demarcando, assim, os seus limites e ligando cada parte ao todo e cada pessoa a uma categoria. Homens e mulheres, em todo o mundo, veem apenas o que as convenções das sociedades em que estão inseridos possibilitam que eles vejam, sem, contudo, ter consciência de todas elas.

Em segundo lugar, as representações sociais são prescritivas. Como uma força, elas se impõem sobre os homens, não havendo possibilidade de resistir. Sua força advém das tradições, dos valores, das crenças, das memórias, que estão presentes na sociedade antes mesmo do nascimento de cada pessoa e antes dela começar a pensar. Essa força se apresenta decretando o que deve ser pensado e como deve ser pensado. As representações sociais são frutos das elaborações de várias gerações. São frutos do transcorrer do tempo, assim, elas têm suas origens nos conflitos e nas mudanças da sociedade, cabendo a cada uma das gerações transmitirem-nas às demais.

Cada indivíduo, ao começar a vida, é apresentado aos sistemas de classificações, às imagens e descrições produzidas por seu grupo social. Na transmissão das representações de uma geração à outra é que efetivamente vemos o seu poder. É quando vemos a sua força no presente devido a sua continuidade do passado. Ao reconhecer sua força, Moscovici reconhece que as representações são entidades sociais, que possuem vida própria. Sendo assim, elas se comunicam; fazem trocas; intercambiam-se; entram em conflito e também se modificam, desvanecendo, às vezes, para surgirem depois com outra forma, pois o desaparecimento total de uma representação prejudica todo o universo simbólico de uma sociedade, pois elas estão amarradas umas às outras, formando uma estrutura.

Assim, Moscovici (2003) entende que, ao pôr um signo convencional na realidade e também ao prescrever a partir da tradição e das estruturas, passando a ser o que os homens pensam e imaginam, as representações acabam por construir um ambiente real, concreto: a realidade. A realidade se apresenta inquestionável aos indivíduos, cabendo a eles apenas aceita-la. Para ele, entender as interações humanas implica admitir que elas aconteçam a partir da presença das representações sociais, sejam interações entre duas pessoas, sejam entre dois grupos. Não considerar isso é entender que existem apenas trocas mecânicas, empobrecidas. Tendo-se, somente, ação e reação.

Tais considerações implicam reconhecer que a importância das representações sociais está em sua capacidade de influenciar o comportamento de indivíduos que integram uma sociedade. As representações aparecem às pessoas quase como objetos materiais. Elas são o produto das comunicações e das ações

de cada sujeito. Ao influenciar, esse processo coletivo penetra o pensamento individual.

Entretanto, Moscovici (2003) enfatiza que as representações sociais são autônomas, tanto da consciência individual, quanto da consciência do grupo. Elas não são criadas no isolamento da vida individual. São produtos sociais. Ao serem criadas, alcançam vida própria, transitam; se atraem; se encontram. Algumas morrem e outras nascem. As representações quando compartilhadas por todos os membros da coletividade e quando reforçadas pela tradição, passam a formar a realidade social.

As formas principais de nosso meio ambiente físico e social estão fixas em representações desse tipo e nós mesmos fomos moldados de acordo com elas. Eu até mesmo iria ao ponto de afirmar que, quanto menos nós pensamos nelas, quanto menos conscientes somos delas, maior se torna sua influência. (MOSCOVICI, 2003, p. 42)

Serge Moscovici buscou o conceito de representação social em Durkheim, no seu conceito de representação coletiva. Porém, a construção desse conceito pelo psicólogo social divergiu claramente de sua fonte. Essa divergência, para ele, está relacionada entre a disciplina psicologia social e a sociologia. A sociologia esteve ocupada em enxergar as representações sociais como artifícios explanatórios e irredutíveis a qualquer possibilidade de análise. O conceito representação coletiva abrangia: a ciência, a religião, o mito, as modalidades de tempo e espaço. Também abrangia todas as emoções, ideias e crenças que ocorriam dentro de uma comunidade, sem ponderar a heterogeneidade de todas essas formas intelectuais. Entretanto, caberia à psicologia social ocupar-se da estrutura e da dinâmica das representações. A distinção ainda vai além para o psicólogo. As representações que antes eram vistas como conceito passaram a ser consideradas como um fenômeno.

O conceito durkheimiano possui uma característica estática, agindo como um suporte às palavras e às ideias, uma classe geral de ideias. As representações sociais, por sua vez, são entendidas como estruturas dinâmicas de grande plasticidade e mobilidade, agindo em relações em que ora surgem, ora desaparecem. Elas, assim, estão sempre circulando. Ao estudar as representações

sociais, a psicologia social proposta por Moscovici está interessada na vida cotidiana das sociedades atuais. Está interessada no senso comum e em sua capacidade de transformar ideias em coisas. Ideias que ganham corpo e se tornam comportamento.

Sendo as representações sociais um fenômeno, Moscovici (2003) entende que elas devem ser apreendidas como o modo específico das pessoas compreenderem e comunicarem o que já sabem, ou seja, uma maneira de comunicar o que já é sabido por todo o grupo social. As representações possuem duas faces interdependentes: uma face icônica e uma face simbólica. Assim, elas estão situadas entre os conceitos que conferem sentidos ao mundo e às percepções que reproduzem o mundo de maneira significativa. Com isso, uma ideia torna-se igual a uma imagem e uma imagem torna-se igual a uma ideia. Moscovici, ao se lançar sobre as representações sociais, optou por não se ocupar com a definição desse fenômeno, pois, em seu entendimento, esse empreendimento poderia trazer limitações ao recente e prodigioso campo de estudo. Os críticos de Moscovici apontavam isto como uma das fragilidades de suas elaborações.

Foi Jodelet, quase trinta anos após a publicação de *A psicanálise, sua imagem e seu público*, quem se propôs a assumir essa árdua tarefa. Seu trabalho foi além da proposição do conceito. Ele objetivava olhar para o que havia sido produzido em quase três décadas sobre representações sociais, e com isso, entender para onde estava caminhando esse campo de pesquisa. Assim, Jodelet entende que uma caracterização do conceito no qual a comunidade científica está de acordo, compreende as representações sociais como

Uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico (JODELET, 2001, p. 22).

Em sua revisão, Jodelet (2001) destaca que a representação social deve ser entendida sempre como a representação de um objeto e de um sujeito. A relação da representação social com os objetos é de simbolização e interpretação. Ao simbolizar, a representação passa a assumir o lugar do seu objeto, e ao interpretar,

outorga-lhe um significado. Os significados são o resultado da atividade do sujeito e, assim, são frutos de sua expressão e construção. A autora alerta que a significação pode levar as representações apenas a serem vistas por um viés cognitivo, considerando o sujeito de uma perspectiva epistêmica, somente do ponto de vista psicológico. Entretanto, o estudo das representações sociais comportam em si os processos de participação e pertença, social e cultural do sujeito.

A revisão conceitual de Jodelet (2001) também apresenta as representações sociais como uma forma de saber. O atributo dessa forma de conhecimento é ser prático. Ao se falar assim, está se referindo à experiência na qual ele é produzido, ou seja, nos contextos e nas condições em que ocorre. Ao qualificar as representações como conhecimento prático, também se pretende evidenciar sua função e eficácia social, que são: agir sobre o mundo e sobre o outro.

A comunicação social tem importância central nos fenômenos representativos. Segundo Jodelet (2001), ela permite a transmissão da linguagem, que, por sua vez, é portadora das representações. Ela ainda incorre sobre a estrutura e a forma do pensamento social, e faz isso, ao empenhar-se em processos de interação social, influência, consenso e polêmica. Por fim, ela também colabora para a fabricação das representações, pois são próprias da vida prática e afetiva dos grupos.

Para Jodelet (2001), as representações sociais cumprem algumas funções na manutenção da identidade social e na de seu equilíbrio sociocognitivo. Essa função torna-se evidente no surgimento de defesas diante do novo. Desse modo, quando a novidade irrompe, o trabalho de evitá-la instala-se a partir da ancoragem, que tem por objetivo torná-la familiar, transformando-a, a fim incorporá-la ao universo do pensamento já existente. Esse é um trabalho cognitivo essencial da representação. Outra função da representação social, segundo a autora, é orientar as condutas e as comunicações, e também justificar as relações sociais e as interações intergrupais.

Jodelet (2001) reforça o entendimento das representações sociais como um sistema de interpretação que conduz a relação do homem com o mundo e do homem com os seus semelhantes. Assim, elas orientam e organizam as condutas e também as comunicações sociais e ainda tomam parte em variados processos, tais

como: a difusão e assimilação de conhecimentos, a definição de identidades sociais e individuais, as transformações sociais e a expressão dos grupos.

As representações sociais, segundo Jodelet (2001), devem ser entendidas ao mesmo tempo como produto e processo de um trabalho de apoderamento da realidade exterior pelo pensamento. Devem ser entendidas também como uma organização psicológica e social da realidade. A autora, dessa maneira, enfatiza que os estudos com representações sociais estão focados em entender essa modalidade de pensamento segundo o seu aspecto constituinte e constituído, ou seja, os processos e os conteúdos.

Definir e tratar o conceito de representação social, para Jodelet (2001), é uma tarefa complexa, pois implica considerar as relações fronteiriças do fenômeno, reconhecendo sua dinâmica psíquica e social. A elaboração desse sistema teórico, segundo a autora, precisa, por um lado, reconhecer o funcionamento cognitivo e o funcionamento do aparelho psíquico, e, por outro lado, reconhecer o funcionamento do sistema social e suas interações, reconhecendo ainda sua capacidade de afetar a gênese, a estrutura e a evolução das representações. Por esse motivo, a autora salienta que os estudos com representações sociais precisam articular os elementos afetivos, mentais e sociais.

Para Abric (1994), tratar o conceito de representação social implica em fazê-lo de maneira detalhada. Para isso, é preciso entender que as representações sociais possuem quatro funções: funções de saber, funções identitárias, funções de orientação e funções justificatórias. A primeira função possibilita que a realidade seja compreendida e explicada. Sendo um saber de caráter prático, do senso comum, ela autoriza os atores sociais a apanhar conhecimentos e assimilá-los ao seu quadro de referência, em acordo com o seu funcionamento cognitivo e com seus valores.

As representações facilitam a comunicação social, sendo necessárias para que ela ocorra, pois formam um referencial que dá permissão à troca social, à transmissão e à difusão do saber. A função identitária, segundo Abric (1994), delimita a identidade e garante a especificidade dos grupos. As representações designam indivíduos e grupos no campo social autorizando a construção de uma identidade pessoal e social, que venha a ter compatibilidade com as normas e os valores sociais. A função identitária também desempenha a tarefa de controle social.

As funções de orientação, conforme o autor, dirigem comportamentos e práticas. As representações sociais é que irão definir as finalidades da situação, estabelecendo, assim, a priori, os modelos de relações concernentes para cada um dos sujeitos. Um sistema de antecipação e de expectativas é fabricado pelas representações, ocasionando na composição da ação sobre a realidade. Desse modo, selecionam-se, filtram-se e interpretam-se as informações a fim conformá-las a representação.

As representações sociais também estipulam o que pode ser feito e o que não pode, o que é certo e o que não é, o que é lícito e o que é ilícito. Isto se dá, pois elas exprimem as regras e os laços sociais. Sendo assim, elas prescrevem comportamentos. Por fim, Abric (1994) coloca que as representações têm funções justificatórias, pois elas autorizam as justificativas a *posteriori* das decisões tomadas e dos comportamentos ocorridos. Assim, elas permitem que os sujeitos expliquem e demonstrem as razões dos seus comportamentos, justificando suas ações. As representações estabelecem inicialmente quais atitudes cabem ao indivíduo em determinado contexto e situação, e ainda possibilitam que suas ações sejam explicadas.

Para Leme (1995), o entendimento da teoria das representações sociais passa pelo reconhecimento de sua base cognitivista. Porém, a autora entende que essa teoria não pode ser identificada com as teorias cognitivistas, principalmente as de origem estadunidenses, pois elas entendem a cognição como uma atividade individual. Diferentemente dessa posição, a teoria proposta por Serge Moscovici concebe a cognição a partir de sua relação com o social. O entendimento desse posicionamento é capital para a compreensão das representações sociais e a proposta de Psicologia Social a ela vinculada.

Leme (1995), em uma reflexão que se propõe a resgatar os impactos da teoria das representações sociais dentro da Psicologia Social e de suas teorias já estabelecidas, mostra que a proposta de Moscovici foi recebida por alguns psicólogos sociais a partir de comparações com as teorias vigentes, objetivando com elas entender suas contribuições e defasagens ao que vigorava.

A autora exhibe a comparação realizada entre a teoria dos esquemas e as representações sociais; comparação essa, defendida por alguns autores com a finalidade de gerar o enriquecimento de ambas. Leme, entretanto, adverte para a

impossibilidade dessa aproximação, pois a teoria dos esquemas segue um modelo individualista, por entender que o processamento das informações – a classificação e a categorização – dizem respeito, estritamente ao indivíduo.

A teoria dos esquemas também não aponta a origem das classes e categorias, deixando a entender que seu surgimento é espontâneo na cabeça das pessoas. A ancoragem, por sua vez, na teoria das representações sociais é entendida como um processo social, pois refletem uma realidade histórica e cultural.

Para Sandra Jovchelovitch (2000), entender da teoria das representações sociais implica compreender que o desenvolvimento das representações passa necessariamente pelo entendimento dos processos que lhe deram origem. Para tanto, a autora entende ser necessário considerar a existência de uma relação estrutural entre a gênese e o desenvolvimento das representações sociais. A partir de um pressuposto piagetiano, ela refuta a dicotomia entre processos e estruturas, sempre tão frequentes nas discussões sobre ações, afetos e cognição. Assim, para ela, a compreensão das representações deve seguir esse caminho, aceitando a relação indissociável entre estrutura e processo, existindo em uma relação recíproca.

As representações sociais, segundo Jovchelovitch (2000), precisam ser percebidas a partir de sua organização em campos que têm em si redes semânticas. Esses campos estão em permanente relação com as características históricas das sociedades nas quais afloram, não podendo ser, então, apartados da cultura, que define em cada sociedade os sentidos e as práticas que determinam a ação e a fala dos sujeitos. É preciso não perder de vista que os campos sofrem mudanças de acordo com a posição que cada ator possui no tecido social.

As redes semânticas que dão organização ao campo simbólico assumem diversas configurações, mudando, assim, em complexidade e também na maneira como a experiência imediata é utilizada na construção da representação de um objeto. Desse modo, as representações não se separam do dinamismo do cotidiano, lugar este, em que a efervescência do presente confronta-se muitas vezes com as tradições do passado, despertando novos sentidos para as tradições. A qualidade inovadora das representações sociais está confirmada na reflexividade de sua construção. Para a autora, constância e mudança, são traços permanentes das

representações, assim, tanto o passado como o presente estão imbricados em uma relação dialética, produzindo diálogo e estabelecendo realidades alternativas.

Para Jovchelovitch (2000), a formação de uma representação social abrange simultaneamente a expressão de identidade e de interpretação da realidade. Sendo assim, ao construir e organizar representações, os sujeitos sociais o fazem a fim de darem sentido à realidade, buscando apropriá-la e interpretá-la. Procedendo desse modo, os sujeitos estão afirmando quem são, como compreendem a si mesmos e como compreendem os outros. Estão também contando como estão situados no campo social e quais os recursos cognitivos e afetivos que possuem em um determinado momento histórico. As representações sociais manifestam a identidade dos seus construtores e, ao mesmo tempo, também, engajam-se na constituição identitárias daqueles que a constroem.

No entendimento de Jovchelovitch (2000), as representações sociais são estruturas, que, de maneira simultânea e de forma enredada, envolvem a cognição, os afetos e a ação. As representações envolvem a cognição porque são uma forma de conhecer o mundo. Elas são, assim, modos de saber e fazer que estão a se mover na sociedade, fazendo parte da cultura popular, científica e erudita, apresentando-se como auxílio à comunidade em sua empreitada de dar sentido a realidade e explicar o seu dia-a-dia.

Para a autora, os afetos estão presentes, porque o saber envolve o desejo de saber ou não. Assim, ao representar, o sujeito não apenas pensa, mas ele também sente, pois, ao proceder de tal modo, ele o faz em decorrência de suas motivações e seus intentos. A autora entende ainda que a ação está presente nas representações sociais, pois os sujeitos sociais, que sentem e pensam, desempenham atividades como falar, engajar-se, relacionar-se etc. Tudo isso são práticas sociais. As representações, portanto, estão envoltas em afetos, ações e cognição.

Um dos aspectos mais importantes das representações sociais na percepção de Jovchelovitch (2000) é que elas são processos de mediação social. São assim, por não se encontrarem colocadas nos indivíduos e nem na sociedade. Elas estão no espaço de intersecção entre os dois. Seu lugar, para a autora, não é no objeto e também não é no sujeito, mas no espaço da mediação, pois é nesse espaço que ela entende que estão fincadas as raízes das atividades simbólicas e, portanto, das

representações sociais. Esse espaço tanto liga como aparta o sujeito do mundo, do objeto. Para ela, é na mediação entre o sujeito social e a alteridade que as representações sociais se encontram. Desse modo, elas emergem e circulam na realidade intersubjetiva.

Sandra Jovchelovitch (2000), também ressalta a relação estrutural entre as representações sociais, as práticas comunicativas da esfera pública e os usos do poder. Em seu entendimento, as representações desenvolvem-se na mídia e nas conversações, porém são essas práticas que distinguem e constroem os espaços públicos. A autora, ao analisar as representações sociais na imprensa e nas conversações, notou o quanto elas são atravessadas por relações de poder, pois, como ela frisa, a estruturação de um relato nunca é neutra, sendo que uns produzem uma verdade sobre a realidade, enquanto outros produzem outra totalmente diferente, assim, em seu entender, isso mostra disputas simbólicas, que estão em relação direta com as lutas por poder na sociedade, entre grupos com maior e menor força. Essa desigualdade de força entre os grupos sociais, segundo ela, pode ser encontrada na própria estrutura das representações sociais.

1.1 Familiarização, objetivação e ancoragem

Segundo Moscovici, o objetivo das representações sociais é “tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade” (2003, p.54). Esse conhecimento prático, que é produzido no cotidiano das sociedades atuais, tem por objetivo possibilitar que toda informação que possa diferir do conjunto de saberes de um grupo social – causando estranhamento, divergência e gerando tensão – passe a ser integrado, incorporando-se ao senso comum. Nessa dinâmica de familiarização as representações são produzidas a fim de gerar uma acomodação das diferenças.

A dinâmica do pensamento social ocorre a partir da relação entre o familiar e o não familiar, entre o conhecido e o desconhecido. Todas as pessoas, objetos e acontecimentos são percebidos dentro da sociedade a partir dessa relação. A todo instante o passado está prevalecendo sobre o presente. Desse modo, toda novidade

dentro do corpo social é interpretada a partir da estrutura de conhecimento já produzida por seus membros.

Nessa perspectiva, entende-se que a memória tem um papel central nessa dinâmica, prevalecendo sobre a dedução. Um acontecimento extraordinário dentro do grupo não será compreendido e explicado a partir do raciocínio lógico, mas será percebido a partir de uma comparação imediata com outros acontecimentos já ocorridos no passado, tendo ou não uma relação lógica. Um sentido deve ser produzido e isso não ocorre a partir das análises de causa e efeito, mas sim, em conformidade com o corpo do conhecimento social.

A não familiaridade em seu diálogo com o familiar produz as representações sociais. As representações são produzidas a partir do conjunto de saberes existentes na sociedade, mas não apenas em decorrência deles, mas da dialética conhecido/desconhecido. As representações carregam em si a memória e a novidade, o passado e o presente. Porém, elas não são apenas inovação, como também não são apenas o antigo: elas são uma síntese.

Por exemplo, em uma sala de aula, onde uma das crianças apresenta um comportamento de extrema agitação, constantemente se movimentando dentro desse espaço, indo de um lado ao outro, sem atender a orientação da professora para manter-se sentado, falando sozinho, dizendo frases desconexas, tumultuando muitas vezes o andamento das aulas, provoca estranhamento no restante dos alunos.

Os demais alunos nunca haviam vivenciado uma experiência como essa e, diante dessa novidade, interpretam os comportamentos desse colega a partir de uma comparação com o que entendem ser um “louco”. Por ser o único em sua sala que age dessa maneira, essa criança passa a ser considerada anormal. Os outros alunos não tinham informações suficientes para entender esse estudante de outra maneira. Recorreram, assim, de forma imediata ao arcabouço de conhecimento da sociedade, que a eles já foi transmitido e que explica que os que não conseguem se adequar às normas sociais são considerados “loucos”.

Dessa forma, por não se adequar o aluno passa a ser reconhecido como “louco”. No diálogo entre o estranho e o habitual, ocorre a familiarização. De tal

modo, os comportamentos desse aluno, que num primeiro momento eram inexplicáveis e desconhecidos, passaram a se tornar conhecidos no momento em que ele foi classificado como “louco”. Os alunos dessa sala hipotética podem nunca antes ter experienciado um encontro dessa ordem, mas ao nomeá-lo, eles se familiarizam com o que antes causava estranheza.

O processo de familiarização pode ser melhor visualizado na pesquisa de Denise Jodelet. Jodelet – principal colaboradora de Moscovici na construção da teoria das representações sociais – em seu livro *Loucuras e Representações Sociais* (2005), apresenta sua enorme investigação no vilarejo francês, Ainay-le-Château, na década de setenta.

A pequena vila recebeu todos os pacientes de um extinto asilo psiquiátrico. A medida era parte de uma política que se propunha a mudar o tratamento das doenças mentais, retirando os pacientes de instituições totais e reinserindo-os na sociedade, alojando-os, assim, nessa vila, onde cada paciente passaria a morar com um dos habitantes. Esse cenário é por ela apropriado e transformado em seu laboratório. Sua pesquisa objetivava entender as teorias que eram produzidas pelos habitantes da vila a partir das suas relações com os doentes mentais. Assim, a pesquisadora queria entender como os moradores explicavam o que era a loucura e o que era o louco.

Nessa ousada e complexa pesquisa, Jodelet corrobora as hipóteses de Moscovici e traz avanços aos estudos das representações sociais. O procedimento por ela adotado tinha por objetivo isolar as concepções que orientavam a relação dos moradores com os doentes mentais e também conhecer com exatidão o contexto no qual a relação era estreitada, autorizando a criação dessas concepções. Dessa maneira, as representações poderiam ser tomadas pela pesquisadora enquanto produção, expressão e instrumento do grupo no trato da loucura.

Quando os moradores de Ainay-le-Château receberam e hospedaram os pacientes psiquiátricos, eles se deparam com o novo, com o inusitado, com o não familiar; com o passar do tempo, entretanto, eles foram se familiarizando com os seus hóspedes, incorporando-os à comunidade. O grupo assumiu o estranho e o transformou em conhecido. Com o tempo, algum visitante de passagem pelo vilarejo

não era capaz de notar a diferença entre o hóspede e o hospitaleiro, pois a diferença foi naturalizada, tornou-se rotineira.

No processo de naturalização se produziram as representações sociais da comunidade. No trivial do cotidiano as representações transitam. São utilizadas para que o mundo seja interpretado e para que ocorra comunicação e é nas representações que o que era estranho passa a residir. Ao se tornarem comuns as representações convertem-se em autoridade, não são mais questionadas, pois a sua banalidade faz com que sejam apenas obedecidas. Esse movimento fica evidente na obra de Jodelet (2005) e esclarece a força das representações sociais e como elas se desenvolvem.

O desenrolar das investigações em Ainay-le-Château trazem à tona uma série de ritos que os moradores desempenhavam ao se relacionarem com os doentes mentais. As mulheres que habitavam o vilarejo não lavavam suas roupas juntamente com as roupas dos doentes. Os doentes utilizavam seus próprios pratos e talheres em todas as refeições. Os talheres não eram guardados junto as demais louças da casa. Às crianças, cabiam manter-se a certa distância dos pacientes, não podendo nunca pensar em brincar com eles. Os pacientes não podiam ter relações sexuais com qualquer residente da vila. Todos esses comportamentos chamaram a atenção de Jodelet (2005), pois eles iam na contramão do discurso receptivo empregado por toda a comunidade. Ela percebeu, ainda, que os diversos esclarecimentos efetuados por médicos e enfermeiros, dizendo que as doenças mentais não eram transmissíveis, não foram capazes de convencer os moradores, não libertando-os, assim, do medo do contágio. Os ritos tinham por finalidade prevenir a todos de um possível contágio e também permitia o estabelecimento de uma distinção entre o são e o louco, delimitando, dessa forma, uma hierarquia diferenciadora.

Nesses ritos, Jodelet (2005) percebe a representação dos loucos e da loucura criada pelos moradores da comunidade. Essa descoberta, segundo Moscovici (2005), é o ponto alto da obra de sua colaboradora, pois, em seu entendimento, essas ações põem em movimento um conteúdo que é conservado pela concordância do grupo, promovendo dessa forma explicações que se quer tornar eficazes a partir de condutas particulares.

Os comportamentos executados nesses rituais ocorrem a partir da aceitação de certas ideias e crenças como verdadeiras (transmissão da doença mental), admitidas por consenso. Assim, essas ações são determinadas pelo que representam, e dessa forma, representam apenas o que é considerado real. Jodelet, dessa maneira, evidencia o papel da ação na construção de uma representação e também na sua efetivação e perpetuação, ajudando a esclarecer a função das representações sociais enquanto criadoras da realidade.

O movimento de familiarização, desse modo, é inerente às representações sociais. Moscovici (2003), dando seguimento ao exame desse fenômeno, explica que o processo de tornar familiar só é possível devido ao funcionamento de dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem, segundo Moscovici, é o procedimento de “classificar e dar nome a alguma coisa” (2003, p. 61). Para ele, tanto as coisas como as pessoas, ao não serem classificadas e nomeadas tornam-se estranhas, ameaçadoras e podem chegar a não existir para a sociedade. Dessa maneira, esse processo faz o objeto estranho, não familiar, que incomoda e inquieta, ser integrado ao sistema de categorias já existentes. O estranho é comparado pelo sujeito – indivíduo ou grupo – ao paradigma de uma determinada categoria que é julgada apropriada. Havendo a comparação, o objeto não familiar passa a adquirir as características da categoria a que foi comparado, passando, então, a ser reajustado para nela se enquadrar. Sendo a classificação aceita, qualquer opinião que se referir à categoria irá também se referir ao objeto que antes era estranho.

As pessoas ou objetos que não possuem nome não podem ser examinados, não podem ser analisados e não podem ser descritos aos demais membros do grupo. Isso produz medo e resistência em todos. Ao ser classificado e nomeado, o que antes era inominável, passa a existir, pois começa a ser reconhecido e a ele os indivíduos podem se referir, podendo dele falar. O não familiar se torna familiar. Sendo nomeado ele pode ser representado, reproduzido. Pode ser imaginado.

Quando um objeto é classificado – ajustado em uma classe – ele se torna confinado a um conjunto de regras e comportamentos que irão estipular o que é e o que não é permitido a todos aqueles que pertencem a essa classe. Cada classe possui um protótipo que a representa. Esse protótipo é a síntese de todas as

características comuns dessa classe. A síntese é uma idealização de pontos relevantes, como também é a matriz icônica dos pontos identificáveis. O estranho ao ser classificado passa a ser identificado com todas as características da classe. Os protótipos são aceitos como representantes de uma classe. Eles são compostos por uma série de características escolhidas que os identificam. Assim, a classificação ocorre quando o desconhecido é comparado com o protótipo da classe. Desse modo, aproximam-se as características do modelo com as características do não conhecido. Essa aproximação permite que aquilo que antes era ignorado passe a ser enquadrado dentro de uma classe, passando então a existir. Para todas as classes existe um protótipo. Existe um para escola, para família, para chefe, para pai, para médico, para político, para estudante, etc.

Uma classificação não é realizada a partir da neutralidade. Sujeito e grupo ao empreenderem uma classificação fazem-na a partir da atribuição de valores. Cada classe, segundo Moscovici (2003), recebe um valor, positivo ou negativo. Esse processo de valoração ocorre segundo a hierarquia de valores da sociedade em que a classe é produzida. A neutralidade não é permitida. Coisas e pessoas devem assumir um lugar na escala hierárquica dos valores sociais. Os protótipos representantes de cada classe estão também envolvidos em valores. Ao transformar o desconhecido em conhecido, a partir de sua classificação, um valor também é atribuído. Por exemplo, quando uma pessoa é ajustada em uma classe, tal como: judeu, comunista, muçulmano ou protestante, imediatamente é atribuído a ela um valor.

Para Moscovici (2003), a sociedade a todo instante está criando classes a partir dos indivíduos. Dessa maneira, o conjunto social tenta adaptar o sujeito em uma categoria. Assim, explica o autor, que, quando uma pessoa tenta compreender outra, na verdade ela está tentando reconhecer a que categoria essa pessoa pertence. Ele ainda vai mais longe ao afirmar que ancorar implica na colocação do predicado sobre o sujeito.

O processo de criar categorias, conforme explica Moscovici (2003), é conseguido a partir de duas maneiras: generalizar e particularizar. A generalização permite que as distâncias sejam diminuídas. Dessa forma, a característica de uma categoria é selecionada e estendida a todos que estão ajustados a ela. A

característica eleita é considerada extensiva a todos os membros da categoria. Por sua vez, ao particularizar, mantém-se uma distância do objeto para que ele seja mantido sob análise, para então, compará-lo com o protótipo, a fim de tentar descobrir o que o torna distinto. Criar categorias a partir de generalizações ou particularizações não reflete uma postura puramente intelectual. Essa criação objetiva definir o normal e o anormal em relação à norma social.

Segundo Moscovici (2003), não é possível classificar sem dar nome ao mesmo tempo. Ao designar nome a alguma coisa, tira-se ela do anonimato. Ao receber um nome, ela ser apontada e comunicada. Pode receber adjetivos. Pode ser ligada a outras coisas ou pessoas. Ela, assim, é retirada do caos e da confusão em que estava imerso por não ter um nome. Uma vez nomeada, tanto coisa como pessoa, podem ser descritas e podem adquirir características; podem, ainda, tornarem-se distintas de outras coisas ou pessoas; e podem, também, tornar-se objeto de uma convenção entre os que adotam a mesma convenção.

Grupos e pessoas, ao nomear e classificar, têm por objetivo tornar fácil a interpretação das intenções e dos motivos que estão presentes nas ações dos homens, sendo essa sua preocupação fundamental. Os humanos são seres que a todo instante buscam compreender o mundo em que estão inseridos, atribuindo sentido às ações dos seus semelhantes e também as coisas que povoam o seu mundo. Ao interpretar, nomes são criados e categorias são invocadas e estabelecidas. As categorias possibilitam a efetivação das interpretações.

O segundo mecanismo de familiarização é a objetivação. A objetivação possibilita a união do não familiar com a realidade. Por esse mecanismo o abstrato ganha o status de concreto. Moscovici explica que “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (2003, p.71). Dessa maneira, uma ideia nova e estranha, que não possui um significado concreto e preciso, será comparada a uma ideia familiar retirada do estoque conceitual da sociedade. Tal comparação permitirá que a ideia estranha venha a ser ligada à ideia já existente na memória da coletividade.

Esse movimento pode ser visto na laboriosa tarefa de um pai em tentar explicar ao seu pequeno filho o que é Deus. Esse conceito abstrato, sem base referencial com o concreto, sem materialidade, e, por isso, sem imagem, deve ser

elucidado a um ser de pouca idade. Diante disso, o pai lança mão de uma explicação corrente na sociedade e diz que Deus é o papai do céu. Ao se remeter a essa explicação que não é uma criação individual, mas sim um produto coletivo, o pai faz o que sua sociedade já fez. Por ser Deus um conceito abstrato e sem referências icônicas, ele é associado ao conceito de pai que é concreto e possui uma imagem. Assim, Deus passa a estar ligado ao conceito de pai, recebendo a concretude que lhe faltava. A criança nesse caso sabe o que é e quem é o seu pai. Dessa forma, Deus passa a ser então o pai de todos que mora no céu. A falta de concretude dá lugar a um conceito que possui substância, solidez.

Quando o grupo se defronta com palavras sem vinculações com a concretude do real, ele se vê obrigado a ligar a palavra a um equivalente não verbal, a uma imagem. Moscovici (2003), entretanto, alerta que nem todas as palavras podem ser vinculadas a imagens, pois, primeiramente, não há imagens suficientes disponíveis para isso, e, segundo, algumas imagens estão ligadas a tabus. Entretanto, as imagens que forem selecionadas devido a sua capacidade de representar passarão a fazer parte do núcleo figurativo. Esse núcleo é um complexo de imagens que reproduzem de forma visual um complexo de ideias. A sociedade é quem seleciona os conceitos que receberão poderes figurativos. Essa seleção ocorre a partir das suas crenças e do seu estoque de imagens.

Moscovici (2003), explica que, quando uma sociedade aceita um conceito novo ou um núcleo figurativo, torna-se fácil para ela falar sobre eles e sobre tudo o que a eles se relaciona. Por essa facilidade as palavras que se referem a esse conceito passam a ser utilizadas com maior frequência. Não apenas se falam desses novos conceitos, como eles também passam a serem utilizados para explicar as coisas, as pessoas e para escolher e decidir. A partir do uso, fórmulas e clichês começam a aparecer a fim de sintetizá-lo e novas imagens que, outrora eram distintas, passam a acumular-se ao seu redor.

Aos poucos e após ser muito empregada, a ideia que antes era novidade e foi sendo incorporada à sociedade a partir de ligações com imagens, passa a ser usada fora do seu contexto inicial e em decorrência disso a imagem é separada da ideia. Ao ser separada, a imagem fica solta e sua utilização se dá sem referência com a ideia inicial a que estava ligada. A imagem solta e apartada começa a ser aceita pela

sociedade como uma realidade, como uma realidade admitida por todos. O conjunto social, após utilizá-la muito, esquece a distinção entre realidade e imagem. A imagem, assim, deixa de ser o signo da ideia e passa a replicar a realidade. A ideia perde, portanto, o seu status abstrato e adquire uma existência quase física e livre. Passando a ser vista quase que como um fenômeno natural por todos que a utilizam.

Numa segunda fase, Moscovici (2003) esclarece que a imagem é assimilada totalmente por aqueles que a usam, tendo o seguinte resultado: o concebido passa a ser substituído pelo percebido. As imagens são indispensáveis para a comunicação e também para a compreensão social, porém, elas não podem existir sem o contato com a realidade. Sabendo disso, a sociedade encontra uma realidade para as imagens. Dessa forma, a diferença entre a representação e o que ela representa é provida. As imagens deixam de ser elementos do pensamento para se tornarem elementos da realidade.

Desse modo, as imagens deixam de ocupar um lugar específico entre os objetos reais e as palavras que lhes dão sentido. Passam a existir como os objetos, de tal sorte que são o que significam. A cultura faz com que ideias, palavras e conceitos convertam-se em objetos, tornando-os semelhante ao vivo e ao inerte, ao subjetivo e ao objetivo, ao psicológico e ao biológico.

Moscovici (2003) compreende que cada cultura possui uma determinada maneira de criar as suas representações. Para ele, a cultura ocidental faz uso constante das objetivações. Ao objetivar a sociedade está personificando. Está colocando substantivos em lugar de adjetivos, verbos e advérbios. Segundo o dicionário Michaelis online (2012), substantivo é o “designativo da palavra que, exclusivamente e sem auxílio de outra, designa a substância; que designa um ser real ou metafísico”. Dessa forma, ao utilizar um substantivo no lugar de verbos e adjetivos, está ocorrendo à associação de coisas sem substância com seres vivos, seres com substância. A gramática, assim, está sendo objetivada, pois, as palavras não somente representam coisas, como também criam coisas e as revestem com seus próprios atributos. Desse modo, a linguagem funciona como um espelho que pode possibilitar a separação entre aparência e realidade. Separando o que se vê do que realmente existe e do que o representa. A sociedade, ao inventar e produzir

nomes, a fim de conferir forma abstrata a substâncias ou fenômenos complexos, transforma esses mesmos nomes em substância e fenômenos.

Conforme Sá (1995), ancoragem e objetivação têm funções distintas e complementares. A primeira tem por função duplicar uma figura por um sentido, fornecendo um contexto mais compreensível a um objeto passível de interpretação; a segunda tem a função de duplicar um sentido por uma figura, oferecendo materialidade a um objeto abstrato. Na dinâmica entre ancoragem e objetivação, tanto sujeito como grupo enfrentam o não familiar, e assim, superam a ansiedade por ele produzida lidando com a memória. Na ancoragem, a memória é dirigida para dentro, pois está, a todo instante, colocando e tirando de lá objetos, eventos e pessoas, para, portanto, classificá-los de acordo com um tipo e também dar-lhes um nome. A objetivação, por sua vez, dirige a memória para fora, para, desse modo, extrair de lá imagens e conceitos para poder uni-los e reproduzi-los no mundo exterior, podendo, dessa maneira, tornar as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

1.2 Teoria do núcleo central

As pesquisas em representações sociais também se desenvolveram dentro de um contexto experimental, em especial as pesquisas desenvolvidas no laboratório de Psicologia Social da Universidade de Provence, coordenadas por Jean-Claude Abric e Claude Flament. As pesquisas experimentais com representações, segundo Sá (2002), não cumprem a função de suprimir a influência social e cultural sobre os processos psicológicos. Pelo contrário, deseja-se experimentar a influência das representações participantes da cultura sobre os comportamentos. Os experimentos conduzidos por esses pesquisadores têm por objetivo validar a hipótese de que o comportamento dos grupos e sujeitos são motivados pelas representações das situações e não pela situação objetiva em si. Essa hipótese subverte toda a tradição experimentalista em psicologia social de origem anglo-saxã. Para Abric e seu grupo, a representação é quem estabelece o significado dos comportamentos e das interações, e nunca o contrário.

Jean-Claude Abric, em sua tese de doutoramento na Universidade de Provence, em 1976, desenvolveu estudos com representações sociais e propôs uma teoria complementar aos postulados de Moscovici. Sua proposta é a teoria do núcleo central. Em seu entendimento a

organização da representação tem uma característica particular, pois os elementos da representação não são somente hierarquizados, mas além disso, toda representação se organiza ao redor de um núcleo central, que por sua vez, é constituído de um ou de alguns elementos que dão a representação o seu significado. (ABRIC, 1994, p. 19, tradução nossa)

Abric (1994) entende que o núcleo central é um subconjunto da representação. Ele é formado por um ou alguns elementos, que podem desestruturar a representação devido a sua ausência, como podem também oferecer-lhe um significado totalmente diferente. Sendo assim, o núcleo central é composto de elementos que possuem um lugar privilegiado na estrutura das representações. Dessa forma, ele é produto tanto da natureza do objeto representado, como também da relação que o sujeito estabeleceu com o objeto.

O núcleo central, segundo Abric (1994), tem um papel na estruturação e no funcionamento das representações sociais, assim, ele possui duas funções: geradora e organizadora. A função geradora diz respeito à capacidade do núcleo central de criar ou de transformar a significação dos demais elementos que compõem a representação, sendo ele, então, que permite que os outros elementos tenham sentido. Por sua vez, a função organizadora é a capacidade do núcleo central em definir a natureza dos laços que unem os elementos da representação. É ele o elemento que une e estabiliza a representação.

Fora essas funções, Abric explica que o núcleo central é o elemento mais estável da representação, pois é ele quem lhe garante a continuidade em contextos móveis e evolutivos. Assim, é ele quem resiste às mudanças. Modificá-lo, implica na transformação completa da representação. É por estas características que a distinção entre uma representação social e outra está em seu núcleo central. Representações diferentes possuem núcleos centrais diferentes.

Conforme Abric (1994), as representações sociais são estruturadas por características contraditórias, assim, elas são ao mesmo tempo estáveis e móveis, rígidas e flexíveis. São também consensuais e marcadas por diferenças interindividuais. Desse modo, a teoria do núcleo central propõe que as representações sejam entendidas como unidade combinada por um sistema interno de caráter duplo. Assim, elas são compostas por um sistema central e um periférico. O sistema central contém o núcleo central da representação. Por sua vez, o sistema periférico realiza a complementaridade do sistema central, sendo indispensável a ele.

Sá (2002), em uma sistematização da teoria do núcleo central, explica que o sistema central é prescrito por condições históricas, sociais e ideológicas. Isso faz então que ele seja determinado pela memória coletiva e pelas normas a ela atreladas. O sistema central tem por função ser consensual. Ele, assim, garante a homogeneidade de um grupo. Outra característica sua é ser resistente a mudanças. Desse modo, ele é estável e coerente, cumprindo outra função, ser a permanência da representação. Todas essas características o fazem ser, até certo ponto, não dependente do contexto material e social.

O sistema periférico, conforme aponta Sá (2002), possui maior sensibilidade às características imediatas do contexto, diferentemente do outro sistema. Esse sistema tem, por função primária, permitir que o sistema central se realize no estabelecimento das condutas.

Por ser maleável, o sistema periférico cria possibilidades para que o sistema central regule-se e se adapte às circunstâncias concretas que aparecem para o grupo. Também é sua função prover proteção a significação central da representação, recebendo o impacto das novas informações e eventos capazes de questionar o núcleo central. Por ser de caráter flexível, o sistema periférico dá permissão para que a história própria do sujeito ou do grupo possa ser incorporada à representação, construindo, assim, representações individualizadas ao redor do núcleo central.

O sistema periférico, desse modo, faz com que as representações sociais tolerem a heterogeneidade e as contradições da dinâmica social, sem comprometer o núcleo central, alterando, assim, sua significação. Ao proceder dessa forma, as

representações acompanham o desenvolvimento dos grupos sem comprometer o seu núcleo, resistindo às transformações. O sistema periférico atua, portanto, dentro de uma dinâmica de complementaridade ao sistema central.

Entender as representações sociais a partir da teoria do núcleo central implica reconhecer as representações como uma unidade de caráter duplo, constituída por um sistema central e um sistema periférico, em que ambos estão implicados em uma relação dialética, não sendo possível compreender o funcionamento de um dos sistemas sem levar em consideração o outro. Nesse movimento dialético ambos se complementam ao mesmo tempo em que parecem ser contraditórios.

Em virtude do que foi mencionado até aqui e dando ênfase às proposições de Jovchelovitch (2000), ressalta-se a relação estrutural entre as representações sociais e a comunicação midiática. Os apontamentos dessa autora são contundentes ao evidenciarem que as representações se desenvolvem por meio da mídia e das conversações, pois são elas que constroem os espaços públicos. Suas asserções mostram a importância de se atentar às produções midiáticas quando se quer entender a produção e a circulação das representações sociais.

Desse modo, ao olhar a charge como um gênero jornalístico opinativo, que veicula suas mensagens a partir de imagens humorísticas, constata-se sua capacidade de criar e disseminar diversas representações. A charge, ao tratar um assunto, o faz a partir da emissão da opinião do veículo que a pública. Mais especificamente, são as charges publicadas na página editorial de um jornal, que expressam as opiniões dessa organização. Ao opinar sobre um tema do cotidiano, a organização jornalística intenta construir uma verdade sobre a temática em questão. Procedendo assim, o jornal está fabricando representações sociais que irão alimentar o pensamento social. Está também travando uma disputa simbólica no seio da sociedade com outros agentes sociais, a fim de fazer prevalecer suas verdades.

Analisar as charges sobre Dilma Rousseff publicadas na *Folha de S. Paulo*, é reconhecer que esse gênero jornalístico emite opiniões sobre essa personagem pública. É reconhecer também, que esse veículo está propondo uma verdade sobre ela. Ao fazer isso, o jornal está colaborando para construção de uma representação social sobre a presidente, podendo, então, incrementar o pensamento social sobre

ela. As representações sociais expressas via humor, têm a seu favor a capacidade de serem palatáveis, pois, por meio do riso, desviam-se das barreiras da razão e podem ser aceitas. Ao fabricar uma representação sobre Dilma, as charges estão almejando defini-la; estão tentando delimitar sua identidade, querendo, assim, demarcar quem é essa figura política.

2 A charge

A caricatura, segundo Fonseca (1999), é fruto do Renascimento, pois são as ideias tanto estéticas como humanísticas desse período que possibilitaram o surgimento dessa arte. Diferentemente do período medieval, caracterizado por seu teocentrismo – concepção presente também no meio artístico – na renascença o homem passou a ser a medida de todas as coisas. A mudança de paradigma permitiu que os traços e as formas humanas, que o homem em si, passasse a ser o objeto das obras artísticas, permitindo, assim, o desenvolvimento e a exploração do retrato. Os artistas desse período passaram a discutir a importância do retrato ser fiel ao modelo, tentando, com isso, fixar regras para a sua execução. Fonseca (1999) ao citar E. H. Gombrich enfatiza que o surgimento do retrato caricatural introduz no universo teórico das artes a diferença entre semelhança e equivalência. Ao tentar ser semelhante, o retrato expõe o seu modelo a partir da idealização. A caricatura, no entanto, ao se portar de modo irreverente, aproxima-se da equivalência, pois objetiva apresentar a personalidade real do seu modelo. O retratista busca esconder os defeitos do seu objeto. Em oposição a isso caminha o caricaturista, que se esforça para explorar as suas imperfeições e deformidades.

A história do desenvolvimento da caricatura esta diretamente atrelada ao desenvolvimento dos métodos de impressão. Desse modo, também a popularização dessa arte esteve diretamente vinculado à difusão do saber possibilitado pelo surgimento da imprensa, pois, num período em que não existia um meio de reproduzir as caricaturas, poucas pessoas tinham acesso a elas em larga escala (NETO e SANCHOTENE, 2008). A gravura, segundo Fonseca (1999), foi o suporte principal da ilustração a ser reproduzido até a metade do século XIX. Num primeiro momento, foi reproduzida através de métodos que empregavam a madeira, para depois passar a ser confeccionada em metal. No entanto, a gravura trazia um problema, pois ela obrigava o artista a submeter a obra criada á interpretação de um técnico gravador.

O artista, de acordo com o autor, libertou-se dessa limitação com o surgimento da litogravura no final do século XVIII. Essa nova técnica possibilitou ao desenhista executar sua arte segundo seu próprio estilo, sem ter que traduzi-la a

outro, onde correndo o risco de não ser compreendido. Ela ainda permitia que a caricatura fosse enriquecida com traços e tonalidades análogos à pintura. A litografia (ou litogravura) é um procedimento de impressão que utiliza uma matriz com superfície plana, não tendo relevo nem sulco.

Desse modo, uma pedra calcária com superfície extremamente plana era utilizada como matriz, denominada de pedra litográfica. O desenho que se pretendia imprimir devia ser decalcado (ou marcado) e fixado na superfície da matriz com tinta e também com algum outro material gorduroso. Em seguida, a pedra deveria ser completamente molhada com água. Por sua vez, a água se conservava retida nas partes porosas que não haviam sido cobertas pelo desenho. Após isso, a pedra era tintada e a tinta era retida apenas no desenho. Procedia-se assim a impressão através de uma prensa.

Todo esse procedimento passou pela evolução industrial. A pedra, desse modo, passou a ser substituída casualmente por materiais como chapas de zinco ou alumínio. Aproximadamente no final do século XIX e início do século XX foi criada a impressora litográfica *offset*. Com a litografia a caricatura evoluiu significativamente, pois os artistas passaram a ter acesso a uma riqueza de traços, texturas e meios-tons. Antes desse método de reprodução, outros mais rudimentares eram utilizados, tais como a xilogravura, gravura em metal, ponta seca, água-forte e a água-tinta. As imagens com o advento da imprensa, em 1450, e depois com a litografia, e mais os tempos modernos com a computação gráfica, passam a compor obras das mais variadas, desde os livros até os periódicos, culminando com sua massiva circulação.

Segundo conta Fonseca (1999), a caricatura surge na renascença. É fruto do estudo e esforço dos Carracci. Lodovico Carracci (1555-1619) fundou a *Accademia degli Incamminati*, em Bolonha (durou apenas três anos) porém, ao perceber o tamanho do projeto que pretendia, convidou seus primos Agostino Carracci (1557-1602) e Annibale Carracci (1560-1609). Os três criaram um novo estilo de expressão, que foi fortemente influenciado pelos padrões de beleza barroco.

A base para o novo estilo foi encontrada nos grandes mestres do renascimento, como Rafael, Ticiano e Correggio. Com a formulação desse novo estilo, eles pretendiam possibilitar que a arte pudesse ser ensinada. Os Carracci

eram devotos da observação cotidiana: tudo o que estava ao redor deles, as coisas comuns do dia-a-dia tinham o potencial de se tornar objeto de pintura.

Foi o interesse pelo trivial que os conduziu à caricatura. Começaram, então, a se atentar às deformidades inerentes ao corpo humano e à comicidade desse fato. Desse modo, caberia ao artista apenas explorar aquilo que a natureza iniciou a fim de despertar o riso do espectador. A obra dos Carracci rapidamente passou a ser imitada dando início à popularização da caricatura.

A partir desse período, as caricaturas caíram no agrado dos colecionadores, que passaram a agrupá-las em álbuns. O que antes era a circulação e comercialização avulsa de folhas com cartuns – nesse período ela era chamada de *estampe* (estampa) e não de caricatura – passou a ser organizado em publicações.

A vulgarização dessa arte fez com que aos poucos ela fosse se transformando. Num primeiro momento, ela detinha-se apenas sobre o peculiar do homem, para, num segundo momento, passar a contemplar questões políticas, sociais e culturais.

Fonseca (1999) aponta a necessidade de se observar que o nascimento e desenvolvimento da caricatura ocorre de forma concomitante ao da imprensa. Para o autor, a caricatura pessoal trabalhava apenas com o indivíduo. A charge, por sua vez, passa a tornar-se social na medida em que começa a retratar os grupos e suas peculiaridades, justamente num período, em que as fronteiras começaram a diminuir por contribuição da imprensa.

As caricaturas espalham-se pelo mundo de forma gradual a partir da Inglaterra. O desenvolvimento das caricaturas na França e na Inglaterra ocorreu de forma independente, porém mantendo pouca relação com os diversos movimentos artísticos, diferentemente da Alemanha, onde elas se identificaram com ideias literárias, filosóficas e artísticas.

A história da caricatura francesa possui um célebre personagem, Honoré Daumier (1808-1879), que, segundo Lima, Fonseca e muitos outros artistas e historiadores, foi sem dúvida um dos maiores caricaturista de que se tem notícia. Sua pericia artística possuía extrema conexão com as questões políticas e sociais

do seu tempo. Através de sua arte promovia profundas reflexões sobre o poder e suas instituições, como também sobre o cidadão francês, precisamente o parisiense.

Em 1832, uma gravura de sua autoria retratando o rei Louis-Philippe, rendeu-lhe seis meses de prisão. Ao longo de sua carreira colaborou assiduamente com os jornais franceses. Muito, porém, lhe entristecia ser reconhecido apenas com um desenhista de charges, mesmo tendo sido elogiado e reconhecido por Balzac, Michelet, Baudelaire, Jules Dupré e tantos outros membros da elite artística. Sua obra, no entanto, obteve grande reconhecimento após sua morte.

2.1 A charge no Brasil

A caricatura foi introduzida somente na metade do século XIX na América Latina por espanhóis e portugueses. A Argentina, entretanto, também foi influenciada por artistas franceses. O Brasil, por sua vez, pode ver o desenvolvimento das caricaturas apenas a partir da segunda metade do século XIX. Este fato decorreu devido às sanções impostas por Portugal ao Brasil, que proibiam a existência da imprensa em solo brasileiro. Devido a isso, a primeira charge brasileira de que se tem notícia, segundo Lima (1963), é de 1837, e foi atribuída a Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879). O progresso, entretanto, dessa arte não foi imediato. Este veto só foi revogado com a vinda da família real portuguesa ao Brasil e a consequente transferência da corte de terras lusitanas às terras tupiniquins. Momento em que os portos brasileiros foram abertos. É importante ressaltar que a criação de Gutemberg é de 1450, sendo portanto, quase contemporânea ao descobrimento do Brasil. Todavia, foram necessários pouco mais de trezentos anos para que a tecnologia nestas terras aportasse.

Como apontaram Lima (1963) e Fonseca (1999), o progresso da arte caricatural sempre esteve diretamente associado ao desenvolvimento da imprensa. Fato corroborado no caso brasileiro, pois somente nesse período que começaram a serem criadas as primeiras oficinas gráficas, autorizando, desse modo, a impressão de livros e periódicos. A imprensa, no entanto, era apenas tolerada, sem contudo, serem permitidas críticas ao governo. Mesmo com tantas restrições, ela participou

das campanhas pela independência. Efetivado o processo de emancipação do Brasil, diversos estrangeiros começaram a chegar por aqui, instalando oficinas de litografia e tipografia, de tal sorte, tornando possível o desenvolvimento da imprensa.

A imprensa, segundo Fonseca (1999), teve grande participação e liberdade no período da abdicação de Dom Pedro I e durante a Regência, o que fomentou ainda mais o desenvolvimento de uma imprensa ainda principiante, ocasionando, então, no rápido surgimento de diversas publicações, folhas humorísticas independentes. Os jornais desse período não publicavam gravuras. As gravuras eram comercializadas como estampas avulsas. A gravura se inseriu na imprensa, na medida em que as novas tecnologias que permitiriam isso começaram a desembarcar nos portos brasileiros. O seu definitivo estabelecimento dentro das publicações, no entendimento de Fonseca, ofereceram maiores possibilidades à crítica jornalística e expandiram sua abrangência, pois, a partir disso, texto e imagem passaram a caminhar juntos.

A primeira caricatura a surgir em solo brasileiro foi publicada em 1837, para comercialização em folha avulsa. Segundo Lima (1963), ela foi publicada sem assinatura, porém estudos históricos apontaram que sua autoria era de Manuel de Araújo Porto Alegre. Essa primeira charge era uma crítica dirigida ao jornalista Justino José da Rocha, pelas propinas por ele recebidas para editar o *Correio Oficial*. O primeiro periódico a circular no Rio de Janeiro com caricaturas, segundo Fonseca (1999), foi *Lanterna Mágica*, que circulou apenas entre 1844 e 1845, sob a editoria também de Manuel de Araújo Porto Alegre.

É unânime entre estudiosos do tema (MARINGONI, 2011; FONSECA, 1999; LIMA, 1963; SIMÕES, 2010; VERGUEIRO, 2011) que o homem que revolucionou a imprensa ilustrada no Brasil império foi o italiano Angelo Agostini (1843-1910). Agostini se destacou pela publicação sistemática e regular de charges, uma novidade para esse período. Seja como editor seja como colaborador, sua arte esteve presente em diversas publicações ilustradas, *Diabo Coxo*, *O Cabrião*, *O Arlequim*, *Vida Fluminense*, *Dom Quixote* e *Tico Tico*. Mas foi em *Revista Ilustrada*, que circulou de 1876 a 1891, que sua obra ganhou destaque. Nessa publicação sua arte apareceu carregada por um sentido político, o que lhe deu notoriedade foram suas empreitadas contra a abolição da escravatura e a Proclamação da República.

Sua produção também se estendeu ao gênero das histórias em quadrinhos e das ilustrações de obras infantis.

O segundo império, sob o comando de Dom Pedro II (1825-1891), foi de maior liberdade, permitindo o florescimento de publicações que veiculavam críticas ao regime político e a sociedade da época. Pouco tempo após a Proclamação da República a imprensa brasileira observava o surgimento de grandes jornais, – as pequenas publicações continuavam a surgir e a desaparecer com grande rapidez – caracterizados como companhias empresariais. Exemplo disso é o *Jornal do Brasil* que surgiu em 1891. Novas tecnologias foram introduzidas na imprensa em 1895, por exemplo, o prelo *Derriey* para impressão de cinco mil exemplares por hora. As revistas ilustradas deram início à fotogravura, ampliando as possibilidades para o manuseio de gravuras. Com isso, em 1896, a *Gazeta de Notícias* iniciou a publicação de caricaturas de políticos, artistas e personalidades. Em 1907, ela deu início à publicação de clichês em cores (FONSECA, 1999; TEIXEIRA, 2001).

A imprensa brasileira do final de século XIX e início do século XX continuava a ser integrada por revistas ilustradas independentes. Segundo Fonseca (1999), as três primeiras décadas dos anos 1900 veem o despontamento de quatro grandes revistas ilustradas: *Revista da Semana*, *O Malho*, *Fon Fon!* e *Careta*. Essas publicações veiculavam críticas aos governantes, às ações dos políticos, às políticas implementadas pelos governos, aos hábitos da população e aos vícios da sociedade. Foram esses veículos que hospedaram os grandes nomes da charge desse período, dentre eles, a grande trindade da caricatura brasileira segundo Herma Lima (1963): J. Carlos, Raul e K. Lixto.

A década de 1930 foi marcada por grandes mudanças políticas, econômicas e sociais. A indústria brasileira se consolidou e passou a se expandir. Segundo Fonseca (1999), esse período de transformações impactou o desenvolvimento dos grandes veículos de imprensa, sobretudo sua estrutura empresarial. Surgiram nesse momento os jornais: *A Manhã*, *Diário da Noite*, *A Noite*, *O Dia*, *A Manhã*, *O Globo*, *Diário Carioca*, etc. Ainda nesse tempo, surgiram as revistas: *O Cruzeiro*, *O Mé*, *A Lanterna*, *O Papagaio*, *Vida Nova*, *A Cigarra*, *Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana* e *Revista do Globo*, etc. Todas essas revistas abriram grande espaço para o trabalho dos chargistas, fomentando o desenvolvimento dessa arte de forma

significativa. Porém, dentre elas foi *O Cruzeiro* – mídia de maior circulação na época – e a *Cigarra* quem mais espaço ofereceu às ilustrações. Foram essas duas publicações que revelaram o expressivo talento de artistas como Millôr Fernandes, Péricles, Carlos Estevão, Alceu Penna, Armando Moura, Ziraldo e Appe. O progresso das tecnologias de impressão desse período permitiu um salto de qualidade das charges. Esses avanços foram proporcionados pela litografia e pela rotogravura. À sátira política brasileira foram abertas novas possibilidades criativas.

A instauração do Estado Novo em 1937 foi realizada juntamente com o estabelecimento de instituições que visavam censura à imprensa. Para Fonseca (1999), a postura autoritária desse governo põe freio ao desenvolvimento de originalidade em que viviam os chargistas. Esse posicionamento prejudicou também o crescimento que envolvia a imprensa nacional. Como estratégia para escapar dessa atrofia, tanto mídia como caricaturistas, voltaram seus olhares para assuntos externos, por exemplo, a II Guerra Mundial. Isso lhes deu novo fôlego criativo, que continuou, com o fim do regime ditatorial, se perpetuando na retomada democrática. Dentre os chargista foi Belmonte quem mais caracterizou esse movimento.

Após dezenove anos de regime democrático o Brasil foi tomado mais uma vez por uma ditadura. Em 1964 o país foi assaltado por um golpe militar. A imprensa livre sempre é um obstáculo aos governos ditatoriais. Desse modo, torna-se alvo da censura. A imprensa censurada fica impedida de investigar e noticiar, não cumprindo a razão de sua existência. As caricaturas e as charges como discursos veiculados pela imprensa automaticamente sofrem as mesmas sanções impostas a todos os outros discursos. O governo de 64 não agiu de forma diferente de outras ditaduras: instituiu a censura e calou a imprensa. Lima (1963) e Fonseca (1999), ao estudarem o curso histórico da arte caricatural brasileira, apontaram as diversas vezes que o desenvolvimento dessa arte foi bruscamente interrompido por regimes totalitários, sendo períodos em que não houve saltos de qualidade. Entretanto, a ditadura da década de 60 foi surpreendida por uma novidade chamada *O Pasquim*.

Fundado em 1969 por Tarso de Castro, *O Pasquim* era um semanário humorístico. Nasceu em um conturbado período político, mas não se acovardou. Foi combatente da ditadura militar. Alguns de seus colaboradores foram presos e perseguidos pelo regime. Denunciou o autoritarismo dos militares; lutou pela

discriminação das minorias; questionou o puritanismo; defendeu a liberação sexual e apontou a hipocrisia dos políticos. Segundo Fonseca (1999), suas matérias ousadas provocaram até mesmo mudanças na cultura brasileira. Suas reportagens exploravam bastante o uso de ilustrações e de fotografias. Os seus textos eram construídos de forma descontraída, empregando gírias e palavrões. Seu período de maior tiragem foi durante o governo militar. A abertura política e o retorno da democracia provocaram a diminuição da sua tiragem. Em 1991 suas atividades foram encerradas. O *Pasquim* tornou nacionalmente conhecido o nome de seus colaboradores, como Jaguar, Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, Henfil, Ziraldo, Tarso de Castro, Fortuna, etc (NETO e SANCHOTENE, 2008).

Da primeira caricatura publicada por Manuel de Araújo Porto Alegre até os dias atuais, a charge continua sendo um instrumento muito usado pela grande imprensa brasileira. Os grandes jornais as colocam em espaços de destaque. Elas aparecem ilustrando as matérias políticas às do cotidiano. As tirinhas possuem um espaço cativo nesses veículos. Da mesma forma, são as histórias em quadrinhos que continuam de um dia para o outro e estão presentes ainda no caderno dirigido ao público infanto-juvenil. A diversidade do uso do discurso chargístico é fato: ora é usado junto ao editorial, ora é usado de forma adjunta a um texto a fim de facilitar sua compreensão. As publicações de menor tiragem, sejam nacionais, sejam regionais, exploram o uso dessa arte. O mercado midiático também possui reservas a obras que trabalham apenas com ilustrações, como as publicações humorísticas e as publicações destinadas às crianças e aos jovens.

Tudo isso pode ser constatado nos grandes veículos nacionais. A *Folha de S. Paulo* e *O Globo* fazem uso constante de ilustrações. A *Folha de S. Paulo* destina um espaço no alto de sua página editorial para charges. O caderno de política utiliza caricaturas. As reportagens dos demais cadernos são acompanhadas ora por ilustrações, ora por fotos. O *Globo* publica suas charges na parte inferior da primeira página. Seu caderno político faz uso de caricaturas e os demais cadernos estruturam suas matérias alternando gravuras e fotos. Igualmente o fazem as revistas semanais de maior circulação no país: *Veja*, *Época*, *Isto É* e *Carta Capital*. Essas quatro publicações empregam caricaturas junto aos seus textos, fazem isso em todas as suas seções.

2.2 A charge e suas definições

A comunicação por meio da sátira, em específico, a charge, chama a atenção por sua importante participação no campo político nos dias atuais, tanto nos embates eleitorais, como nos embates simbólicos. Apresentam-se como veículos capazes de proporcionar um olhar diferente sobre as disputas por poder e influência, abrindo, assim, um espaço diferente para à crítica e à reflexão.

Em sua grande obra, *História da caricatura no Brasil*, publicada em 1963, Herman Lima – que dedicou 20 anos de sua vida para completar essa tarefa, gerando um compêndio de quatro volumes em mais de 1600 páginas – entende que a caricatura, ao firmar o seu espaço como uma arma de grande poder na imprensa, por possuir alcance universal, atingindo letrados e não letrados, ganha grande importância como arte, e não apenas problematiza a política e a sociedade, como também pode servir de matéria-prima para a História e a Sociologia. A caricatura, ao carregar as características de um episódio social, passa a divulgá-lo, ao mesmo tempo em que o interpreta e o analisa. Ao longo dessa obra, o autor não faz distinção entre caricatura e charge, ambas possuem o mesmo significado.

Rabaça e Barbosa definem charge como um “cartum cujo objetivo é a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (1987, p.126). Diferentemente do cartum, que utiliza bonecos que representam seres humanos comuns, a charge utiliza elementos da caricatura, por representar pessoas específicas. Para Xavier (2001), a principal diferença está em que o cartum utiliza ideias gerais, universais e atemporais, enquanto que a charge está sempre fundamentada em um determinado momento histórico. Para Rabaça e Barbosa (1987), a charge considerada de boa qualidade deve conseguir apresentar ao leitor uma síntese dos temas do dia-a-dia. Por estar assim, diretamente ligada aos acontecimentos do cotidiano, a compreensão da charge só é possível mediante um conhecimento prévio por parte do leitor dos assuntos que a compõe.

Joaquim da Fonseca (1999) ao estudar a arte da caricatura a define do seguinte modo:

A caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria dos casos, uma característica saliente é apanhada ou exagerada. Geralmente caricatura é produzida tendo em vista a publicação e com destino a um público para quem o modelo original, pessoa ou acontecimento é conhecido. (FONSECA, p.17, 1999)

De maneira geral, Fonseca (1999) entende que a caricatura designa uma forma de arte que pode ser expressa seja pelo desenho seja pela pintura seja pela escultura. A utilização da deformação física como metáfora de uma ideia na construção de uma caricatura, como por exemplo, a caricatura política, é apenas uma das facetas dessa arte. De forma alguma, no entendimento do autor, é a única. Nessa perspectiva geral da caricatura, ele entende que suas outras formas são a charge, o cartum, o desenho de humor, a tira cômica, a história em quadrinhos de humor e o desenho animado.

A charge, segundo Fonseca (1999, p. 26), é “uma representação pictórica de caráter burlesco e caricatural [...]. Seu caráter é temporal, pois trata do fato do dia”. É de origem francesa, vindo de *charger*, que, segundo o dicionário Michaelis online (2002), significa “carregar, encarregar, onerar”. Desse modo, é um cartum que tem por objetivo a sátira de algo em específico, por exemplo, uma ideia, algum acontecimento, alguma pessoa ou até mesmo uma situação, porém, geralmente, o fato específico está relacionado ao mundo político, sendo, então, de conhecimento público.

O cartum, para Fonseca (1999, p. 26), é a contraposição da charge, pois é “atemporal e é universal, pois não se prende necessariamente aos acontecimentos do momento”. O cartum, então, é um desenho caricatural de cunho humorístico, que pode apresentar legendas ou não. Sua preocupação é tratar de temas gerais que envolvam a humanidade. Temas que não precisam, assim, estarem atrelados ao cotidiano.

O cartum pode ser composto com elementos das histórias em quadrinhos, por exemplo, balões de falas, onomatopéias, subtítulos e divisões de cena. Sua narrativa, desse modo, pode ocorrer em cena única ou em uma sequência de cenas. Conforme Fonseca (1999), o termo cartum tem sua origem na língua inglesa,

cartoon, que significa cartão, que por sua vez, é derivado do italiano *cartone*, que quer dizer pedaço grande de papel. O vocábulo italiano referia-se ao moldes em que eram perfurados em cartão resistente com a finalidade de transpor desenhos em obras de grande porte como os murais, ou ainda, as tapeçarias. O mesmo termo se referir-se-ia ainda a pequenos projetos em escala que eram desenhados em cartões para poderem ser reproduzidos e também ampliados. Entretanto, o neologismo *cartum*, cunhado de forma aportuguesada apareceu no Brasil na revista *Pererê*, de Ziraldo, em fevereiro de 1964, e assim passou a ser utilizado pelos profissionais dessa arte.

A história em quadrinhos ou as tiras cômicas, segundo Fonseca (1999), são manifestações humorísticas. Esse gênero do humor gráfico tem por característica ser uma narrativa feita a partir de desenhos que possuem continuidade sempre de uma sequência à outra. Esta continuidade se dá a partir da fixação de um elenco de personagens, que podem fazer uso ou não dos diálogos e das legendas. A história em quadrinhos tem por fundamento básico de sua linguagem o painel, ou seja, um desenho estruturado dentro de uma moldura, que quase sempre é retangular ou quadrada e deve ficar ou isolado ou ligado aos demais painéis que compõem a sequência. Desse modo, os painéis são organizados em tiras ou em páginas. Sendo assim, a tira é um grupo de painéis em sequência. As tiras, desse modo, são organizadas de forma extensa na construção da narrativa.

Fonseca (1999) apresenta a caricatura pessoal como um gênero do desenho humorístico. Esse gênero é estruturado como metáfora, pois utiliza a particularidade física da pessoa, exagerando-a, para veicular uma ideia. Para o autor, a caricatura pessoal não precisa necessariamente ter um comentário social ou político, pois, em seu entendimento, ela pode ser produzida apenas para promover o divertimento ou tão somente como expressão artística.

Herman Lima (1963) descreve a arte do chargista dando especial proeminência a dois atributos. Primeiramente, ele entende que a caricatura tem a capacidade de caracterizar um homem ou uma coisa. Por possuir grande poder de síntese, a charge pode apresentar os traços físicos e morais do seu modelo. Ela ousa, dessa forma, em definir quem é seu objeto, pois os riscos do desenhista objetivam apresentar sua identidade ao grande público. O segundo atributo,

apresentado pelo autor, é a capacidade que essa arte possui de transitar entre todos os segmentos sociais. Por ser estruturada a partir dos traços de um artista, empregando prioritariamente a imagem para veicular seus sentidos, ela traz em si a possibilidade de ser acessada por sujeitos letrados e não letrados. Isso permite que ela não fique aprisionada no universo dos leitores. Mesmo podendo ser constituída também por um texto, sua imagética continuará a ter o poder de transmitir sentidos em detrimento do escrito, pois o desenho pode falar por si mesmo. Sendo assim, um sujeito não alfabetizado poderá ser comunicado por suas mensagens. Essa característica habilita a charge a circular por diferentes classes sociais, atestando, dessa maneira, seu grande poder de abrangência.

Diferente do que pensavam os italianos renascentistas, Lima (1963) concebe a caricatura não apenas como um retrato ridículo que põe em evidência o exagero da particularidade física, pois ele, seguindo Robert de la Sizeranne, entende que esta é a arte de caracterizar. A caricatura, nessa perspectiva, deve estar a serviço de sublinhar algum gesto único do homem, algum aspecto inesperado da fisionomia humana, enaltecendo, assim, as belezas de sua natureza. Ao caminhar por essa direção, o autor destaca a função da caricatura de ressaltar a singularidade de algo ou alguém. Ao acentuar uma característica, a caricatura poderá estar reconhecendo alguma particularidade superior e essencial do seu objeto.

Tornar-se modelo de uma caricatura implica ser reconhecido como um sujeito famoso. As charges estampadas nas páginas dos jornais não retratam pessoas desconhecidas, mas estar ali implica ser uma pessoa de projeção na sociedade. A arte da caricatura é este reconhecimento. O trabalho do chargista colabora para a publicização de quem ele retrata. A cada charge, mais conhecido se torna o alvo desse artista. A não somente sua imagem ganha grande reconhecimento, mas também, as características de sua personalidade e de suas práticas passam a ser sabidas por todos (MELO, 2003).

Ao retratar o seu objeto empregando a deformação, Lima (1963) entende que o desenhista está realizando a caracterização de um indivíduo ou de uma coletividade. Ao desenhar desse modo, o artista faz com que o seu modelo passe a se tornar singular, diferenciando-se de outros indivíduos ou ainda dando destaque a um grupo, permitindo que ele seja identificado pelas características realçadas nos

riscos do chargista. A personagem criada numa charge a fim de representar um sujeito típico de uma determinada cultura é construída não segundo apenas semelhanças fisionômicas de um sujeito qualquer, mas é elaborada em detrimento dos hábitos dessa cultura, ao ponto que, ao olhar a personagem estampada nas páginas de um jornal, e ao sair para andar em meio aos representantes da cultura retratada, choca-se, pois é possível encontrar as peculiaridades da personagem materializadas no povo que ela representa.

Não são as charges, para Lima (1963), que fazem os homens ridículos, mas são os próprios homens, por seus atos e comportamentos, que são ridículos. Desse modo, o autor posiciona o ridículo como inerente ao humano e não à arte do desenhista. Segundo ele, a caricatura é uma arma de grande potência nos tempos modernos, não sendo necessário que o artista dê demasiada atenção à deformação e à distorção do seu objeto, pois sua eficácia está em expressar suas ideias a partir dos seus traços, apresentando aí sua faceta de intelectual, que tem a seu favor uma linguagem que pode ser apreendida pela grande maioria. O autor vai além, ao salientar que um dos principais atributos da charge está contido em sua facilidade em despertar o interesse do grande público, trazendo sua atenção para o seu conteúdo. E ao fazer isso, não o faz com exclusividade sobre uma única classe social, pois sua força está em penetrar e ser aceita nas diversas classes de uma sociedade. Lima (1963) pontua que a função política da charge de tecer críticas aos que estão no poder e aos costumes de um povo, é cumprida com êxito, ao atingir os diversos segmentos sociais.

A pesquisa de Connors (2007) sobre as charges políticas produzidas sobre as eleições presidenciais de 2004 dos Estados Unidos propõe uma reflexão sobre o uso de elementos da cultura popular na construção das charges, pois, em seu entendimento, utilizá-la possibilita uma aproximação de um público mais amplo com os assuntos políticos, fato que em seu entendimento não seria possibilitado por outras linguagens. Essa pesquisa vai ao encontro dos posicionamentos apresentados anteriormente, ao reforçar o singular da charge que é ser estruturada por assuntos do cotidiano e do senso-comum. Ao longo de sua argumentação o autor frisa a capacidade das charges em oxigenar o debate político.

Lima (1963), chama a atenção para a aptidão da caricatura em alcançar o status de símbolo. Como exemplo disso, ele fala sobre a criação do Tio Sam, que se tornou um representante do povo estadunidense e dos seus valores. Ele ainda conta que o Tio Sam, com suas calças listradas, seu colete estrelado e seu chapéu em formato de chaminé, foi fortemente influenciado pelas caricaturas sobre Lincoln. Com esse exemplo, ele enfatiza a importância e a força dessa arte dentro da sociedade.

Souza (2009) reconhece a charge como um gênero do discurso, fundamentando sua afirmação ao apontar que em sua estrutura a charge possui estabilidade. Esse atributo é percebido pela autora ao entender que as características desse gênero apresentam uma função/objetivo, tais como: presença do elemento não-verbal; ironia; crítica a uma personagem a um fato político e humor. Desse modo, a charge possui duas principais funções comunicativas: o humor e a crítica.

Ao tratar do discurso humorístico, Souza (2009), em concordância com Possenti, expõe que esse texto nada traz de novo em seus temas, apenas retoma discursos já existentes, entretanto a novidade está contida no humor e na maneira peculiar com que ele trata dos fatos a sua volta. Souza (2009) chama a atenção ainda para a existência de um contrato social que permite as pessoas que utilizam esse tipo de discurso tratarem de temas considerados complexos e proibidos para a sociedade, sem serem julgados por isso. Ao fazer essa ressalva, a autora mostra a permissão social que possui a charge como um discurso humorístico para debater os temas vetados, evidenciando, assim, sua importância como gênero discursivo a ser pesquisado.

Xavier (2001) diferentemente de Souza (2009), analisa as charges a partir da perspectiva do chargista. Para ele, fazer charge é fazer uma arte que depende de identificação imediata de referências comuns e sociais, exigindo que o chargista esteja atento aos valores de sua sociedade, pois sua obra tem por matéria prima o senso-comum. Assim, para o autor, esse artista possui três funções: I) fazer a crítica de sua sociedade, apontando suas incongruências; II) mostrar à sociedade aquilo que ela possui mais dificilmente reconhece; e III) reconhecer e captar antes dos

demais uma tendência futura para à qual caminha a sociedade, antes disso estar propriamente estabelecido.

2.3 Charge e opinião

José Marques de Melo (2003), ao estudar o desenvolvimento do jornalismo, em específico o caso brasileiro, aponta a necessidade de iniciar uma diferenciação entre as categorias do jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Para ele, essa discussão acompanha a história do jornalismo, mas não deve ser negligenciada, pois isso inviabilizaria a compreensão do ofício jornalístico. Desse modo, a narrativa dos fatos é o jornalismo informativo, enquanto que a expressão das ideias é o jornalismo opinativo.

A distinção para Melo (2003) entre as duas categorias jornalísticas deve ser realizada a partir de dois vieses: um profissional e o outro político. O viés profissional implica apontar os limites em que se move o jornalista, ora passando pelo dever de informar, ora passando pelo poder de opinar. O viés político, por sua vez, está presente na relação da instituição jornalística com o Estado e na maneira como o veículo é conduzido a fim de direcionar o olhar dos leitores para matérias que aparentemente são informativas, mas que na verdade têm por objetivo influenciá-los. Ao apresentar essas distinções, o autor está retomando o debate que acompanhou o desenrolar do jornalismo e está assumindo que o fazer jornalístico comporta a apresentação dos fatos e das ideias, sendo que ambos assumem uma dimensão ideológica que é comum a esse fazer. Para o autor, a mídia é um aparelho ideológico que trabalha influenciando pessoas, comovendo grupos e mobilizando comunidades.

No entendimento de Melo (2003), quando a imprensa começou a se desenvolver deixando de ser um empreendimento individual para se tornar uma organização capitalista complexa, passou a contar com o trabalho de profissionais assalariados e colaboradores. Esse movimento fez com que a opinião que antes era única, pois o jornal era feito por poucas mãos, passasse a ser fragmentada, devido ao grande contingente de pessoas que passaram a trabalhar. Esse jornalismo

industrial passou a comportar uma diversidade de opiniões, que, segundo o autor, não representa de forma alguma um pluralismo. Como ele lembra, toda organização jornalística possui uma linha editorial que guia as atividades de todos os seus membros e entrelaça todas as notícias veiculadas dando-lhes um sentido próximo. Desse modo, a linha editorial não permite o pluralismo, mas também não estabelece uma única opinião.

A variedade das opiniões no entendimento de Melo (2003) tem espaço na complexidade dessas organizações. Isso ocorre a partir dos diferentes gêneros opinativos existentes dentro do veículo. Esses gêneros, segundo o autor, emergem de quatro núcleos: a) a empresa, b) o jornalista, c) o colaborador, d) o leitor. A empresa manifesta sua opinião através do editorial e da orientação editorial oferecida a todos os seus membros. O jornalista – sendo o profissional que mantém vínculos empregatícios com a empresa – apresenta sua opinião sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, artigo e caricatura. O colaborador é uma personalidade da sociedade civil – que ao buscar espaço na vida política e cultural, faz uso do espaço da imprensa – expressa sua opinião em formato de artigos. Por fim, o leitor expõe sua opinião a partir das cartas.

Melo (2003), desse modo, posiciona a caricatura como um gênero opinativo dentro do jornal. Para ele, o universo opinativo não está restrito ao texto, sendo também incorporado pela imagem. A imagem tem a seu favor a capacidade de influenciar um número maior de pessoas, maior que o público letrado, que por sua vez, pode ser influenciado por editoriais, artigos e crônicas. Para o autor, a caricatura enquanto imagem permite que o leitor acesse de maneira rápida as informações que busca, ao mesmo tempo em que contacta a opinião do jornal. A partir do humor o leitor é impactado imediatamente com a opinião do veículo, aproximando-se das suas críticas ao sistema político ou das suas reflexões sobre a cotidianidade da vida social.

Para Rabaça e Barbosa (1987), a charge é caracterizada por três aspectos: a interpretação, a crítica e a capacidade de síntese. Essas características lhe outorgam o peso de editorial. Alguns veículos jornalísticos utilizam-na diretamente como editorial. Desse modo, elas são construídas para ilustrar a opinião do jornal. Assim, o assunto exposto nas linhas editoriais aparece concomitantemente nos

traços da charge. Outros veículos, por sua vez, posicionam as caricaturas no editorial, mas não as dirigem explicitamente a fim de igualá-las ao texto do editor. Entretanto, elas continuam sob influência da linha editorial do jornal. Para os autores, as duas formas de uso da charge propaguem os pensamentos e posicionamentos do jornal, ou seja, ela possui as mesmas características do editorial: ela é opinativa.

Nessa direção segue Melo (2003), que reconhece que a charge é a manifestação explícita e permanente de opinião, tendo por finalidade emitir juízos através do humor. Em concordância com Ramón Columba, o autor entende que essa arte está posicionada na sociedade como um tribunal supremo, legitimado pela opinião pública, estando pronto para apontar todos os excessos da sociedade ou da política que estejam sob suspeita de corrupção. Nessa corte, o autor admite que as provas não são necessárias para que o juízo seja emitido, bastando apenas suspeitas.

A charge, enquanto gênero jornalístico, na concepção de Melo (2003) e Nery (1998), realiza uma função social de maior profundidade que a emissão habitual da opinião do veículo. Para o autor, a charge é um instrumento eficiente de persuasão. Essa eficácia é decorrente da capacidade da imagem jornalística de motivar o leitor, somada a sua aptidão em permitir que a opinião seja percebida de forma rápida. Por essas características e por serem acessíveis a um grande público, as charges por diversas vezes foram rechaçadas pelos donos do poder, por temerem a força do alcance das suas mensagens.

Próximo aos pressupostos de Melo (2003) caminha a concepção de Cinara Augusto (2006). Para ela, a charge cumpre requisitos básicos da propaganda. Isso ocorre a partir do humor contido nos traços físicos exagerados de suas personagens. Esses traços, ora acentuam, ora revelam, algumas das facetas do objeto da caricatura. Procedendo assim, ela faz rir ao mesmo tempo em que remete a brincadeira. Para, portanto, chamar a atenção e despertar o interesse do público para que aceitem a mensagem pretendida.

No entendimento de Augusto (2006), o vigor da charge está caracterizado não apenas por seus fins opinativos, mas também por sua constituição persuasiva.

Desse modo, para a autora, a força de persuasão da charge está contida no modo como ela é estruturada. Isso ocorre, porque o fazer do chargista é fortalecido pela

leitura apoiada na imagem e o texto complementar sintético, como na linguagem dos quadrinhos, contribuem para facilitar a comunicação e a compreensão rápida da mensagem, sem maiores esforços do receptor. Em sua síntese e simplicidade, a charge sugere mais do que fala. (AUGUSTO, 2006, p.155-156)

Entretanto, ao defender os componentes da propaganda na charge, Augusto (2006) faz uma distinção entre uma e outra. Em seu entendimento a diferença está na capacidade da propaganda se assumir como publicidade, ou seja, a propaganda reconhece sua intenção de influenciar as tomadas de decisão em relação a um determinado produto. A charge, por sua vez, oculta suas intenções de influir sobre os pontos de vista do receptor. Ao comparar e aproximar charge e propaganda, a autora está reconhecendo em sua análise a capacidade da linguagem chargística de influenciar a formação de opinião.

O veículo midiático amplia seu poder de alcance ao não se limitar a publicar suas opiniões apenas a partir do texto editorial, mas também utiliza a força da imagem. Com isso ele pode atingir letrados e não letrados. Pode ainda ampliar a extensão de influência sobre variados grupos etários, por exemplo, alcançando os adultos ao mesmo tempo em que alcança jovens e adolescentes. Sua força de persuasão está alicerçada na transmissão da opinião através do humor. O uso do artifício humorístico possibilita que a mensagem seja transmitida de maneira suave, tentando contornar uma possível resistência do leitor.

A linguagem da caricatura tem a seu favor a capacidade de difundir suas ideias de forma muito mais veloz que o texto, isso se deve a sua natureza imagética. A imagem humorística emite a opinião do jornal com precisão e rapidez através da leveza do riso.

Portanto, as charges publicadas no editorial de um jornal são opinativas. Desse modo, ao analisá-las, é possível acessar a opinião do veículo sobre determinado assunto. A opinião publicada pode revelar a visão de mundo da mídia

em questão. Assim, as charges sobre Dilma Rousseff publicadas na *Folha de S. Paulo* expõem a opinião do jornal sobre a presidente. Cada caricatura divulgada tem por objetivo tornar público as avaliações que o veículo jornalístico faz sobre a governante, mostrando, por exemplo, o desenrolar de sua trajetória política, as políticas por ela implementadas, as características das suas ações, como são percebidas suas relações com outros poderes e também com outros políticos, etc.

3 Metodologia

Essa pesquisa é de natureza documental. Seu objeto de análise são as charges que retrataram Dilma Rousseff publicadas no Jornal *Folha de S. Paulo*. Sua amostra foi composta por 171 charges. Elas foram retiradas do acervo online da *Folha de S. Paulo*². As charges selecionadas foram publicadas na página A2 do jornal, na seção *Opinião*. Nessa seção são publicados os editoriais, os artigos opinativos dos colaboradores, a subseção *Tendências/Debates*³, as cartas dos leitores, as erratas e as charges.

A amostra pesquisada foi composta por charges que foram publicadas de 1º de janeiro de 2010 a 31 de dezembro de 2012. Essa amostragem contemplou 36 meses de publicação. Esse intervalo de tempo foi selecionado por permitir a coleta de publicações referentes aos períodos pré-eleitoral, eleitoral, transição de governo e a primeira metade do mandato.

O período pré-eleitoral abrangeu as especulações sobre Dilma Rousseff como possível pré-candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) à Presidência da República nas eleições de 2010. Desse modo, contemplou o desligamento de Dilma da chefia da Casa Civil no dia 31 de março, em conformidade com a lei eleitoral. Sua pré-candidatura se tornou oficial nesse ato.

O período eleitoral teve início em junho, mês em que ocorreram as convenções partidárias. No dia 13, Dilma teve sua candidatura oficializada pela convenção do PT. Esse período também abrangeu o início do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral sucedido no dia 17 de agosto. O período eleitoral, diz respeito ainda, ao primeiro pleito ocorrido no dia 3 de outubro e ao segundo ocorrido no dia 31 de outubro.

² <http://acervo.folha.com.br/>

³ Tendências/Debates é um espaço composto por dois textos que discorrem sobre um mesmo tema a partir de perspectivas diferentes

O período eleitoral se findou com a vitória de Dilma Rousseff. Iniciando a partir daí a transição de governo. Nesse momento começou a ser organizada a nova equipe de governo. A equipe de governo é composta por ministros, presidentes e diretores de empresas estatais e todos os demais cargos comissionados. O último período analisado teve início com a posse de Dilma no dia primeiro de janeiro de 2011. Nesse período a amostra contemplou a primeira metade do governo Dilma. Foi nesse momento que as ações de Dilma como presidente e a implementação de suas políticas começaram a ser retratadas pelas charges.

A seleção das charges para compor a amostra da pesquisa foi realizada de forma criteriosa. Foram selecionadas apenas as charges que retratavam Dilma Rousseff a partir do traço ou da menção ao seu nome. As charges escolhidas faziam alusão direta à presidente. Dessa forma, cada charge selecionada apresentava Dilma como sua personagem, mesmo quando a referência era feita apenas por meio do texto, tanto na legenda, como na caixa de diálogo. Sendo assim, as charges eleitas foram coletadas por pertencerem a um intervalo de tempo pré-estabelecido e por se referirem diretamente à presidente.

O conjunto de 171 charges foi analisado a partir da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin. Esse método possibilitou que as charges fossem reconhecidas como produções simbólicas contextualizadas social e historicamente. Assumir que as charges são produtos simbólicos implica reconhecer que elas têm o objetivo de atribuir valor aos fatos cotidianos. Entender que elas são produções que pertencem a um contexto social e histórico é saber que são estruturadas segundo valores que foram fabricados ao longo da história de uma sociedade.

O empreender dessa metodologia protegeu o pesquisador de se lançar em interpretações simbólicas de caráter apenas abstrato, como se os símbolos existissem na ausência da sociedade e de sua história, fato que não permitiu que a análise das charges acontecesse sem a consideração do veículo midiático que a produziu, sendo nessa pesquisa, a *Folha de S. Paulo*. A Análise de Conteúdo foi à ferramenta que permitiu o entendimento de como as charges da *Folha* colaboraram na produção das representações sociais de Dilma Rousseff.

3.1 Análise de Conteúdo

As charges coletadas foram analisadas a partir da análise de conteúdo. Laurence Bardin (1977) ao resgatar a história e os fundamentos desse método, o definiu como um instrumento das ciências humanas para analisar dados oriundos da comunicação. Para a autora, o método pode ser empregado em diferentes situações, tais como: análise de entrevistas de profundidade, análise de sessões de psicoterapia, análise de questionários, análise de obras literárias, análise de discursos políticos, análise de veículos midiáticos e etc.

Bardin define a análise de conteúdo como o “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 38, 1977). Para a autora, a intenção dessa técnica é a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (idem).

Desse modo, no entendimento da autora, a análise de conteúdo é um método utilizado para investigar as comunicações de forma sistemática, a fim de que o produto da análise possibilite ao investigador interpretar o conteúdo do que foi comunicado. No entendimento de Bardin (1977), o resultado da análise permite ao pesquisador acessar a natureza psicológica, sociológica, política e histórica do material investigado.

Para Bardin (1977), essa metodologia possui duas funções: a) função heurística e b) função de administração de provas. A primeira função do instrumento é enriquecer a atividade explanatória, aumentando as possibilidades de concretização das descobertas. A segunda função é permitir que hipóteses formuladas em questões ou em afirmações provisórias possam ser verificadas pela análise sistemática do método, assim, a análise pode servir de prova. Para a autora, essas duas funções trabalham de modo complementar, dessa forma, uma não exclui a outra.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo ocorre em três fases. Na primeira fase desenvolve-se a pré-análise. Na segunda fase executa-se a exploração do material. Na terceira fase empreende-se o tratamento dos resultados, a partir da inferência e da interpretação dos dados.

A pré-análise é a primeira fase de execução do método. Para Bardin (1977), essa fase corresponde à organização da estrutura da pesquisa. Portanto, nesse período se estabelece os objetivos da pesquisa, escolhem-se quais materiais serão analisados e define-se o referencial teórico que possibilitará a interpretação do produto da análise. Durante a pré-análise o pesquisador faz o primeiro contato com o material que será estudado.

Após a organização do material a ser pesquisado, inicia-se a segunda fase. Nessa fase a análise de conteúdo é concretizada. Desse modo, os dados coletados começam a ser codificados. A codificação é a “transformação [...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou de sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (BARDIN, 1977, p.103). A codificação permite ao pesquisador acessar os sentidos veiculados pelos dados analisados.

A codificação inicia-se com os recortes de unidades de registro. A unidade de registro é a unidade que carrega os significados do texto ou da imagem analisada, ou seja, a unidade é a portadora do conteúdo do material pesquisado. Sendo assim, empreender a análise de conteúdo implica em primeiramente acessar os significados do texto e depois recortá-los, destacando-os assim, através da criação de unidades de registro. Diversas unidades de registro podem ser recortadas de um único material. A unidade de registro é a unidade base desse método, a partir dela criam-se categorias e também se realiza a contagem de sua frequência de aparição e repetição no material. Para Bardin (1977), a unidade de registro pode ser construída a partir de critério semântico ou linguístico. As unidades de registro dessa pesquisa foram geradas segundo critérios semânticos. Sendo assim, as unidades foram criadas a partir dos temas veiculados pelos dados.

Com o fim da codificação, o pesquisador passa a ter uma variedade de unidades de registro que foram extraídas do material analisado. Após essa etapa, inicia-se o processo de categorização. Categorizar é uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1977, p. 117). Desse modo, categorizar é classificar e agrupar as unidades de registro segundo suas semelhanças e diferenças. A categorização permite que os significados destacados na análise sejam agrupados com seus semelhantes. Ao fim desse processo, o pesquisador tem acesso aos sentidos veiculados pelos dados e também tem acesso ao produto de sua classificação. Assim, é possível saber sobre as semelhanças e as diferenças dos sentidos portados pelo material, podendo entender como eles se articulam a fim de produzir o sentido último para que foram empregados.

A terceira fase proposta por Bardin (1977) é a análise dos resultados dos processos de codificação e categorização. Nessa fase, os dados brutos, gerados até então, são interpretados a luz do referencial teórico que orienta a pesquisa. O diálogo desses dados com a teoria permite a realização de inferências.

3.2 Procedimentos da pesquisa

O universo dessa pesquisa é formado por 171 charges publicadas na *Folha de S. Paulo*. Conforme explicado anteriormente, esse universo foi constituído por charges que retrataram Dilma Rousseff e que foram publicadas entre 1º de janeiro de 2010 e 31 de dezembro de 2012. Concluído o levantamento desse material, iniciou-se a análise dos dados.

Durante a pré-análise as charges foram agrupadas segundo o mês e o ano de sua publicação. Após isso, todas foram lidas e re-lidas diversas vezes, realizando assim, o que Bardin (1977) chamou de leitura flutuante. Depois da leitura, as charges foram catalogadas em uma tabela. Essa tabela continha a data de

publicação, o nome do autor e o título da charge. Algumas charges não possuíam título e também não faziam menção ao nome do autor.

A análise teve início com a implementação do processo de codificação. Cada charge foi analisada segundo suas características semânticas. A charge é uma linguagem confeccionada a partir de imagem e texto, desse modo, optou-se por analisar o tema por ela veiculado. A análise abrangeu os significados que as imagens portavam, ao mesmo tempo que contemplava os significados veiculados pelo texto, seja no título, seja na caixa de diálogo. Sendo assim, as unidades de registro foram geradas a partir do tema extraído de cada charge.

Para explicar o que é tema Bardin (1977) recorre a uma definição de Berelson. Assim, a autora entende que tema é uma afirmação sobre um assunto. Dentro dessa pesquisa compreende-se a charge a partir do posicionamento de Melo (2003). Desse modo, a charge é classificada como um gênero do jornalismo opinativo. Por ser assim, seu objetivo é opinar sobre assuntos do cotidiano da sociedade, dentre eles, a política. Ao emitir uma opinião sobre a política a charge está manifestando os valores e as crenças do chargista e do veículo midiático que a publicará. Os valores são afirmações expressas através do humor. Sendo assim, o tema de uma charge é a afirmação que ela emite sobre algum acontecimento social, no caso dessa pesquisa, o acontecimento é a política.

Diante disso, o processo de codificação teve o objetivo de criar unidades de registro a partir dos temas veiculados por cada charge. Os temas das charges são as afirmações que elas exprimem sobre um assunto da política. Cada charge analisada portava um único tema. Cada charge carregava uma única afirmação sobre um acontecimento político. Dessa forma, a partir de cada charge foi gerada uma unidade de registro. O resultado do processo de codificação foi à criação de 171 unidades de registro.

As unidades de registro foram agrupadas primeiramente segundo o ano de publicação de cada charge. Desse modo, como foram analisadas charges publicadas nos anos de 2010, 2011 e 2012, três grupos de unidades de registro foram criados. A separação das unidades por ano de publicação tinha o objetivo de permitir que a análise contemplasse a variação dos temas por ano. Em 2010, Dilma

iniciou o ano como pré-candidata a presidente da República e terminou eleita. Por sua vez, nos anos 2011 e 2012, Dilma era presidente. Sendo assim, o agrupamento por ano possibilitou o acompanhamento da construção da representação de social de Dilma de pré-candidata a presidente da República.

Findado a codificação, iniciou-se o processo de categorização. A formação das categorias ocorreu de forma separada em cada um dos três grupos. Desse modo, as unidades de registro geradas das publicações de 2010 foram organizadas em categorias. O mesmo ocorreu com as publicações de 2011 e 2012. As unidades de registro de cada ano foram reunidas com unidades semelhantes, ou seja, foram reunidas com unidades que abordavam temas similares. A união das unidades de registro análogas originou categorias. Cada categoria recebeu um nome.

Concluídos os processos de codificação e categorização, foi possível iniciar a análise dos dados a partir da Teoria da Representação Social. A análise evidenciou a colaboração das charges para a construção da representação social de Dilma Rousseff. No entanto, a efetivação da análise ocorreu com a compreensão da instituição midiática que publicou as charges. As charges analisadas foram publicadas pela *Folha de S. Paulo*.

3.3 *Folha de S. Paulo*

Essa pesquisa optou pelo Jornal *Folha de S. Paulo* como veículo midiático a ser analisado. A *Folha* é o jornal de maior tiragem e circulação no Brasil entre os demais diários nacionais, sendo esse o primeiro motivo que respaldou sua escolha como objeto de análise. Segundo os números auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC)⁴, circularam no mês de junho de 2012 aos domingos 320.504 exemplares e nos dias úteis 292.251, totalizando uma média de 296.288 exemplares em circulação de segunda a domingo. Esse jornal pertence a um dos maiores grupos de mídia do país. O grupo também possui o diário *Agora*, o diário *Valor*

⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>

Econômico, o portal *Universo Online* (UOL), o serviço de email grátis *Brasil Online* (BOL), o site de compras *Toda Oferta*, o site de pagamento online *PagSeguro*, o *Instituto Datafolha*, entre outros (FOLHA DE S. PAULO, 2011).

A *Folha de S. Paulo* tem publicado charges de diferentes chargistas. Esse fato foi o segundo motivo pela escolha desse veículo como objeto de análise, pois se entende que isso enriquecerá a pesquisa devido à diversidade de estilos e técnicas de cada artista, e até mesmo, de opiniões sobre Dilma Rousseff. A *Folha* reserva às charges um espaço nobre dentro de suas páginas e esse é o terceiro motivo que influenciou a escolha desse jornal como objeto. As charges são publicadas na segunda página, dentro da seção *Opinião*. Essa seção veicula os editoriais e os artigos opinativos dos jornalistas e colaboradores. Esse é o lugar reservado estritamente à atividade opinativa, pois é nesse local que serão divulgadas ideias, crenças, valores e reflexões da instituição jornalística e de todos os seus colaboradores.

Esse é o espaço em que os fatos são comentados e não apenas noticiados. Como se vê na Figura 1, a charge é publicada no alto da segunda página. Seu posicionamento junto a sua característica imagética – que possibilita rapidez na transmissão do conteúdo – provoca a atenção do leitor antes dos demais textos. Em decorrência desses três motivos a *Folha* se constitui como o objeto desse estudo.

Figura 1 – Página A2 Folha de S. Paulo, 5 de janeiro de 2010.



3.3.1 História da *Folha de S. Paulo*

Segundo informações do *Manual de Redação*⁵ e do site institucional da *Folha de S. Paulo*⁶, a história da *Folha* se inicia com sua fundação no dia 19 de fevereiro de 1921 com o nome de *Folha da Noite*. Essa empreitada foi idealizada por um grupo de jornalistas liderados por Olival Costa e Pedro Cunha. A fundação desse vespertino estava embasada no objetivo de atingir leitores da classe média urbana e das classes operárias. No mês de julho de 1925 a empresa foi ampliada com o lançamento do matutino *Folha da Manhã*.

Em 1931 a *Folha da Noite* foi vendida para Octaviano Alves da Lima, Diógenes de Lemos e Guilherme de Almeida. Com a venda a razão social da organização passou a ser *Empresa Folha da Manhã Ltda*. A linha editorial também

⁵ FOLHA DE S. PAULO. Manual de redação. 17 ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

⁶ Em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 25 outubro 2012.

foi modificada, passando, assim, a defender o interesse dos produtores rurais paulistas.

Em 1945 o controle acionário da empresa foi transmitido para as mãos do jornalista José Nabantino Ramos, que, por sua vez, também alterou a razão social da para *Folha da Manhã S.A.*, a mesma que permanece até os dias atuais. Em 1949 Ramos fundou a *Folha da Tarde*. Em 1960 os três títulos da empresa (*Folha da Noite, Folha da Manhã e Folha da Tarde*) são incorporados em apenas um, *Folha de S. Paulo*. A partir desse momento, o jornal assume uma linha editorial ajustada aos interesses das classes médias urbanas do Estado.

Em 1962 após um sério período de adversidades econômicas o controle da empresa é passado aos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Nesse momento, o desafio de ambos é organizar as finanças e a administração do jornal. No ano de 1967 o jornal se tornou a primeira publicação nacional de grande tiragem a realizar impressão “offset” em cores. Em 1971 o jornal parou de utilizar composição de chumbo e começou a fazer uso do sistema eletrônico de fotocomposição, sendo novamente pioneiro. Desse modo, o período de 1967 a 1974 é caracterizado pelos elevados investimentos no aparelhamento e no sistema de distribuição.

A partir de 1974 a Redação foi conduzida por um processo de modificação. Em 1976 foi criada a seção Tendências/Debates. Essa seção nasceu a partir da tentativa de se criar um espaço de pluralidade. Assim, nela seriam publicados artigos de diferentes posicionamentos ideológicos. A seção continua a existir até os dias atuais. O projeto editorial que nortearia os rumos da *Folha* começou a ser elaborado em 1978. Em junho de 1981 se inicia a circulação interna de um documento que buscava sistematizar o projeto editorial.

Esse documento fixava três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Em 1983 a Redação foi informatizada com a instalação de computadores, essa tecnologia reduziu em 40 minutos o processo de produção. Em 1984 foi publicado o primeiro projeto editorial e implantado o *Manual de Redação*. Esse projeto defendia um posicionamento jornalístico crítico, pluralista,

apartidário e moderno. Em 1986 a *Folha* se tornou o jornal diário de maior circulação no país.

Em 1991 as notícias passaram a ser organizadas em cadernos temáticos. Nesse mesmo ano, a primeira página começou a ser publicada colorida todos os dias. Em 1992 Octavio Frias de Oliveira assumiu a totalidade do controle acionário da companhia. No ano de 1995 começou a operar o Centro Tecnológico Gráfico-Folha. Nesse mesmo ano, a maioria das páginas do jornal passou a ser impressa colorida. Em 1996 o *Grupo Folha* lançou o portal *Universo Online*. Em 1997 foi publicada uma versão recente do projeto editorial, que propunha uma seleção criteriosa dos fatos jornalísticos que deveriam ser organizados em uma abordagem profunda, crítica, pluralista e um texto didático. Em 2001 o *Manual de Redação* teve sua quarta edição lançada de forma revista e ampliada. Em 2010 foram unificadas as redações do jornal impresso e on-line.

3.3.2 Público da *Folha de S. Paulo*

Em 2011 o *Instituto Datafolha* a pedido da *Folha de S. Paulo* realizou a pesquisa *Hábitos de Mídia*⁷. O objetivo da pesquisa era saber quem é e o que deseja o público da *Folha*. Foram entrevistadas 7.000 pessoas por 400 entrevistadores nas cinco regiões do Brasil. A pesquisa foi estruturada a partir de sete estudos estatísticos⁸. Os resultados traçam o perfil do leitor da *Folha* ao mesmo tempo em que mostram como os brasileiros acessam as informações. A síntese dos resultados foi publicada pela *Folha* em sua edição do dia 16 de outubro de 2011⁹.

⁷ SUA excelência, o leitor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.12, 16 out 2011. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/16/2/>>. Acesso em: 20 outubro 2012.

⁸ As sete pesquisas: Hábitos de mídia da população; Hábitos de mídia das classes A, B e C; Perfil do leitor da Folha; Análise conjunta sobre o jornal ideal/Folha; Análise conjunta sobre o jornal ideal/outros jornais; Perfil do leitor da Folha.com; enquete com leitor da Folha.com.

⁹ A pesquisa não está disponível no site do Instituto Datafolha. Desse modo, só foi possível acessar os resultados a partir da sua publicação nas páginas da Folha de S. Paulo.

Segundo a pesquisa, a distribuição dos leitores por gênero sexual é de 51% de mulheres contra 49% de homens. Desses, 96% se declararam heterossexuais. Em relação ao estado civil, 59% são casados, 32% são solteiros, 5% são separados e 4% são viúvos. Dos casados, 11% estão em seu segundo casamento. São 65% os leitores que possuem filhos, sendo que, desses, 47% possuem dois filhos ou mais. E 58% deles possuem animais de estimação.

A pesquisa aponta que a média de idade do leitor é de 47 anos. A distribuição etária dos entrevistados deu-se do seguinte modo: 11% dos leitores possuem até 22 anos, 12% possuem entre 23 e 29 anos, 31% possuem de 30 a 49 anos e 46% possuem 50 anos ou mais. Dentre os pesquisados, 41% pertencem à classe A, 46% pertencem à classe B e 12% pertencem à classe C.

Desse modo, 87% dos leitores estão concentrados nas classes A e B, com renda familiar distribuída da seguinte maneira: 38% tem renda familiar de até 10 salários mínimos (SM), 23% possuem renda entre 10 e 20 (SM) e 27% possuem renda maior que 20 (SM). São 69% os que pertencem a População Economicamente Ativa (PEA). Dentre os entrevistados, 96% têm telefone celular, 93% têm DVD player, 78% têm câmera digital, 66% têm notebook e 54% têm tocador de MP3. Dentre esses ainda, 91% têm computador em casa e 88% têm acesso à internet.

São 72% os leitores que concluíram o ensino superior, contra 24% que cursaram o ensino médio e apenas 4% que realizaram o ensino fundamental. Dentre os concluintes do nível superior, 24% cursaram pós-graduação. Entre as formações acadêmicas mais frequentes estão: 15% são formados em direito, 12% são formados em administração, 9% são formados em letras, 9% são formados em pedagogia, 8% são formados em engenharia e 6% são formados em economia. Por sua vez, entre as profissões e ocupações mais frequentes 17% são executivos e gerentes, 11% trabalham em escritórios e bancos, 10% trabalham na área de serviços em geral, 9% são professores, 8% são empresários e 6% são advogados. Para 64% dos entrevistados ler o jornal traz prestígio e 90% dos leitores acreditam que o jornal é essencial para entrar no mercado de trabalho.

Em suma, a análise das charges políticas publicadas na *Folha de S. Paulo* será possibilitada pela solidez da Hermenêutica de Profundidade em lidar com as formas simbólicas produzidas pelos meios de comunicação de massa. O método adotado permite que as charges sejam reconhecidas como produções simbólicas e a realização de sua análise só será possível no entendimento da instituição Folha. Desse modo, é necessário conhecer a história do jornal, seu projeto editorial e saber quem são seus leitores, para, com isso, entender para quem ela escreve e de onde escreve. Assim, entende-se que essa metodologia elucidará o processo de construção da representação social de Dilma Rousseff.

4 Charges de Dilma em 2010: o ano eleitoral

A charge exige uma leitura contextualizada. Para ser compreendida o leitor precisa ter conhecimento prévio das notícias que a fundamentam. Exigência semelhante se faz ao analisá-la. Desse modo, a contextualização é feita a partir da incorporação da notícia ao processo analítico. Portanto, antes de apresentar o resultado da análise, será exposto um breve relato biográfico de Dilma Rousseff.

4.1 Dilma Rousseff: breve histórico

Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e de Dilma Jane Coimbra da Silva. Dilma viveu sua infância e juventude na capital mineira¹⁰.

Dilma era estudante secundarista quando ocorreu o golpe militar de 1964. Nesse mesmo ano, ingressou na Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM – POLOP), uma organização política de esquerda que objetivava combater o regime militar em vigência. Em 1968, Dilma e outros integrantes romperam com o ORM-POLOP e fundaram o Comando de Libertação Nacional (COLINA). Em 1969, o COLINA se fundiu à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR): nasceu, assim, a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR – Palmares).

Em 1970, Dilma foi presa e torturada. Ficou detida até 1972 no presídio *Tiradentes* na cidade de São Paulo. Ao sair do cárcere, passou um período em Belo Horizonte e, em 1973, mudou-se para Porto Alegre, onde morou com seus sogros, os pais de Carlos Araújo. Foi na capital gaúcha que Dilma recomeçou sua vida. Em 1977, concluiu seu bacharelado em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁰ AMARAL, Ricardo Batista. **A vida quer é coragem**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

Em 1979, com a promulgação da Lei da Anistia, Dilma teve seus direitos políticos restabelecidos, e assim, pode se filiar ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Leonel Brizola. De 1980 a 1985 Dilma trabalhou na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul como assessora da bancada do PDT. Em 1985, o PDT elegeu Alceu Collares para à prefeitura de Porto Alegre e Dilma foi nomeada secretária da fazenda. Entre 1990 e 1991 Dilma foi diretora geral da Câmara Municipal de Porto Alegre.

Em 1990, Alceu Collares foi eleito governador do estado do Rio Grande do Sul e Dilma foi escolhida para presidir a Fundação de Economia e Estatística do Estado. Esse cargo foi ocupado de 1991 a 1993. Ao sair desse posto, Dilma assumiu em seguida a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação, permanecendo nela até 1994.

Em 1998, Olívio Dutra foi eleito governador do estado do Rio Grande do Sul pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Durante a segunda etapa do pleito eleitoral, Dutra recebeu apoio do PDT. Em agradecimento ao apoio do partido, Dutra convidou Dilma para integrar seu governo. Mais uma vez, ela assumiu o comando da secretaria de Energia, Minas e Comunicação.

No ano 2000, Dilma deixou o PDT junto com um grupo de dissidentes. Nesse ano, o segundo turno das eleições para à prefeitura de Porto Alegre foi disputado por Tarso Genro (PT) e Alceu Collares (PDT). Dilma saiu do partido para apoiar Tarso Genro, que, por sua vez, foi o vencedor do pleito. Em março de 2001, Dilma filiou-se ao PT. Nesse mesmo ano, o governador Olívio Dutra indicou sua secretária de Energia, Minas e Comunicação para integrar a equipe de elaboração do plano de governo do PT para a candidatura de Lula. Dilma colaborou com o desenvolvimento do conteúdo programático referente à questão energética do país.

Em 2002, Lula venceu o pleito presidencial e, pela primeira vez, o PT assumiu o comando do poder executivo federal. No dia 20 de novembro Lula convocou a imprensa para anunciar o nome de alguns dos seus futuros ministros. Esse anúncio tornou público o nome de Dilma Rousseff como futura ministra de Minas e Energia.

O ano de 2005 foi de grande dificuldade para o governo Lula. No mês de maio surgem denúncias de corrupção nos Correios. Essas denúncias mobilizaram a

oposição a organizar uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional. No mês de junho, o então deputado federal da base aliada do governo Roberto Jeferson, em entrevista a *Folha de S. Paulo*, afirmou que o governo pagava uma mensalidade aos parlamentares em troca de apoio aos seus projetos. O caso ficou conhecido como “mensalão”.

As denúncias aumentaram e passaram a responsabilizar o ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, como líder das transações ilegais. No dia 16 de junho de 2005 o ministro demitiu-se. Um dos ministérios de maior importância encontrava-se vago. Na semana seguinte, no dia 21, Lula anunciou Dilma Rousseff como sua nova ministra da Casa Civil.

Ao longo de sua carreira na administração pública Dilma sempre ocupou cargos técnicos. Segundo Amaral (2011), essa peculiaridade fez Dilma ser reconhecida como boa gestora. Para ele, foi essa característica que a levou à chefia da Casa Civil, colocando-a na linha de frente do governo, posto que manteve no segundo mandato de Lula (2007-2010).

Em 7 de março de 2008 Dilma acompanhava Lula em uma cerimônia que celebrava o início do conjunto de obras urbanísticas no Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. Todas essas obras integravam o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Ao discursar, Lula anunciou à platéia que Dilma era a “mãe do PAC”, pois cabia a ela gerir a execução desse programa. Com esse gesto, Lula tornou público pela primeira vez seu intuito de fazer de Dilma sua sucessora na Presidência da República¹¹.

O ano de 2010 iniciava-se com Dilma pré-candidata à presidência da República pelo PT. No dia 20 de fevereiro sua pré-candidatura foi oficializada por Lula e pela cúpula do Partido dos Trabalhadores. No dia 31 de março, Dilma deixou a chefia da Casa Civil. O pleito eleitoral iniciou oficialmente no dia 6 de julho.

Essa era a primeira vez que Dilma disputava um cargo eletivo. Sua carreira foi construída dentro do Estado. Os postos de trabalho que ocupou eram técnicos e

¹¹ GOMIDE, R.; TORRES, S.; NOGUEIRA, I. Em favela do Rio, Lula diz que Dilma é a “mãe do PAC”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 8 mar. 2008. Poder, p. A4. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2008/03/08/2/>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

sempre lhe exigiam competência gerencial. Sua atuação dentro dos partidos políticos eram articulações de bastidor, nunca de palanque.

Em sua primeira participação em pleito eleitoral, Dilma teve que enfrentar dois adversários experientes: José Serra e Marina Silva. José Serra era candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Serra havia renunciado ao cargo de governador do estado de São Paulo¹² para concorrer à presidência. Ele foi deputado federal, senador, ministro de Estado e prefeito de São Paulo. Essa era a segunda vez que disputava a presidência da República. Outra adversária era Marina Silva, candidata pelo Partido Verde (PV). Marina foi vereadora, deputada federal e estava em seu segundo mandato como senadora. Marina era filiada ao PT e havia sido ministra do Meio Ambiente durante o governo Lula, quando se demitiu em 2008. Em 2009, Marina deixou o PT¹³ e se filiou ao PV para disputar o pleito eleitoral de 2010¹⁴.

O primeiro turno das eleições foi realizado no dia 3 de outubro. Dilma Rousseff obteve 47.651.434 de votos que representaram 46,91% da totalidade dos sufrágios. José Serra alcançou 33.132.283 de votos que representaram 32,61% do universo eleitoral. Marina Silva, por sua vez, obteve 19.636.359 de votos que correspondiam a 19,33% dos eleitores. Esses resultados obrigaram a realização do segundo turno¹⁵.

O segundo turno das eleições foi realizado no dia 31 de outubro. Dilma Rousseff foi eleita como 40ª presidente da República com 55.752.529 de votos que representavam 56% do universo eleitoral. José Serra alcançou 43.711.388 de votos que corresponderam a 44% do eleitorado. Dilma tornou-se a primeira mulher eleita presidente. Seu governo teve início no dia primeiro de janeiro de 2011.

¹² SEABRA, C.; COSTA, B.; NAVARRO, S. Serra diz que não aceita "roubalheira". **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1 abr. 2010. Poder, p. A10. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/04/01/2/> >. Acesso em 22 mai. 2013.

¹³ SALOMON, M. Marina deixa o PT e diz não ter mais ilusão. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 20 ago. 2009. Poder, p. A8. Disponível em : < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/08/20/2/> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

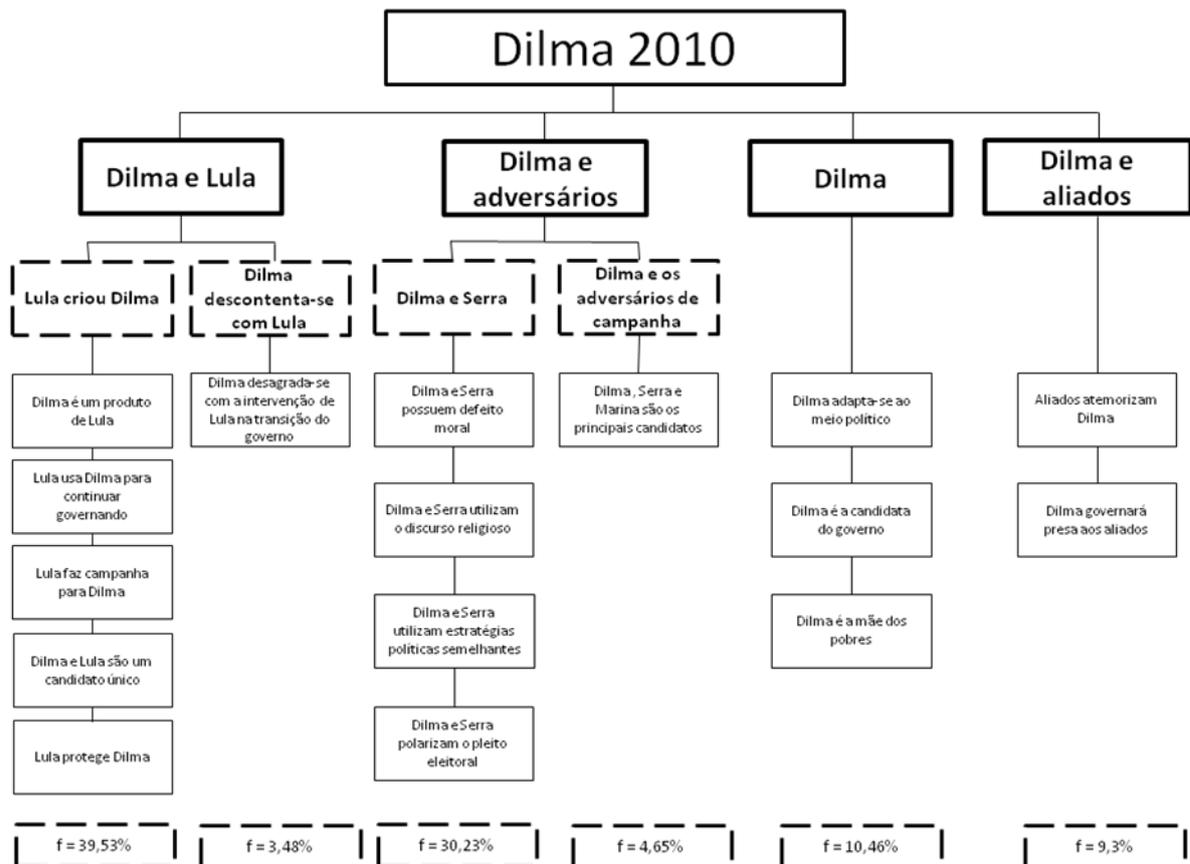
¹⁴ FRANCO, B. M.; NUBLAT, J.; FALCÃO, M. Marina prega fim do voto plebiscitário. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2010. Poder, p. A8. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/06/11/2/> >. Acesso em: 22 mai. 2013.

¹⁵ ESTATÍSTICAS e resultados da eleição. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

4.2 Categorização das charges de 2010

A *Folha de S. Paulo* em 2010 publicou 87 charges retratando Dilma Rousseff. Cada charge analisada veiculava um tema. Desse modo, o grupo com as publicações de 2010 congrega 86 temas. Com o processo de categorização os temas foram organizados e reagrupados, gerando, assim, quatro categorias. As categorias são estas: *Dilma e Lula*; *Dilma e adversários*; *Dilma*; *Dilma e aliados*. O diagrama a seguir ilustra como elas estão organizadas.

Diagrama 1 - Categorização das charges publicadas em 2010



Legenda

Categoria
 Subcategoria
 Unidade de registro

A primeira categoria reuniu charges que retrataram de maneira concomitante Dilma e Lula. Essas charges expunham Dilma ao lado de Lula, Lula falando de Dilma e Dilma falando de Lula. Essa categoria foi composta por 37 charges, que representam 42,52% das publicações de 2010. Portanto, é a categoria que contém a maior frequência de temas dentro desse grupo.

A categoria *Dilma e Lula* foi estruturada por duas subcategorias: I) *Lula criou Dilma* e II) *Dilma descontenta-se com Lula*. A subcategoria *Lula criou Dilma* foi integrada por 34 charges, que correspondem a 91,9% das charges dessa categoria. Em comparação com a totalidade das publicações de 2010, essa subcategoria contém 39,08% das charges. Por sua vez, a subcategoria *Dilma descontenta-se com Lula* agregou três charges, que correspondem a 8,1% da sua categoria e a 3,44% do total publicado em 2010.

A segunda categoria agrupou charges que caracterizavam Dilma junto aos adversários do pleito eleitoral de 2010. Os adversários destacados são Serra, Marina e Plínio. Desse modo, essa categoria foi composta por charges que representavam Dilma ao lado dos adversários, que representavam Dilma falando dos adversários e que representavam os adversários falando de Dilma. Essa categoria contém 31 charges, que correspondem a 35,63% das publicações de 2010.

A categoria *Dilma e adversário* estruturou-se a partir de duas subcategorias: I) *Dilma e Serra* e II) *Dilma e os demais candidatos*. A primeira subcategoria foi formada por 27 charges que correspondem a 86,66% da categoria. Essa subcategoria responde por 31,03% das publicações de 2010. A segunda, por sua vez, foi constituída por quatro charges que representam 13,34% da categoria e ao ser comparada ao total das publicações do ano representa 4,59%.

A terceira categoria incorporou charges que retrataram Dilma sozinha ou na companhia de alguma personagem anônima. Essa categoria contém nove charges. Sendo assim, ela corresponde a 10,34% das publicações de 2010.

A quarta categoria agrupou charges que expunham Dilma junto aos políticos aliados a sua candidatura. Essas charges retratavam Dilma ao lado dos seus aliados, Dilma falando sobre os seus aliados e os aliados falando sobre Dilma. Essa

categoria foi composta por oito charges que correspondem a 9,19% do total publicado em 2010.

Quadro 1 - Frequência de charges por categorias em 2010

Categorias	Nº de Charges - Frequência	%
1. Dilma e Lula	37	42,52
1.1. Lula criou Dilma	34	39,08
1.2. Dilma descontenta-se com Lula	3	3,44
2. Dilma e adversários	31	35,63
2.1. Dilma e Serra	27	31,03
2.2. Dilma e os adversários de campanha	4	4,59
3. Dilma	9	10,34
4. Dilma e a base aliada	8	9,19
Total de charges em 2010	87	100

4.2.1 Dilma e Lula

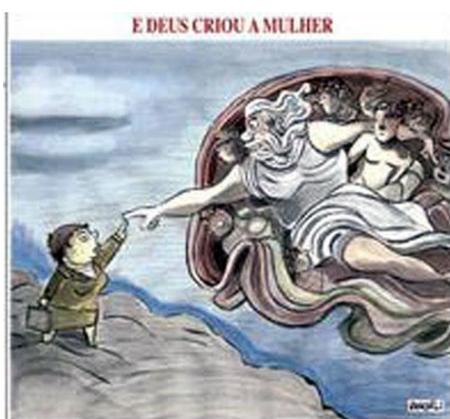
A *Folha de S. Paulo* publicou 37 charges em 2010 que retrataram Dilma e Lula. Durante a análise, essas charges foram reunidas em uma categoria. Essa categoria foi formada a partir de duas subcategorias. Essa divisão é decorrente das duas maneiras diferentes que Dilma e Lula foram retratados. A primeira subcategoria reuniu 34 charges e a segunda apenas três. A subcategoria maior contém charges que caracterizam Lula de modo ativo em relação à Dilma. Dessa forma, Lula aparece exercendo uma ação em direção a Dilma. Por sua vez, a subcategoria menor inclui charges que retratam Dilma executando uma ação em direção a Lula. Assim, ela é retratada de modo ativo. A primeira subcategoria foi nomeada *Lula criou Dilma* e a segunda foi nomeada *Dilma descontenta-se com Lula*.

4.2.1.1 Lula criou Dilma

A subcategoria *Lula criou Dilma* foi estruturada por cinco unidades de registro. Cada unidade de registro agregou temas semelhantes veiculados pelas charges. As cinco unidades de registro são *Dilma é um produto de Lula*, *Lula usa Dilma para continuar governando*, *Lula faz campanha para Dilma*, *Dilma e Lula são um candidato único* e *Lula protege Dilma*.

A primeira unidade de registro foi composta por temas extraídos de nove charges. Essa unidade apresentou Lula como o criador de Dilma. Lula foi exposto como uma entidade detentora de poder capaz de criar um objeto na ausência de matéria-prima. A charge *E Deus criou a mulher* de Angeli exemplifica toda essa unidade de registro:

Charge 1



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 2010. p. A2.

Angeli faz uma paródia do afresco “A criação de Adão”, pintado por Michelangelo Buonarotti no teto da Capela Sistina. Essa charge foi a primeira publicação de 2010 a retratar Dilma. Nela, Lula é caracterizado como Deus, como uma divindade poderosa que não habita a Terra e está acima dos homens. O poder de Lula é um poder criador, pois tem a capacidade de dar vida ao que antes não existia. Do alto de sua condição sobrenatural, Lula toca seu dedo indicador em uma mulher comum e a transforma em uma candidata a presidência da República.

Ao caracterizar Lula como Deus criador, a charge retrata Dilma como um objeto inanimado, que só recebeu vida após o toque divino. A obra de Angeli expõe

Dilma como uma mulher comum que não existia politicamente antes de ser indicada por Lula ao posto de pré-candidata a presidente. O chargista não considera a carreira desenvolvida por Dilma em cargos públicos e partidos políticos, mas considera o fato dela nunca ter disputado um cargo eletivo. A inexperiência em pleitos eleitorais significava não ser conhecida. A charge apresenta Lula empregando sua influência dentro e fora do partido para criar a candidatura de Dilma, uma mulher que não era conhecida pelo eleitorado e não possuía vida política.

Em todas as demais charges dessa unidade Dilma foi retratada como uma obra de Lula. Em uma publicação de 23 de maio, com o título “Célula artificial”, João Montanaro desenhou Lula comemorando ao observar em um microscópio células representadas como o rosto de Dilma se multiplicando. A candidatura de Dilma foi considerada artificial. A artificialidade de sua candidatura está no fato dela nunca ter pleiteado outros cargos eletivos até chegar à disputa presidencial, o cargo mais alto do Estado. Dilma nunca disputou e por isso não obteve cargos menores. Para ela, candidatar-se a presidente foi possível apenas porque está era a vontade de Lula. Dilma é, assim, caracterizada como não tendo vontade, porque ela é o produto da vontade de Lula. Dilma tornou-se candidata porque essa era a vontade de Lula.

Dentro dessa unidade de registro Dilma é um produto de Lula, entretanto tem se um enfoque complementar a esse. Em uma publicação de Glauco, realizada no dia 23 de fevereiro com o título “Manutenção”, Dilma foi retratada como um robô que tem seu sistema eletrônico reajustado por Lula. Essa charge apresenta outra faceta dessa unidade, pois, nela, Lula é apenas o criador da candidatura de Dilma, mas também é o que proverá o que for necessário para que ela se concretize. Uma das exigências da candidatura é convencer o Partido dos Trabalhadores que Dilma é a candidata certa para à sucessão. Outra exigência é ensinar Dilma a se portar como candidata a presidente, ensinando-lhe a se relacionar com os eleitores, os aliados e a oposição. Desse modo, Lula é o criador e o professor de Dilma. Esse aspecto é trabalhado na charge “Na caverna do PMDB”, publicada por Angeli no dia 2 de março. Nessa charge, Dilma e Lula estão dentro de uma caverna diante de um monstro que representa o PMDB. Em um diálogo, Lula ensina Dilma a tratar a ganância do PMDB. Assim, essa unidade reuniu temas que apresentam a candidatura de Dilma como um produto exclusivo da ação de Lula. Dilma passou a

existir na política porque essa era a vontade de Lula. Entretanto, Dilma é um produto que precisou ser aperfeiçoado por seu criador, pois não foi suficiente apenas a vontade de Lula para tornar Dilma candidata: era preciso ensiná-la a ser candidata.

A segunda unidade de registro foi denominada *Lula usa Dilma para continuar governando*. Essa unidade foi construída por temas extraídos de sete charges. Os temas que estruturam essa unidade apresentam Dilma como um produto da astúcia de Lula para não sair do poder. Exemplo disso é a charge publicada por Jean. Essa charge foi publicada um dia após a vitória de Dilma sobre Serra no segundo turno das eleições para presidência da República.

Charge 2



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 1 nov. 2010. p. A2.

Nessa charge, Jean retrata Lula passando a faixa presidencial para Dilma, entretanto Lula passa a faixa sobre a cabeça de Dilma sem antes desvencilhá-la do seu corpo. Com esse ato, Lula transmite o cargo de presidente para Dilma, mas permanece no cargo. Para o chargista, a vitória eleitoral de Dilma é a concretização da artimanha de Lula para não deixar o poder. Dessa forma, ao criar a candidatura de Dilma e prepará-la para enfrentar o pleito, Lula teve o objetivo de continuar no posto de presidente do Brasil.

No dia 12 de agosto Benett publicou a charge “Divulgado cartaz oficial de campanha da Dilma”. Essa charge foi estruturada em dois quadros horizontais. O primeiro quadro exibe um eleitor procurando a imagem de Dilma no cartaz de campanha. No entanto, apenas a imagem de Lula está exposta sobre a frase “Vote

2010”. No segundo quadro, a imagem está aproximada da lapela de Lula e nela está Dilma acenando para seus eleitores. A charge de Benett veicula temática semelhante às demais que compõem essa unidade. Para o chargista, Lula é o protagonista da campanha de Dilma. Desse modo, o comportamento de Lula confunde o eleitor, que fica sem saber quem é o candidato, ele ou Dilma. Lula é apresentado na charge como um candidato em campanha que busca se eleger. Sendo assim, o chargista retrata Lula empreendendo sua própria campanha eleitoral para permanecer governando.

As charges dessa unidade retrataram Lula obcecado pelo poder. Seu grande desejo de permanecer na presidência leva-o a elaborar um plano para que isso se concretize. O terceiro mandato presidencial torna-se possível sem a alteração da Constituição Federal e sem golpe de Estado. Ao criar a candidatura de uma mulher que não possui habilidade política e que nunca disputou uma eleição, Lula tem o objetivo de se manter no poder. Devido ao seu despreparo, Dilma poderia ser manipulada por Lula. Assim, ela obedeceria aos mandos do seu criador e ele governaria através dela. Essas charges retratam Lula como imoral, pois eleger Dilma para permanecer no governo é não respeitar o fim do seu mandato.

A terceira unidade de registro foi denominada *Lula faz campanha para Dilma*. Essa unidade foi elaborada a partir dos temas retirados de sete charges. Essas charges apresentam Lula como o principal “cabo eleitoral” de Dilma. A charge publicada por Angeli exemplifica a unidade:

Charge 3



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 2 mai. 2010. p. A2.

No dia 29 de abril de 2010 a Revista Time, uma publicação estadunidense, publicou a lista das 100 pessoas mais influentes do mundo¹⁶. A capa da revista foi estampada com a imagem do ex-presidente Lula. O chargista faz uma paródia dessa situação ao colocar Lula na capa da revista segurando Dilma em seu colo. A charge retrata o esforço de Lula em empregar sua influência em favor da candidatura de Dilma. O chargista compara o cuidado de Lula com a campanha de Dilma com o cuidado que um pai tem com seu filho. Desse modo, Dilma é infantilizada, sendo considerada inocente e incapaz de gerir sua candidatura.

Nessa unidade Lula foi novamente apresentado como o responsável pela candidatura de Dilma. As charges apresentam a eleição da sucessora como um projeto pessoal de Lula. Sua influência é utilizada a fim de viabilizar seu projeto. Desse modo, eleger Dilma tornou-se prioridade e governar o país deixou de ser importante. Lula é retratado mais uma vez como alguém obcecado pelo poder; alguém capaz de romper com a ética ao utilizar o cargo de presidente em benefício próprio, para concretizar um projeto pessoal.

Dilma, por sua vez, foi retratada por essas publicações como sendo incapaz de obter êxito nas eleições sem a presença de Lula. Para essas charges, Dilma não seria conhecida e aceita pelo eleitorado sem a participação de Lula em sua campanha.

As charges da unidade, *Lula faz campanha para Dilma*, infantilizam Dilma. Elas retratam-na como ingênua e inocente. Dilma, desse modo, é apresentada como não tendo conhecimento das motivações que conduzem sua candidatura. Ela é apresentada como alguém que não consegue entender que sua candidatura tem por finalidade manter Lula no poder. As charges relacionam a inocência de Dilma com a incapacidade de ela reconhecer que sua candidatura existe para possibilitar que Lula continue governando.

A quarta unidade de registro foi denominada *Dilma e Lula formam uma única candidatura*. Essa unidade foi estruturada por temas obtidos de seis charges. Essas

¹⁶ MURTA, A. Revista 'Time' inclui Lula entre os cem mais influentes do mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2010. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/04/30/2/>>. Acesso em: 24 mai. 2013.

charges apresentam Dilma e Lula como sendo a mesma pessoa. Exemplo disso é a publicação de Jean:

Charge 4



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 12 set. 2010. p. A2.

No dia 7 de setembro Lula apareceu no programa eleitoral de rádio e televisão da campanha de Dilma para rebater os ataques que Serra estava fazendo contra ela¹⁷. Serra atribuía à campanha de Dilma a responsabilidade pela quebra do sigilo fiscal de sua filha. No dia seguinte, a imprensa criticou duramente o ato do então presidente Lula, pois não achavam correto o presidente se portar como candidato à reeleição, não sendo de sua incumbência entrar na disputa eleitoral para defender um candidato e atacar outro: o posto de Presidente da República exige o afastamento do cotidiano das campanhas.

A charge de Jean foi construída dentro desse contexto. O chargista retratou Dilma e Lula de maneira fundida, pois, para ele, Dilma era quem estava em campanha pleiteando o cargo de presidente e Lula era o ocupante da presidência, que, por sua vez, participava da campanha dela como se fosse ele o candidato. Sendo assim, a barba característica de Lula é ao mesmo tempo o distinto cabelo alto de Dilma. O desenhista retratou ambos como candidatos a presidência. Entretanto, o artista estabeleceu uma distinção: Dilma aparece fazendo campanha através da distribuição de panfletos, enquanto Lula é retratado como a cabeça de Dilma. Assim, a charge retrata os dois formando a mesma candidatura, mas com funções diferentes: Dilma é quem deve executar a campanha eleitoral e havendo vitória, Lula é quem governará.

¹⁷ LULA vai a TV e afirma que Serra partiu para a 'baixaria'. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 set. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/08/2>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

A quinta e última unidade de registro a compor essa subcategoria foi denominada *Lula protege Dilma*. Essa unidade foi constituída por temas extraídos de cinco charges. Essas charges retratam Lula como o protetor de Dilma. A charge *Lei da cadeirinha* publicada por Angeli sintetiza a unidade.

Para que haja compreensão da charge é preciso contextualizá-la. No dia 1º de setembro de 2010 entrou em vigor a Resolução n.º 277 do Conselho Nacional de Trânsito do dia 28 de maio de 2008¹⁸. Essa resolução dispõe sobre o transporte de menores de 10 anos e a utilização do dispositivo de retenção para o transporte. A resolução ficou conhecida como “lei da cadeirinha”, pois ela estipulava que os menores de até sete anos e meio quando transportados por carros particulares deveriam ser acomodados em “cadeirinhas” com cinto de segurança. A resolução obrigou as famílias a se adaptar à nova realidade.

Charge 5



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 10 set. 2010. p. A2.

Desde a segunda quinzena de agosto, a campanha de José Serra atacava contra a candidatura do PT. Eles eram embasados nas denúncias da quebra do sigilo fiscal da filha de Serra e de alguns outros integrantes do PSDB. A campanha do PT decidiu veicular pronunciamento de Lula em rádio e televisão em defesa de Dilma. Diante desse contexto, o chargista retratou Dilma como uma criança sendo transportada de maneira segura em conformidade com a “lei da cadeirinha”.

¹⁸ BASSETTE, F. e CASTRO, C. M. Uso da cadeirinha ainda gera dúvidas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 set. 2010. Cotidiano, p. C4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/01/15>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

A charge infantilizou Dilma ao retratá-la. A candidata do PT foi caracterizada como indefesa, como alguém que não possui força e habilidade para se defender. Ao ser apresentada de modo infantil, os chargistas desenharam Dilma como inábil, como alguém desprovida da competência para direcionar sua própria candidatura sem ter que recorrer continuamente ao apoio do presidente Lula. Ao defender Dilma, Lula firmava-se como o detentor do comando da campanha de sua sucessora. Desse modo, Dilma era retratada como incapaz, enquanto Lula era exposto como o protagonista da candidatura de sua sucessora.

As demais charges dessa unidade evidenciam o quanto esse tema não esteve isolado apenas na publicação de Angeli. Dilma foi retratada como frágil e sem capacidade de proteger sua candidatura por mais quatro vezes. As publicações são concomitantes a momentos delicados da campanha, em que Lula, mais uma vez, veio a público para defender sua candidata. Os chargistas ridicularizaram todas essas situações. Lula foi desenhado como um super-herói. Desse modo, ele era detentor de superpoder. Tinha a capacidade de neutralizar ataques contra Dilma e livrá-la das polêmicas surgidas dentro da disputa eleitoral.

Durante a campanha, entre o final do primeiro turno e a segunda etapa do pleito, Dilma foi acusada por movimentos religiosos de ser a favor da legalização do aborto. Essas acusações causaram prejuízos à imagem política da candidata. Desse modo, novamente Lula assumiu a defesa pública de Dilma a fim de minimizar o efeito das acusações. Dilma foi desenhada de maneira passiva, sem agir. Sua importância foi diminuída, pois ela era retratada aguardando as intervenções providenciais de Lula em seu favor.

4.2.1.2 Dilma descontenta-se com Lula

A subcategoria *Dilma descontenta-se com Lula* foi construída a partir da análise temática de três charges. Elas formam uma única unidade de registro. Essa unidade de registro descreve Dilma de modo diferente das unidades expostas anteriormente. Dilma deixou de ser caracterizada de forma passiva. Nessas charges ela apareceu insatisfeita com os mandos de Lula. As três charges foram publicadas

no mês de novembro após a vitória eleitoral de Dilma, durante a transição do governo. A publicação de Scabini sintetiza essa unidade:

Charge 6



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 8 nov. 2010. p. A2.

A charge de Scabini está contextualizada no período de transição do governo Lula para o governo Dilma. Nesse momento, os jornais especulavam nomes de candidatos para chefiar os ministérios. Algumas matérias discorriam sobre as preferências e interferências de Lula nesse processo. Diante disso, o chargista retratou Dilma expondo para Lula seus critérios sobre a composição ministerial. Dilma foi desenhada falando com Lula com o dedo em riste. A charge apresenta Dilma dando uma ordem e não apenas expondo sua opinião.

Lula, por sua vez, foi retratado com uma expressão de surpresa e em seguida foi desenhado chorando enquanto se queixava da emancipação de Dilma. O chargista retrata Lula como pai de Dilma: é o pai que está triste por ver o filho crescido e a conseqüente diminuição de sua influência sobre ele. O artista tira Dilma do lugar de sucessora e a coloca como filha. A relação política entre os dois é transformada em relação paternal. Sendo assim, Dilma aparece como a filha rebelde que está crescendo e tentando romper com as vontades do pai. A charge aponta a transição de Dilma como candidata à futura presidente. Essa mudança foi representada como a alteração da relação entre Dilma e Lula. A futura governante foi apresentada querendo autonomia e surpreendendo seu mentor com esse desejo.

O número de charges da subcategoria *Dilma descontenta-se com Lula* é pequeno quando comparado a subcategoria *Lula criou Dilma*. Entretanto, sua relevância está na temática trabalhada. Essas três charges não retrataram Dilma de

maneira submissa a Lula. Após eleita, Dilma passou a ser desenhada de forma emancipada. Ao se preparar para dar início ao governo, os chargistas mostram não uma candidata conformada com os ditames de seu antecessor, mas destacam a voz de comando da futura presidente do país.

4.2.2 Dilma e adversários

Dilma foi retratada com seus adversários do pleito eleitoral de 2010 por 31 charges. A organização da análise temática dessas charges produziu uma categoria que foi estruturada a partir de duas subcategorias. A primeira subcategoria foi composta por temas retirados de 27 charges que retrataram Dilma apenas ao lado de José Serra. A segunda subcategoria foi organizada por temas extraídos de quatro charges que representavam Dilma ao lado dos seus adversários mais conhecidos: José Serra, Marina e Plínio. Nessa subcategoria Dilma não foi desenhada apenas ao lado de um adversário: ela sempre aparecia ao menos junto de dois concorrentes. A primeira subcategoria foi nomeada *Dilma e Serra* e a segunda foi nomeada *Dilma e os adversários de campanha*.

4.2.2.1 Dilma e Serra

As 27 charges que produziram essa subcategoria retrataram Dilma com características semelhantes a José Serra. Essas charges, publicadas ao longo de 2010, não apareceram apenas no segundo turno, quando os candidatos polarizaram o pleito. Essa subcategoria foi composta por quatro unidades de registro. As unidades de registro apresentam temáticas diferentes entre si, no entanto todas equiparam Dilma a Serra e Serra a Dilma. As quatro unidades de registro são *Dilma e Serra possuem defeito moral*, *Dilma e Serra utilizam o discurso religioso*, *Dilma e Serra utilizam estratégias políticas iguais* e *Dilma e Serra polarizam o pleito eleitoral*.

A primeira unidade de registro foi integrada por temas extraídos de oito charges. Essa unidade retrata Dilma e Serra como candidatos que possuem deformidade moral. Os dois candidatos são igualados ao terem suas condutas comparadas entre si. As duas candidaturas possuem fragilidades. Exemplo disso é a charge *Tapetão* publicada por Angeli:

Charge 7



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 26 out. 2010. p. A2.

Angeli retratou os dois candidatos frente a frente, posicionados atrás de tribunas com microfones, caracterizando, assim, um debate. Ambos estão sobre um grande tapete. O tapete encobre uma enorme quantidade de papéis. Os papéis contêm denúncias de práticas ilegais contra as duas candidaturas¹⁹. O debate é o espaço onde os candidatos se opõem para demarcarem suas diferenças. Entretanto, ao retratar esse evento, ocorrendo sobre irregularidades escamoteadas, o chargista quer desconstruir a tentativa de cada candidato estabelecer suas características em contraste com o outro, pois, para ele, os dois são iguais. Os dois são iguais porque são acusados de manterem relações com pessoas suspeitas de praticarem atos

¹⁹ A charge mostra o nome de Erenice Guerra e Paulo Preto em baixo do tapete. Erenice Guerra foi assessora de Dilma e a substituiu no comando da Casa Civil. Ela e seu filho Israel Guerra foram acusados de receber propina de empresas para facilitar negociações com o governo.

NOVAS acusações derrubam ex-braço direito de Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2010. Primeira página. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/17/2>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Paulo Vieira de Souza, conhecido como Paulo Preto, foi diretor do DERSA (Desenvolvimento Rodoviário S.A.) e apontado como o captador da campanha de José Serra. Durante a campanha foi acusado de ter arrecadado R\$ 4 milhões em caixa dois e desaparecido com o dinheiro.

MICHAEL, A. Ex-diretor da DERSA ataca Dilma e cobra Serra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 out. 2010. Poder, p. A12. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/12/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

ilícitos. Também são iguais porque tentam esconder as acusações ao invés de esclarecê-las.

As demais charges dessa unidade também retratam Dilma e Serra como candidatos iguais. Em algumas publicações os dois são caracterizados de modo semelhante por empreenderem uma campanha que ataca ao adversário. São desenhados comportando-se de forma raivosa e agressiva, numa tentativa constante de eliminar o concorrente. Sendo assim, aparecem fazendo uso de meios degradantes com a finalidade de vencer a qualquer custo. Ao apresentá-los desse modo, as charges os mostram preocupados apenas com a obtenção do poder e não com as necessidades do eleitor. Dilma e Serra são políticos semelhantes, porque são alheios aos interesses do povo.

A segunda unidade de registro foi composta por temas de sete charges. Essa unidade apresenta Dilma e Serra utilizando o discurso religioso com fins eleitorais. Durante os meses de agosto e setembro panfletos²⁰ e correntes de e-mail começaram a circular no país, mostrando que Dilma era a favor da legalização do aborto. Alguns veicularam uma entrevista que ela havia concedido à revista *Marie Claire*²¹, dizendo-se favorável à causa. Esse movimento continuou no segundo turno. Segmentos religiosos de base cristã se posicionaram publicamente repudiando o aborto. O papa Bento XVI cobrou os bispos brasileiros a se posicionarem contra essa prática²². Os temas religiosos passaram a pautar o debate político. Dilma e Serra aumentaram as declarações em que afirmavam ser a favor da vida. Os dois candidatos ampliaram os esforços para se aproximar do eleitorado religioso. A charge *Em nome de Deus* publicada por João Montanaro faz a síntese desse contexto e dessa unidade de registro:

²⁰ Um panfleto datado de 26 de agosto, assinado pelos bispos da Regional Sul I da CNBB, expunha que Dilma e Lula eram favoráveis ao aborto. O panfleto pedia aos brasileiros para não votarem em políticos que manifestavam esse posicionamento.

COSTA, B. Diocese encomenda panfletos anti-Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 out. 2010. Poder, p. A14. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/17/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

²¹ GULLO, C. e NEVES, M. L. A mulher do presidente. **Marie Claire**, São Paulo, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1697826-1739-3,00.html>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

²² PAPA cobra ação de bispos do Brasil contra aborto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 out. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/29/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

Charge 8



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 16 out. 2010. p. A2.

Montanaro retratou Dilma e Serra sendo inquiridos por Deus. Ambos são questionados por utilizarem dentro da campanha o seu nome. Dilma e Serra aparecem juntos sendo interrogados ao mesmo tempo. O chargista não exclui nenhum dos dois dessa prestação de contas, pois tanto um quanto outro são acusados do mesmo erro. Serra foi retratado respondendo por ambos e explica que essa estratégia não tinha o objetivo de desrespeitar a Deus, pois servia apenas ao propósito de ganhar as eleições.

O chargista igualou Dilma e Serra. Os dois são retratados como candidatos dispostos a utilizar qualquer estratégia que lhes proporcione a vitória. Sendo assim, são candidatos que não refletem sobre suas ações para saber se elas são moralmente boas ou ruins, pois, para atingir o fim que desejam empregam qualquer estratégia. Dilma e Serra aparecem na charge utilizando o nome de Deus sem deferência. Ambos se apropriam da crença religiosa sem considerar sua importância para àquele que crê, fazem isso apenas para obter êxito no pleito.

Outras charges dessa unidade também ridicularizaram os dois candidatos por empregarem o discurso religioso. Essas publicações retratam esse episódio com indignação, desprezando, assim, o seu comportamento de submissão às doutrinas cristãs. Dilma e Serra são retratados curvando-se a bispos e pastores. Os chargistas desprezaram essa atitude por acreditarem que os candidatos deixaram de debater a situação do Estado brasileiro para discutir ditames religiosos. Dilma e Serra transformaram o pleito numa competição para provar quem era o candidato mais devoto.

A terceira unidade de registro foi gerada por temas de seis charges. Essa unidade retrata Dilma e Serra como candidatos que empregam estratégias políticas similares. Apesar de serem duas candidaturas opostas, representantes grupos políticos diferentes, os dois candidatos são retratados, comportando-se de modo parecido. A charge publicada por Jean é um resumo dessa situação:

Charge 9



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 24 ago. 2010. p. A2.

Jean estruturou sua charge em dois quadros. No primeiro quadro, Lula aparece sozinho falando ao telefone celular e dando conselhos sobre como um candidato deve se portar. Os conselhos de Lula são para que o candidato se porte de modo semelhante a ele. O interlocutor de Lula é instruído a falar sempre mal do governo de Fernando Henrique Cardoso. Ao isolar o primeiro quadro, o leitor poderia inferir que o interlocutor de Lula era Dilma. No entanto, no segundo quadro Lula aparece conversando com Dilma em um palanque e diz a ela que estava falando com Serra. O chargista retrata Lula como o mentor de Dilma e Serra. Os dois adversários possuem o mesmo conselheiro e recebem as mesmas instruções.

No dia 19 de agosto o programa eleitoral de José Serra transmitido na televisão utilizou a imagem de Lula²³. O programa, ao discorrer sobre a infância pobre do candidato, comparava-o a Lula. O programa também enfatizava a experiência administrativa e política do candidato e o mostrava negociando com Lula. A charge ironiza a tentativa do candidato de oposição de se mostrar semelhante ao presidente em exercício. Jean expõe Dilma e Serra como candidaturas semelhantes, pois ambos buscaram se aproximar da credibilidade da

²³ SERRA usa Lula na TV, e PT vai entrar na Justiça. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago 2010. Primeira página. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/20/2/> >. Acesso em: 29 mai. 2013.

imagem pública de Lula. Ao proceder assim, Serra afastou-se do nome e do governo de Fernando Henrique Cardoso, afastou-se da origem e da história do seu partido, o PSDB. Esse movimento era semelhante ao de Dilma, pois ela estruturou parte de seu discurso desconstruindo a gestão tucana.

Duas charges dessa unidade publicadas em outubro de 2010 retrataram os dois candidatos tentando obter o apoio de Marina. A candidata do Partido Verde apareceu como um objeto a ser conquistado. Dilma e Serra são desenhados, empregando estratégias semelhantes para seduzir Marina. Em outra charge a comparação entre os candidatos continua, porém com temática diferente. A publicação de Angeli do dia 3 de agosto de 2010 expõe os dois candidatos como políticos de múltiplas vertentes ideológicas. Para o chargista, os dois políticos não possuem um posicionamento ideológico coerente, ambos possuem facetas ora de esquerda, ora de direita, ora capitalista, ora socialista. Para o artista, essa característica dos candidatos é uma anomalia, não por ser apenas contraditória, mas por existir apenas para angariar o apoio de diferentes segmentos políticos, para, assim, alcançar o poder. Essa é mais uma unidade em que as duas candidaturas foram retratadas como semelhantes pelos chargistas.

A quarta unidade de registro, *Dilma e Serra polarizam o pleito eleitoral*, composta por seis charges. Diferente das três unidades anteriores, essa não possui temas que traçam semelhanças entre Dilma e Serra. Nessa unidade, os candidatos aparecem ocupando lugares políticos diferentes e opostos. A publicação *Acelerador de partículas* de Jean é um resumo dessa unidade:

Charge 10



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 2010. p. A2.

Jean construiu sua charge a partir da notícia sobre o maior experimento da Física realizado até então²⁴. No dia 30 de março de 2010 o Grande Colisor de Hadrões, o mega acelerador de partículas LHC (sigla em inglês) começou a operar. O acelerador situado na fronteira da Suíça com a França é o maior do mundo e levou 20 anos para ser montado. O objetivo desse acelerador era estudar a origem do cosmo. A charge foi publicada no dia 31 de março, mesmo dia que expirava o prazo para que futuros candidatos ao pleito eleitoral abandonassem os cargos públicos que ocupavam. Dilma deixou a chefia da Casa Civil da Presidência República e Serra deixou o cargo de governador do estado de São Paulo. Assim, ambos confirmavam suas pré-candidaturas a presidência.

A charge de Jean retrata Dilma e Serra como partículas dentro do acelerador LHC. Os dois candidatos foram lançados em alta velocidade de pontos opostos. Dilma foi lançada do governo e Serra foi lançado da oposição. Ambos aparecem preparados para a colisão. Para o chargista, a colisão das duas candidaturas caracteriza o pleito eleitoral. Desse modo, a eleição é representada de forma polarizada entre Dilma e Serra. Somente os dois são considerados com chances de vencer a eleição.

A unidade *Dilma e Serra polarizam o pleito eleitoral* retrata os dois políticos como os principais candidatos ao pleito de 2010. Dilma era a candidata do PT para suceder Lula. O PT tentava conquistar seu terceiro mandato presidencial consecutivo. José Serra, por sua vez, era o candidato do PSDB, o maior partido de oposição ao governo. O PSDB tentava retornar à Presidência após oito anos. Dilma e Serra foram caracterizados como opositores que representavam grupos políticos distintos. Os dois são apresentados como oponentes que foram lançados para à disputa eleitoral de lugares diferentes da política. Diferente das outras unidades, nessa, em nada, um se assemelha ao outro, apenas no objetivo de se tornar presidente. Serra foi representado como o único candidato de oposição com condições de vencer a candidata governista. E Dilma foi retratada como a única candidata capaz de conter o mais conhecido candidato oposicionista. Essas charges encerram o pleito eleitoral na polarização entre Dilma e Serra e negam as demais candidaturas.

²⁴ GARCIA, F. COELHO, L. Mega acelerador LHC começa a operar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2010. Ciência, p. A17. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/03/31/2/>>. Acesso em 29 mai. 2013.

4.2.2.2 Dilma e os adversários de campanha

A subcategoria *Dilma e os adversários* de campanha foi estruturada a partir da análise temática de quatro charges. Essa subcategoria foi composta apenas por uma unidade de registro. As charges dessa unidade apresentam Dilma ao lado de José Serra, Marina Silva e Plínio de Arruda Sampaio. Nessas charges Dilma não foi retratada ao lado apenas de um dos candidatos: ela sempre apareceu ao lado de pelo menos dois. Nessa unidade Dilma é retratada como mais uma candidata a concorrer à presidência. Entretanto, duas charges fazem distinção entre Plínio e os outros candidatos. Nessas charges Plínio é retratado como um candidato com pequeno potencial de vencer o pleito. Exemplo disso é a charge *Plínio* publicada por João Montanaro:

Charge 11



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 14 ago. 2010. p. A2.

No dia 5 de agosto foi realizado o primeiro debate televisionado entre os candidatos à presidente. O debate foi organizado e transmitido pela Rede Bandeirantes. Dentre os nove candidatos²⁵ postulantes à Presidência, apenas os quatro melhores posicionados nas pesquisas de intenção de voto foram convidados

²⁵ Candidatos ao cargo de presidente em 2010: Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), José Maria Eymael (PSDC), José Maria de Almeida (PSTU), José Levy Fidelix (PRTB), Ivan Martins Pinheiro (PCB) e Rui Costa Pimenta (PCO). Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

para o debate. Desse modo, participaram dele Dilma Rousseff, José Serra, Marina Silva e Plínio Sampaio.

Plínio destacou-se no debate ao utilizar humor e ironia contra seus oponentes²⁶. Diversas frases de efeito foram empregadas para rotular seus adversários. O comportamento do candidato repercutiu nas redes sociais e na grande mídia. Dentro desse contexto João Montanaro produziu sua charge. Plínio foi retratado pequeno em relação aos seus opositores. Os três candidatos maiores repreendem Plínio por suas brincadeiras. Dilma, Serra e Marina são representados como candidatos mais importantes. São retratados distantes eleitoralmente de Plínio.

A charge de Montanaro e as demais dessa unidade mostram Dilma Rousseff como candidatura provável a vencer as eleições. As publicações a diferenciam de Plínio, candidato de um partido pequeno. As charges junto à grande mídia não noticiam candidaturas de partidos de pouca expressão política. Dilma é retratada apenas ao lado de Serra e Marina. Os três candidatos são representados como candidaturas majoritárias. Dilma é caracterizada como uma candidata com força política para se eleger.

4.2.3 Dilma

A categoria *Dilma* foi composta por três unidades de registro. As unidades são estas: *Dilma adapta-se ao meio político*, *Dilma é a candidata do governo* e *Dilma é a mãe dos pobres*. Essa categoria foi constituída a partir da análise temática de nove charges. Todas essas charges veicularam temas que objetivavam definir Dilma Rousseff. Nas categorias anteriores Dilma foi retratada ora ao lado de Lula, ora ao lado dos seus adversários. Desse modo, essas charges comparam Dilma a outros personagens e, ao comparar, opinavam sobre ela e sobre os demais. Algumas charges que compõem essa categoria também apresentaram Dilma junto a outros personagens, entretanto esses personagens não tinham destaque dentro da charge.

²⁶ ÚNICO franco atirador, Plínio debocha e provoca risadas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 6 ago. 2010. Poder, p. A9. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/06/2/> >. Acesso em: 29 mai. 2013.

Tinham apenas a finalidade de enfatizar a mensagem sobre Dilma. Assim, cada charge opinava somente sobre Dilma.

A unidade de registro *Dilma adapta-se ao meio político* foi construída a partir da análise de quatro charges. Nessa unidade Dilma foi retratada como sendo capaz de se adequar às exigências da disputa eleitoral. A síntese dessa unidade está na charge *As cobras, os lagartos, as serpentes e a camaleoa* de Angeli:

Charge 12



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 mar. 2010. p. A2.

Angeli retratou Dilma junto com diversos répteis. Todos os répteis possuem a mesma cor e utilizam a mesma roupa, o que os difere é o tamanho e a posição que ocupam. Dilma aparece em destaque, pois sua roupa possui cor diferente dos demais personagens. O chargista utiliza o título para definir Dilma. Ele a chama de camaleoa. Camaleão é um réptil que tem a capacidade de mudar de cor acompanhando o colorido do ambiente. Procedendo assim, esse animal não é percebido pelos predadores. Para o chargista, Dilma é uma camaleoa, pois conseguiu mudar seu discurso e seu comportamento a fim de agradar aos diferentes grupos políticos que apoiaram sua campanha. A candidata se esforçou para se tornar parecida aos demais políticos. Tornar-se parecida implicou seguir as regras habitualmente praticadas dentro da política, regras que não são moralmente aceitas, pois privilegiam apenas ao interesse dos políticos e não da população.

Segundo as charges dessa unidade, adaptar-se ao meio político também é não respeitar as regras eleitorais e empregar táticas imorais para vencer os adversários. A charge de Jean do dia 9 de junho retratou Dilma antecipando a

campanha²⁷ e, assim, desrespeitando as regras eleitorais. Por sua vez, a publicação de Angeli do dia 27 de agosto apresentou Dilma e a confecção do Dossiê²⁸ contra José Serra, retratando, então, o emprego de táticas imorais pela candidata para derrotar seus adversários. Dessa maneira, Dilma é representada como a candidata que nunca disputou um pleito eleitoral, mas, ao iniciar sua campanha, abandonou condutas morais somente para ser eleita. Para tanto, ela empregou antigos vícios da política, ao invés de ser diferente e tentar modificá-los. Dilma adequou-se ao cenário político para atingir seu objetivo.

As charges da unidade *Dilma adapta-se ao meio político* caminham na mesma direção da publicação de Angeli (Charge 12). Nelas, Dilma é retratada como uma candidata que tenta adequar sua conduta apenas para agradar e atender as diferentes porções do eleitorado. Ao modificar seu comportamento a fim de vencer as eleições, Dilma é comparada aos demais políticos que empregam ações não comprometidas com a população, apenas para se eleger.

A segunda unidade de registro, *Dilma é a candidata do governo*, foi constituída a partir da análise de três charges. Nessa unidade, a candidatura de Dilma é caracterizada como possuidora de vantagem em relação aos demais candidatos, pois ela representa o partido governista. O resumo dessa unidade está na publicação de Angeli *Quem tem medo de Dilma Rousseff?*:

²⁷ A Vice-procuradora Eleitoral, Sandra Cureau, no dia 1º de junho de 2010, pediu aplicação de multa contra o PT e Dilma Rousseff por utilizarem as inserções partidárias transmitidas na televisão em junho de 2010 para antecipar a campanha eleitoral.

SELIGMAN, F. Vice-procuradora Eleitoral pede multa ao PV, Marina, PT e Dilma. **Folha de S. Paulo**, 1 jun. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/744239-vice-procuradora-eleitoral-pede-multa-ao-pv-marina-pt-e-dilma-por-propaganda-antecipada.shtml>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

²⁸ José Serra, então pré-candidato a presidente pelo PSDB, no dia 2 de junho de 2010, acusou Dilma e o PT de confeccionar um Dossiê com conteúdos contra ele e sua filha.

SERRA acusa Dilma de fazer dossiê.; petista nega. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 3 jun. 2010. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/06/03/2/>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

Charge 13



“Da máquina eu vim, à máquina voltarei”

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 25 ago. 2010. p. A2.

No dia 21 de agosto, a *Folha de S. Paulo*²⁹ publicou em sua matéria de capa o resultado de uma pesquisa eleitoral realizada pelo Datafolha. Essa pesquisa indicava pela primeira vez a possibilidade da candidata vencer as eleições no primeiro turno³⁰ com grande vantagem sobre Serra. A charge de Angeli foi construída a partir dessa notícia. O chargista retratou Dilma como um grande robô de metal. O robô está recebendo constantes ataques de tucanos, entretanto os ataques não surtem efeito e boa parte dos tucanos estão abatidos no chão. O tucano é o símbolo do PSDB, o partido oposicionista. Diante disso, o chargista associou Dilma à máquina. Nesse caso, máquina é empregado como sentido figurado para designar o Estado e seu funcionamento. Desse modo, por Dilma ser a candidata que representa o partido que está no comando do Estado, os candidatos oposicionistas não conseguem sobrepujá-la, pois sua candidatura está associada às ações bem avaliadas do governo.

Angeli retratou Dilma dizendo “Da máquina eu vim, à máquina eu voltarei”. Com essa fala, o chargista enfatiza não apenas o fato da candidata ser do partido governista, mas ele resgata e põe em evidência a carreira que Dilma desenvolveu em cargos técnicos dentro do Estado. Dilma não foi originada dos movimentos políticos, mas do interior da administração estatal.

²⁹ DILMA dispara, dobra vantagem e venceria Serra no 1º turno. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 ago. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/21/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

³⁰ Essa possibilidade não se confirmou. Dilma terminou a primeira etapa com 46,91% dos votos. Sua vitória foi consolidada no segundo turno.

As outras duas charges dessa unidade apresentaram a candidatura de Dilma como possuidora de vantagem sobre seus oponentes. A vantagem estaria em Dilma ser uma candidata oriunda do partido governista. Desse modo, ela estaria associada a todos os empreendimentos de êxito do governo. A charge de Glauco do dia 20 de janeiro associa essa vantagem ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)³¹, pois, nessa charge, Dilma colheria o reconhecimento nas urnas por todos os investimentos realizados pelo governo. Sendo assim, nessa unidade, Dilma foi representada como uma candidata que possuía maiores chances de ser eleita por pertencer ao partido do governo.

A terceira unidade de registro a compor essa categoria foi nomeada: Dilma deseja ser a mãe dos pobres. Essa unidade foi gerada a partir da análise de duas charges. Essas charges ridicularizam a tentativa da campanha de Dilma de representá-la como “mãe dos pobres”. João Montanaro publicou a charge *Dilma a mãe do povo*. Essa charge é a síntese da unidade.

Charge 14



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 31 jul. 2010. p. A2.

No dia 28 de julho Dilma realizou um comício em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Ao discursar, disse que, se fosse eleita, iria cuidar do povo brasileiro como uma mãe³². Montanaro em sua charge retratou esse episódio. No título da ilustração

³¹ O PAC foi criado em 2007, no segundo mandato do presidente Lula. Esse programa tinha por objetivo promover o planejamento e a execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, energética e logística do país. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

³² GUIBU, F. Dilma diz que será ‘mãe dos brasileiros’. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 2010. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/07/29/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

Dilma foi nomeada de mãe do povo. O chargista retratou-a tomando chá em uma sala de estar enquanto conversava com outra mulher. Ao conversar, Dilma diz que seus filhos estão sob os cuidados de uma babá. As duas charges dessa unidade ridicularizaram a fala de Dilma em Natal.

Os chargistas desconstruem o discurso que quer caracterizar Dilma como a “mãe dos pobres”. Montanaro quer explicitar a incoerência entre o discurso e a ação da candidata. O chargista põe em evidência a contradição entre o desejo da candidata de ser “a mãe do povo” e a ausência de comportamentos que demonstrem o seu cuidado pela população. Ao expor essa contradição e apontar a não existência de ações que confirmem o discurso, o chargista mostra que isso é apenas uma estratégia de campanha com a finalidade de promover uma aproximação de Dilma com o eleitorado mais pobre. Desse modo, essa aproximação, dar-se-ia a partir do emprego do afeto existente na representação social “mãe” para mediar a relação da candidata com o eleitorado. Essa estratégia eleitoral foi ridicularizada tentando tirar Dilma do lugar de mãe e colocando-a no lugar de candidata que quer apenas ganhar uma eleição sem se preocupar com o povo. Proposições semelhantes foram veiculadas pela charge de Angeli publicada no dia 30 de julho.

4.2.4 Dilma e aliados

Essa categoria foi constituída a partir da análise de oito charges. Duas unidades de registro estruturam-na. As unidades são: *Aliados atemorizam Dilma* e *Dilma governará presa aos aliados*. As charges dessa categoria retratam Dilma se relacionando com os políticos aliados a sua candidatura à Presidência. Todas as charges representam os aliados como políticos que não são comprometidos com o Estado e a vontade popular, mas apenas com os próprios interesses e com os interesses do partido. Diante disso, as charges reunidas na categoria expõem o modo como os aliados se comportam na relação com Dilma e a maneira como ela reage a eles. Por terem sido publicadas em 2010, as charges tentam, ainda, retratar o comportamento dos aliados em um futuro governo Dilma.

A unidade de registro *Aliados atemorizam Dilma* foi gerada a partir da análise de cinco charges. As charges dessa unidade foram publicadas entre os meses de novembro e dezembro. Desse modo, elas foram publicadas durante a transição de governo, após a vitória eleitoral de Dilma no segundo turno. Os aliados são retratados nessa unidade como políticos interesseiros que não possuem escrúpulos quando desejam angariar cargos no poder executivo para ampliar sua participação no governo. Por sua vez, Dilma foi retratada como estando amedrontada diante dos seus aliados políticos. A charge *Dilma descarta manter ministérios de siglas aliadas*, publicada por Scabini faz a síntese dessa unidade.

Charge 15



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 nov. 2010. p. A2.

O PMDB compôs a coligação que elegeu Dilma. O vice-presidente eleito, Michel Temer, era o presidente do partido. Entretanto, iniciada a transição do governo, o PMDB sentiu-se preterido nas discussões e decisões para construir o futuro governo. Diante disso, deu início a uma articulação com os demais partidos coligados a chapa de Dilma, PR, PTB, PP e PSC, a fim de montar um grande bloco de partidos contra o PT. Esse bloco teria força para pressionar Dilma e a coordenação da transição do governo para obterem cargos e o comando da Câmara e do Senado. O PT, ao perceber a formação desse grupo, se movimentou e desarticulou a liderança do PMDB. A *Folha de S. Paulo* noticiou esse ocorrido no dia 17 de novembro.³³

A charge de Scabini retratou a pressão dos aliados por mais espaço no futuro governo. O chargista desenhou Dilma recebendo das mãos do coordenador da

³³ RODRIGUES, F. e CABRAL, M. C. PT e Dilma reagem a bloco da base aliada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 nov. 2010. Poder, p. A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/11/17/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

transição de governo, José Eduardo Dutra, uma lista com as solicitações dos aliados. Entretanto, o coordenador apresentou também as ameaças feitas pelos aliados, caso não fossem atendidos. As ameaças estão representadas pela orelha decepada sobre a mesa, em menção ao ato cruel dos sequestradores de Wellington Camargo³⁴. Sendo assim, os aliados de Dilma são representados como políticos que são capazes de colocar todo tipo de impedimento ao governo com o intuito de ter suas vontades atendidas.

Diante de aliados capazes de realizar qualquer ação, moral ou não, para conquistar os próprios objetivos, o chargista retratou Dilma com expressão de temor. Desse modo, a presidente eleita é retratada com medo das pressões e ameaças dos aliados. Ao desenhá-la com medo, o chargista enfatizou que os aliados são perigosos e também mostrou que Dilma desconhecia isso, mas, ao conhecer, assustou-se. As demais charges dessa unidade acompanham a publicação de Scabini, tanto ao que se refere a Dilma, quanto ao que se refere aos aliados. Assim, ao representarem Dilma não sabendo que os aliados eram perigosos, os artistas caracterizaram-na como ingênua.

Ser ingênua foi qualificado como virtude, pois Dilma não estaria acostumada com o tipo de prática empreendida pelos políticos aliados e por isso assustou-se ao descobri-las. A virtuosidade do susto estaria associada ao fato da presidente eleita desconhecer essas práticas imorais por nunca tê-las praticado. Ser ingênua, então, é ser retratada como diferente dos políticos aliados. É ser retratada como alguém que tenta praticar uma política comprometida com o Estado e o seu povo. Para os chargistas, a confirmação da ingenuidade de Dilma está em sua tentativa de construir um governo técnico, apenas nomeando ministros com características técnicas, sem a presença de políticos indicados pelos partidos aliados, que somente buscariam o próprio favorecimento.

Entretanto, ao louvar a ingenuidade de Dilma, essas charges também a criticam. Sua excessiva ingenuidade é retratada como prejudicial ao futuro governo,

³⁴ Wellington Camargo, irmão dos cantores Zezé de Camargo e Luciano, foi sequestrado no dia 16 de dezembro de 1998, ficando 94 dias preso em cativeiro. Os sequestradores, a fim de pressionarem o pagamento do resgate, enviaram uma carta para a família com um pedaço da orelha do refém.

pois expressa sua inexperiência em negociações políticas. Sendo o governo democrático um espaço onde diferentes interesses são expressos e negociados na tentativa de se obter consenso, a inability de negociar com os diversos agentes políticos podem trazer prejuízos ao desenvolvimento do país. Sendo assim, nessa unidade Dilma é exposta como debilitada para cumprir a coordenação política que o cargo para que foi eleita exige. As promessas de campanha teriam dificuldades para serem cumpridas, pois precisariam ser aprovadas pelo Congresso Nacional e isso exigiria que Dilma negociasse com deputados e senadores, aliados ou não. Dessa maneira, essas publicações se mostraram pessimistas com o governo Dilma.

A unidade de registro *Dilma governará presa aos aliados* foi composta por três charges. Do mesmo modo que a unidade anterior, nessa, os aliados de Dilma são retratados como políticos que não são comprometidos com a causa pública, mas com os próprios interesses. Para essas charges, os aliados são sujeitos oportunistas, pois gostam de estar próximo dos ocupantes poder. Para estarem no poder, eles apoiam qualquer grupo que esteja governando, não distinguindo suas ideologias políticas ou convicções. Dessa forma, essa unidade retrata os aliados como o grande impedimento do futuro governo Dilma. A charge de Jean faz a síntese dessa unidade:

Charge 16



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 nov. 2010. p. A2.

No primeiro quadro da charge, Jean desenhou um alfaiate aferindo as medidas do corpo de Dilma para confeccionar sua faixa presidencial. No segundo quadro Dilma apareceu vestindo a faixa. Entretanto, a faixa foi confeccionada para

abranger seu corpo e todo o PMDB³⁵. Diante disso, Dilma foi desenhada com expressão de descontentamento, enquanto os aliados apareceram sorrindo. A faixa presidencial é uma indumentária que simboliza o poder do Presidente da República. O chargista resgatou esse simbolismo para dar ênfase que Dilma dividiria o poder com o PMDB. Desse modo, a faixa que explicita que Dilma é a presidente é a mesma faixa que lhe prende ao oportunismo dos seus aliados. Sendo assim, o seu poder seria limitado pela presença desse partido no governo.

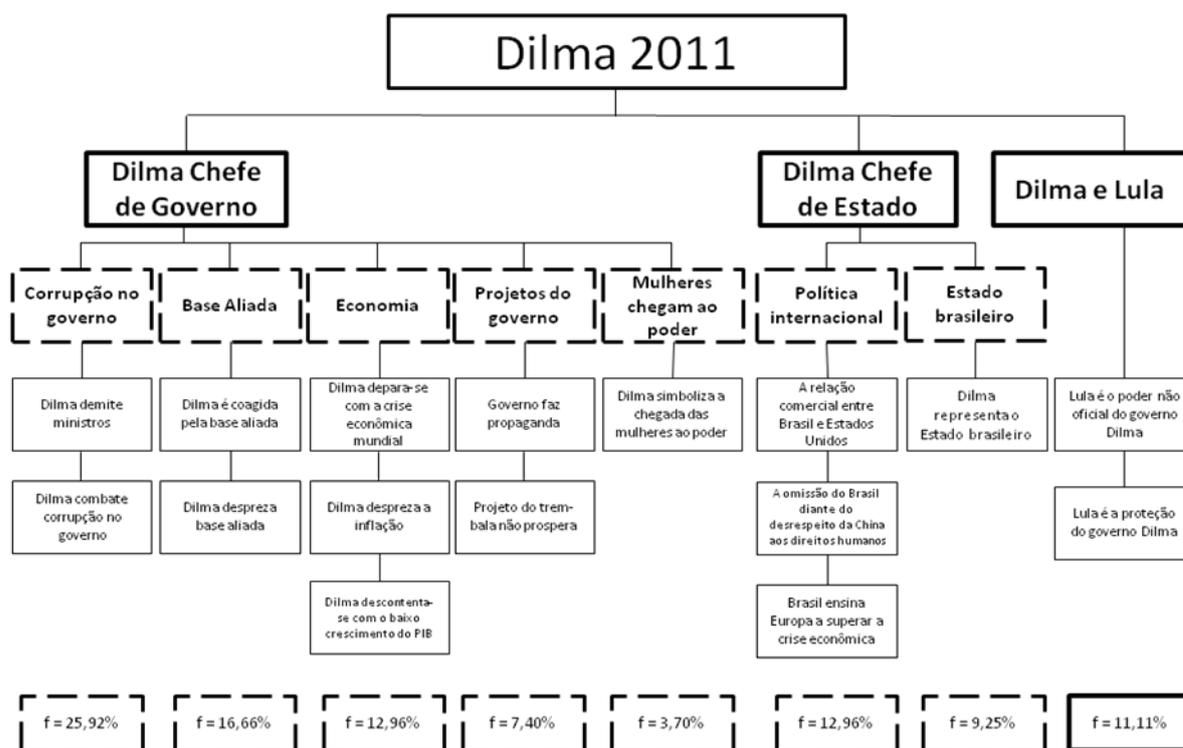
As outras duas charges que integram essa unidade estão em concordância com as proposições da publicação de Jean. Os chargistas retrataram os aliados de Dilma como partidos que oferecem apoio a qualquer candidato que tenha grande chance de vencer. Para oferecerem apoio esses partidos, não exigem coerência ideológica e/ou programática daqueles que irão apoiar. Exigem apenas cargos no poder executivo e participação no orçamento. Para essas charges, as características dos aliados trazem prejuízos ao desenvolvimento do governo, pois o governante precisa se submeter aos interesses particulares dos aliados e, assim, deixa de construir um governo que atenda às necessidades do país. Desse modo, as alianças estabelecidas por Dilma dificultarão o cumprimento das suas promessas de campanha, pois impedirão a execução do seu governo. Dilma é retratada como refém dos seus aliados.

³⁵ Michel Temer era candidato a vice-presidente na chapa de Dilma Rousseff. Temer era o presidente nacional do PMDB (Partido do Movimento Democrático do Brasil).

5 Charges de Dilma em 2011: o primeiro ano de governo

No dia 1º de janeiro de 2011, Dilma foi empossada como presidente da República. Em seu primeiro ano de mandato ela foi retratada por 54 charges publicadas pela *Folha de S. Paulo*. Como mencionado anteriormente, cada charge veicula um tema, sendo assim, as charges publicadas em 2011 veicularam 54 temas. A análise desses temas gerou três categorias. As categorias são *Dilma chefe de governo*, *Dilma chefe de Estado* e *Dilma e Lula*. O diagrama a seguir ilustra a organização das categorias:

Diagrama 2 - Categorização das charges publicadas em 2011 que retrataram Dilma Rousseff



Legenda

Categoria 
Subcategoria 
Unidade de registro 

A primeira categoria reuniu charges que retrataram Dilma chefiando o Poder Executivo. Essas publicações representaram-na do seguinte modo: demitindo ministros, relacionando-se com os partidos da base aliada, coordenando as políticas econômicas e executando projetos do governo. Essa categoria foi composta por 36 charges que correspondem a 66,66% das publicações de 2011.

A categoria Dilma Chefe de Governo foi estruturada por cinco subcategorias. As subcategorias são I) *corrupção no governo*, II) *base aliada*, III) *economia*, IV) *projetos do governo* e V) *mulheres chegam ao poder*. A primeira subcategoria foi estruturada a partir da análise de 14 charges, que correspondem a 38,88% das charges da categoria. Quando comparada ao total de publicações de 2011, essa subcategoria representa 25,92%. A segunda subcategoria foi composta por nove charges, equivalendo a 25% da categoria. Ela responde por 16,66% das charges publicadas no ano. A terceira foi integrada por sete charges que equivalem a 19,44% da categoria. Em comparação ao total de publicações do ano, ela representa 12,96%. A quarta subcategoria foi constituída por quatro charges, correspondendo, então, a 11,11% da categoria. Desse modo, ela equivale a 7,4% das publicações do ano. A quinta subcategoria foi estruturada por duas charges que correspondem a 5,55% da categoria, equivalendo, assim, a 3,7% do total publicado em 2011.

A segunda categoria agrupou charges que apresentam Dilma como a representante do Estado brasileiro. Assim, a figura dela foi identificada com o Brasil. Nessas charges ela foi retratada estabelecendo relações diplomáticas com outros Estados. Desse modo, Dilma foi desenhada personificando a nação brasileira. Essa categoria foi constituída por 12 charges que equivalem a 22,22% do total publicado em 2011.

A categoria Dilma Chefe de Estado foi constituída por duas subcategorias. As subcategorias são: I) *política internacional* e II) *Estado brasileiro*. A primeira subcategoria foi composta por sete charges que equivalem a 58,33% da categoria. Em comparação ao total de publicações do ano ela representa 12,96%. A segunda subcategoria agrupou cinco charges que correspondem a 41,66% da categoria, equivalendo, portanto, a 9,25% da totalidade publicada no ano.

A terceira categoria, *Dilma e Lula*, foi construída a partir da análise de seis charges. Essa categoria contém 11,11% das publicações de 2011. As charges

dessa categoria retratam a presença de Lula no governo Dilma. Desse modo, ora Lula é desenhado como querendo permanecer no poder, ora aqui aparece como conselheiro de Dilma.

Quadro 2 - Frequência de charges por categorias em 2011

Categorias	Nº de Charges – Frequência (%)	%
1. Dilma Chefe de governo	36	66,66
1.1. Corrupção no governo	14	25,92
1.2. Base aliada	9	16,66
1.3. Economia	7	12,96
1.4. Projetos do governo	4	7,4
1.5. Mulheres chegam ao poder	2	3,7
2. Dilma Chefe de Estado	12	22,22
2.1. Política internacional	7	12,96
2.2. Estado brasileiro	5	9,25
3. Dilma e Lula	6	11,11
3.1. Lula no governo Dilma	6	11,11
Total de charges em 2011	54	100

5.1 Dilma Chefe de Governo

Em 2011 a *Folha de S. Paulo* publicou 36 charges que retrataram Dilma como Chefe de Governo. Essas charges formaram uma categoria. Essa categoria foi estruturada a partir de cinco subcategorias. Cada subcategoria retratou o modo de Dilma lidar com assuntos específicos da gestão do poder executivo. Dentre as três categorias que organizam as publicações de 2011, essa é a maior. A primeira subcategoria pôs em evidência a maneira como, a chefe de Estado Brasileiro, enfrentou denúncias de corrupção dentro do seu governo. A segunda subcategoria expôs o seu comportamento ao se relacionar com os partidos que compunham a base aliada ao seu governo. A terceira subcategoria destacou as suas atitudes em relação à economia do país. A quarta subcategoria enfatizou os projetos do seu governo. Por fim, a quinta subcategoria abordou o fato histórico do poder executivo pela primeira vez estar sob o comando de uma mulher.

5.1.1 Corrupção no governo

A subcategoria Corrupção no governo foi gerada a partir da análise de 14 charges. Todas retrataram os comportamentos de Dilma diante das diversas denúncias de corrupção no governo. Essa subcategoria foi estruturada por duas unidades de registro. A primeira unidade de registro foi denominada *Dilma demite ministros*. Essa unidade mostrou Dilma demitindo ministros envolvidos em denúncias de corrupção. Por sua vez, a segunda unidade de registro foi denominada *Dilma combate a corrupção no governo*. Nessa unidade, a corrupção foi representada como a sujeira que coube a Dilma limpar. A primeira unidade congrega 86% das charges dessa subcategoria.

A análise da subcategoria será iniciada pela contextualização das notícias que motivaram as charges. O primeiro ano do governo Dilma foi marcado pela demissão de sete ministros acusados de corrupção. O primeiro a ser demitido foi Antonio Palocci³⁶, do Partido dos Trabalhadores. Sua demissão ocorreu no dia 7 de junho. Palocci era o ministro chefe da Casa Civil e foi acusado de enriquecer ilícitamente através da atividade de consultor enquanto era deputado. A segunda baixa do governo foi a de Alfredo Nascimento³⁷, ministro dos transportes e membro do Partido da República. O partido de Nascimento era acusado de superfaturar obras e cobrar propina. Diante disso, ele demitiu-se no dia 6 de julho. Nelson Jobim³⁸ do PMDB foi o terceiro a deixar o governo. Jobim era ministro da Defesa e havia criticado o governo na imprensa. Jobim também declarou a mídia que votou em José Serra nas eleições de 2010. Isso aumentou os conflitos dentro do governo e ele foi demitido no dia 4 de agosto.

³⁶ CRISE derruba Palocci; Dilma põe senadora novata na Casa Civil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/06/08/2/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

³⁷ DENÚNCIAS derrubam o 2º ministro de Dilma em 1 mês. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 jul. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/07/2/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

³⁸ MAGALÃES, J. C. Dilma demite Jobim e põe Celso Amorim na Defesa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 2011. Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/08/05/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

O quarto ministro a abandonar o governo foi Wagner Rossi³⁹ do PMDB. Rossi era ministro da agricultura quando a Polícia Federal começou a investigar denúncias sobre a participação de um lobista dentro do ministério. Rossi demitiu-se no dia 17 de agosto. O quinto ministro a sair do governo foi Pedro Novaes⁴⁰ do PMDB. Novaes era ministro do Turismo e foi acusado de pagar a governanta de sua casa e o seu motorista particular com dinheiro público. No dia 14 de setembro ele se demitiu. O sexto ministro a deixar o governo foi Orlando Silva⁴¹ do Partido Comunista do Brasil. Silva era ministro dos Esportes e estava sob suspeita de participar do desvio de recursos financeiros do ministério. No dia 26 de outubro ele demitiu-se. O sétimo ministro a sair do governo foi Carlos Lupi⁴² do Partido Democrático Trabalhista. Lupi era ministro do Trabalho e estava sendo acusado de ter, no passado, ocupado dois cargos públicos ao mesmo tempo, o que é proibido pela Constituição Federal. No dia 4 de dezembro Lupi pediu demissão. Todos esses fatos, denúncias e demissões formam o contexto das unidades de registro apresentadas a seguir.

A primeira unidade de registro foi construída pela análise de 12 charges. As charges dessa unidade tratam as atitudes de Dilma diante das denúncias de corrupção dentro de alguns ministérios. Essas publicações mostraram Dilma demitindo ministros suspeitos de corrupção e mostraram, também, Dilma enfrentando as acusações específicas de cada ministério. A charge “Cargos” de Jean resume essa unidade:

³⁹ DENÚNCIAS derrubam o 4º ministro do governo Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/08/18/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

⁴⁰ GOVERNO Dilma perde 5º ministro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 set. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/09/15/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

⁴¹ SOB suspeita, ministro do Esporte deixa governo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 out. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/27/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

⁴² LUPI é o sexto ministro de Dilma a cair sob suspeita. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 dez. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/05/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

Charge 17



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 20 jun. 2011. p. A2.

Jean desenhou Dilma dirigindo um caminhão e olhando para frente. No espelho retrovisor lateral do veículo aparecem pessoas e papéis caindo do caminhão em movimento. Essa charge foi publicada dias após o pedido de demissão do ministro dos Transportes. Entretanto, seu conteúdo sintetiza todas as publicações que geraram essa unidade. O chargista utilizou um caminhão para simbolizar o governo. O caminhão é dirigido por Dilma, ou seja, é ela, como presidente da República, que está no comando do governo. O caminhão guiado por Dilma está em movimento; está indo para frente. O retrovisor sinaliza que algumas pessoas estão sendo lançadas para fora do veículo enquanto ele anda. Assim, o governo não parou para que alguns de seus integrantes saíssem dele.

Nessa charge Dilma é apresentada como a comandante do governo. E seu governo não para diante da corrupção dos seus membros. Assim, num período em que muitas denúncias de corrupção acometeram o governo, as charges mostraram que Dilma se manteve no comando. Seu modo de governar foi seguir em frente, entretanto abandonando todos os acusados. Com as duas mãos no volante, Jean retratou Dilma mantendo o governo no rumo, sem aceitar os desvios morais dos seus membros.

Essa charge mostrou o modo como Dilma tratou os corruptos. Todos os acusados de corrupção eram lançados para fora do governo e abandonados a própria sorte. O governo continuava executando seus projetos e os corruptos eram expulsos. Dilma governava e defenestrava os acusados. O chargista retratou Dilma enfrentando a corrupção com força e vigor, não aceitando essa prática. As charges dessa unidade não enfatizam apenas a corrupção. Elas dão ênfase ao modo

enérgico como Dilma lidou com isso. Como tantas outras, essas publicações denunciam a fragilidade moral dos políticos, no entanto isso não se constituiu como o centro dessas obras, mas o que foi enfatizado foi o tratamento que esse tema recebeu da chefe de governo. Essas charges não ridicularizam as atitudes de Dilma. Ridicularizam os corruptos. As atitudes da governante foram valorizadas por essas obras.

A segunda unidade da subcategoria foi formada por duas charges. Essas publicações abordam a corrupção de forma genérica, não especificando denúncias que se tornaram públicas. A publicação de Jean é o resumo da unidade:

Charge 18



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 14 ago. 2011. P. A2.

Jean associou corrupção a ratos e dinheiro. Segundo Ferreira (2010), o vocábulo rato também significa ladrão. Desse modo, o chargista simbolizou corrupção como diversos ladrões desejosos por dinheiro. Jean organizou sua charge em quatro quadros a fim de evidenciar movimento. No primeiro e no terceiro quadro, Dilma aparece de frente limpando o chão. Nesses quadros o chão está limpo. No segundo e no quarto quadro, Dilma está de costas para o leitor e está limpando seu pano de chão. Nesse momento ratos com dinheiro aparecem sem que ela perceba. O chargista enfatiza que o comportamento de Dilma de limpar a corrupção não tem fim, pois quanto mais corrupção ela limpa, mais corrupção aparece para ser limpa.

Nessa unidade, corrupção foi significada de quatro modos. No primeiro, ela foi retratada como característica da política. Assim, os chargistas apresentaram a corrupção como indissociável da ação política. Onde existe política, existiria corrupção. No segundo, a corrupção foi caracterizada grande. Por ser uma ação

ligada à política, ela estaria, então, presente em todos os espaços do Estado. No terceiro, ela foi apresentada como prática que nunca acaba. A corrupção foi representada como eterna. Isso lhe caracteriza como não tendo fim. No quarto, a corrupção foi associada à sujeira. Sendo assim, ela foi qualificada prática impura, que prejudica o desenvolvimento do Estado e é reprovada pela sociedade civil.

A associação de corrupção à sujeira foi resgatada pelos chargistas quando Dilma demitiu ministros suspeitos de práticas ilegais. A presidente passou a ser retratada como faxineira. Essas charges representaram Dilma incumbida de tornar limpo o que estava sujo, de pôr em ordem o que estava desordenado, de moralizar o que era imoral, ou seja, de pôr fim à corrupção. As demissões praticadas pela chefe do governo foram simbolizadas como limpeza, pois, com essa atitude, ela tentava corrigir o que estava errado na política brasileira, a corrupção. No entanto, as charges apresentaram uma governante surpresa com o tamanho de sua tarefa, pois ela descobriu que a corrupção era grande e não se acabava. Quanto mais ela atacava a corrupção, mais corrupção aparecia. As charges evidenciaram o quão enfadonho era esse trabalho. Tentar concertar o que não tem concerto, ou tentar limpar uma sujeira que não desaparece, era um trabalho eterno. Para os chargistas, era esse o trabalho que Dilma estava enfrentando. Mesmo diante das dificuldades retratadas, as charges engrandeceram a limpeza executada pela presidente.

5.1.2 Base Aliada

A subcategoria *Base Aliada* foi construída a partir da análise de nove charges. As publicações nela congregada abordam a relação de Dilma com sua base aliada. Essa subcategoria foi composta por duas unidades de registro: Dilma é coagida pela base aliada e Dilma despreza a base aliada. A primeira unidade põe em evidência as atitudes dos aliados com Dilma. A segunda unidade destacou a conduta de Dilma com sua base. As duas unidades representam a base aliada como políticos que agem apenas para satisfazerem seus próprios interesses. Eles são caracterizados como políticos que não possuem compromisso com o desenvolvimento do Estado brasileiro, pois dão importância apenas as suas preocupações particulares e às de

seus partidos. Desse modo, são retratados como sujeitos que sacrificam o país a fim de tirar proveito pessoal do governo.

A primeira unidade de registro foi gerada por seis charges. Nessa unidade Dilma aparece coagida pela base aliada. Os políticos aliados para satisfazerem aos próprios interesses tentam obrigar pela força a chefe do governo a aceitar suas vontades. A charge “Dilma: um retrato” de João Montanaro faz a síntese dessa unidade.

Charge 19



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 9 jul. 2011. p. A2.

Montanaro retratou Dilma isolada dos políticos aliados. A expressão dela caracteriza medo. A base aliada aparece raivosa, discutindo entre si, enquanto, com o dedo em riste, atacam-na. O título da charge sugere que no período de sua publicação essa era a situação da presidente. A ofensiva da base aliada era uma reação à demissão dos ministros acusados de corrupção e era, também, uma luta para não perder espaço no poder executivo⁴³. Diante disso, o chargista retratou Dilma paralisada com temor perante os seus aliados.

Como resumo dessa unidade, a charge de Montanaro evidenciou que a base aliada agride Dilma quando tem seus interesses contrariados. Os aliados não consideram o quanto seus interesses e suas práticas podem ser prejudiciais ao país. Eles apenas querem satisfazer seus objetivos de qualquer forma. Para isso, utilizam a intimidação e a ameaça contra quem que os impedir. Podem, portanto, fazer isso até com o governo que apoiaram.

⁴³ PT mandava tanto quanto PR, afirma ex-diretor do Dnit. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/08/2/>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

Para os chargistas, ao deparar-se com isso, Dilma mostrou-se atônita, sem saber reagir. Montanaro desenhou a governante com expressão acovardada. Diante da fúria dos aliados, ela foi representada com medo. Para essas charges, ela temia sua base. O medo da governante foi ridicularizado, pois esse comportamento não condizia com o poder e as funções do cargo de presidente. Entretanto, o medo da presidente também foi retratado como inocência, pois ela se surpreendeu com os seus aliados por desconhecer o quão agressivo eles eram. Ela não tinha conhecimento do comportamento deles. Os chargistas expressaram admiração por ela não saber como sua base procedia, ou seja, por não saber que eles empregavam estratégias imorais para alcançar seus interesses. Para os chargistas, isso era da ordem do óbvio.

A inocência de Dilma não foi apenas representada como uma qualidade positiva, mas foi, também, representada como sua incapacidade política para se relacionar com a base. Montanaro demonstrou isso ao desenhar a presidente distante dos políticos. Ficou, assim, evidente o quanto governo e base aliada possuíam objetivos diferentes, sem conseguí-los convergir. Essas charges ridicularizaram a violência empregada pelos aliados para alcançar seus interesses. Ridicularizaram o medo da chefe do executivo diante dessas agressões e ridicularizaram a sua inabilidade para conduzir os aliados.

A segunda unidade de registro foi composta por três charges. As publicações dessa unidade retrataram a base aliada insatisfeita com o governo. A insatisfação decorreu das demissões dos ministros acusados de corrupção. Os demitidos, exceto Palocci, pertenciam a diversos partidos que apoiaram a candidatura do PT. Os partidos que tiveram membros exonerados do governo ficaram insatisfeitos também por acharem que a presidente expunha-os como corruptos perante a opinião pública⁴⁴. As charges dessa unidade ridicularizam essa situação e retratam Dilma desprezando sua base aliada. A charge *Base Aliada* de Jean representa essa unidade:

⁴⁴ FLOR, A. e CABRAL, M. C. Deputado diz que PMDB não teme “cara feia”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 2011. P. A8. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/09/16/2/>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

Charge 20



Fonte: Folha de S. Paulo, 19 ago. 2011. p. A2.

Jean estruturou sua charge em dois quadros. No primeiro quadro, um político aliado pede para conversar com Dilma e ela aceita. No segundo quadro, o político segue caminhado ao lado de Dilma, quando, subitamente, pisa em uma vassoura e ela bate em seu rosto. Nos dois quadros, a expressão facial de Dilma era de desprezo. O aliado solicitou uma conferência com a presidente e inesperadamente encontrou utensílios de limpeza. A charge utilizou os objetos de limpeza para relacioná-los com as demissões dos ministros acusados, ou seja, ao demitir corruptos, Dilma estaria limpando o governo da corrupção. O chargista enfatizou a surpresa dos aliados ao perceberem que a governante não estava aceitando suas condutas imorais.

As charges dessa unidade abrangem duas questões: I) Dilma despreza as atitudes da base aliada e II) a base aliada indigna-se ao ser desprezada. Os chargistas retrataram Dilma sem apreço por seus aliados. Ela foi desenhada não aceitando as atitudes corruptas de alguns membros de sua base. Ao serem caracterizadas assim, as charges tornam-na diferente dos políticos corruptos. Dilma não se assemelha a eles. Ela não é corrupta. Sua moral não é igual a deles. Dilma despreza quem é corrupto. As charges engrandecem seu desprezo.

A segunda questão abarcada por essa unidade de registro refere-se à indignação da base aliada em relação ao desprezo da presidente. Mais uma vez, os políticos aliados são representados como sujeitos não comprometidos com a coisa pública, pois estão, apenas, comprometidos com seus partidos e com suas vidas privadas. Sendo assim, essas charges ridicularizam a raiva dos aliados contra Dilma. Os aliados são considerados ridículos por acharem que a presidente deveria

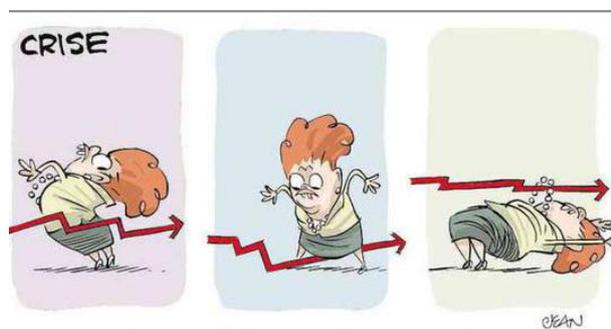
concordar com suas ilegalidades. Eles são considerados ridículos também por não conseguirem perceber que seus atos são errados e são reprovados pela sociedade. Em suma, as charges retrataram a base aliada insatisfeita com Dilma por ela ser intolerante com a corrupção.

5.1.3 Economia

A subcategoria *Economia* foi gerada a partir da análise de sete charges. Ela foi estruturada por três unidades de registro: I) *Dilma depara-se com a crise econômica mundial*, II) *Dilma despreza a inflação* e III) *Dilma descontenta-se com o baixo crescimento do PIB*. Essa subcategoria retratou Dilma gerindo a economia do país. Os chargistas desenharam-na enfrentando os reflexos da crise econômica dos países europeus e dos Estados Unidos na economia brasileira. A presidente também foi desenhada administrando a inflação e o baixo crescimento da economia nacional.

A primeira unidade de registro foi confeccionada a partir da análise de três charges. Nessa unidade, Dilma foi representada encontrando, inesperadamente na economia brasileira, as consequências da crise econômica instalada nos países desenvolvidos. Os chargistas simbolizaram a crise econômica de três modos: a) como o diabo, b) como gráficos que expressam as mudanças dos indicadores econômicos e c) como globo terrestre rachando-se. As três simbolizações são catastróficas e apocalípticas. Entretanto, as charges não retrataram a crise como sendo brasileira, pois ela vinha de outros países e aproximava-se da economia nacional. Essas charges colocaram em evidência a atitude da presidente ante essa aproximação. A charge *Crise de Jean* explica essa unidade:

Charge 21



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 25 set. 2011. p. A2.

A charge de Jean foi estruturada em três quadros. Em todos os quadros Dilma apareceu esquivando-se de gráficos em linha que tentava atingi-la. Em cada quadro ela faz um movimento diferente para fugir das setas, que também se movimentam de modo diferente. O gráfico em oscilação simboliza a crise econômica mundial. Os movimentos de Dilma estão simbolizando as ações do seu governo para conter a crise. Para o chargista, o governo foi surpreendido pela crise. Desse modo, suas ações foram apenas de esquila. Dilma foi desenhada realizando movimentos flexíveis para escapar da crise, entretanto, cada ação de esquila não afastou as ameaças do governo, pois nos três quadros ela precisou se esquivar, porque, em todos eles, as setas não deixaram de aparecer.

As três charges da unidade retrataram o governo sendo surpreendido pela crise. Para essas publicações, Dilma não esperava que a crise se aproximasse da economia nacional. Diante do imprevisto, o governo passou a executar políticas econômicas improvisadas. Para os chargistas, elas eram apenas paliativas. Não integravam um planejamento de longo prazo. Resolviam apenas os problemas mais imediatos. Os artistas qualificaram frágeis as ações do governo contra a crise. A crise foi forte e poderosa e as medidas do governo para contê-la foram, inócuas.

A unidade, *Dilma despreza inflação*, foi gerada pela análise de duas charges. Essa unidade retratou as ações do governo Dilma diante da inflação econômica. Nas duas charges, utilizou-se o dragão para simbolizar a inflação. Para os chargistas, o governo Dilma não se preocupou com a inflação. A charge *Sobre inflação e maquiagem* publicada por Benett resume a unidade:

Charge 22



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 25 abr. 2011. p. A2.

Benett desenhou Dilma na rampa do Palácio do Planalto conversando com o dragão da inflação. Nessa conversa, o dragão tentava vender maquiagem para a presidente. A maquiagem é um utensílio cosmético que tem por finalidade o embelezamento e o disfarce. Desse modo, ela pode tornar bela quem a utiliza e pode também esconder suas imperfeições. No dia 22 de abril de 2011, a *Folha de S. Paulo*⁴⁵ publicou matéria de capa relatando que diversas empresas, para fugirem da inflação e não aumentarem os preços, estavam diminuindo o volume e o peso dos produtos comercializados. Entretanto, essa medida era realizada sem informar o consumidor. O chargista resgatou essa notícia. Para Benett, o governo Dilma tentou ocultar a inflação da população.

As charges dessa unidade retrataram a economia brasileira sendo ameaçada pela inflação. Todavia, ela não estava sendo combatida. Para essas publicações, o governo brasileiro não percebia a presença desse mal no contexto econômico. No entanto, isso foi retratado como uma opção do governo. Para os chargistas, a administração federal optou por não perceber a inflação; optou por dissimular sua existência, como assinalou Benett. Ao dissimular, não implementou medidas eficientes de combate, apenas, negou que ela existia. Para essas charges, a inflação foi ocultada porque ele desprezava o seu poder de destruição. Por entender que ela não era prejudicial, o governo Dilma não empregou ações para combatê-la. Apenas tentou escondê-la da população. Todo esse movimento foi ridicularizado pelos chargistas.

⁴⁵ MARTINS, L. "Maquiagem" de produtos cresce junto com inflação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/04/22/>>. Acesso em : 15 jun. 2013.

A terceira unidade de registro, Dilma descontenta-se com baixo crescimento do PIB, foi produzida a partir da análise de duas charges. Essas charges retrataram a presidente descobrindo que o Produto Interno Bruto (PIB) de 2011 pouco crescerá. Nessa unidade, a governante apareceu insatisfeita com essa notícia econômica. A charge de Mandrade resume a unidade:

Charge 23



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 26 dez. 2011. p. A2.

Segundo a *Folha de S. Paulo*, a economia nacional parou de crescer no terceiro trimestre de 2011⁴⁶. Em matéria publicada no dia 7 de dezembro, o jornal expunha dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A estagnação econômica foi gerada pela indústria, pelo setor de serviços e pela diminuição do consumo das famílias. O governo havia previsto que o PIB cresceria 3,8% em 2011, entretanto, diante do comportamento do mercado, a previsão de crescimento foi recuada para 3,2%⁴⁷. Diante desse contexto, Mandrade desenhou Dilma insatisfeita com o pequeno crescimento da economia em seu primeiro ano de governo. Na charge, a governante qualificou o PIB como “meia-boca”, ou seja, ele não era ruim, mas também não era bom. A presidente foi retratada com expressão

⁴⁶ BRASIL para de crescer. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 dez. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/07/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

⁴⁷ Essa previsão não se consolidou. Segundo dados do IBGE, publicados no dia 6 de março de 2012, o PIB brasileiro em 2011 cresceu 2,7%.

PIB fraco no primeiro ano de Dilma pressiona o BC a reduzir juros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar. 2012. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/07/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

de indignação, pois o presente de Natal que ela desejava ela não ganhou. Para o chargista, Dilma estava frustrada.

As duas charges dessa unidade destacaram o baixo crescimento do PIB, contudo o objetivo de ambas foi enfatizar a indignação da presidente com essa notícia. Para os chargistas, Dilma não esperava por esse tímido crescimento. Diante da surpresa, surgiu a frustração da governante. A pequenez do PIB, segundo os artistas, não satisfaz o desejo da presidente de ver a economia crescendo em seu primeiro ano de governo. Esse comportamento foi ridicularizado pelas charges. Essas publicações não abordaram as repercussões dessa informação na sociedade, ou seja, não trabalharam os significados da estagnação econômica para o país. No entanto, elas colocaram em evidência a não realização dos desejos da governante, como sendo ela a única prejudicada. Dilma foi retratada esperando pelo crescimento econômico do país, como se isto fosse acontecer sem o correto trabalho do governo, como se fosse o resultado de magia. A frustração de Dilma foi comparada ao de uma criança que não recebe o presente pedido ao Papai Noel. O fraco desempenho da economia, para essas charges, foi uma derrota pessoal de Dilma, pois seria a credibilidade do seu governo que mais ganharia com isso. Desse modo, elas ridicularizaram o comportamento do governo de não considerar a importância da economia para a vida da população, mas de considerarem, apenas, as consequências eleitorais positivas que ela produz.

5.1.4 Projetos do Governo

A subcategoria, *Projetos do governo*, foi construída a partir da análise de quatro charges. Ela foi estruturada por duas unidades de registro. A primeira unidade chama-se *Governo faz propaganda*. Por sua vez, a segunda unidade chama-se *Projeto do trem-bala não prospera*. Essa subcategoria congregou publicações que abordaram ações executadas pelo governo Dilma. A primeira unidade destacou a importância que o governo atribui à propaganda, tornando-a uma de suas principais atividades. A segunda unidade realçou a dificuldade de a administração federal efetivar o projeto do trem-bala.

A primeira unidade foi gerada pela análise de duas charges. Essa unidade retratou a elevada importância que o governo conferia à propagação dos seus atos. Para os chargistas, a administração Dilma considerava mais importante fazer propaganda dos seus atos do que implementar políticas públicas. A charge de Jean faz a síntese dessa unidade:

Charge 24



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 27 dez. 2011. p. A2.

Jean construiu sua charge em dois quadros. No primeiro quadro, Dilma aparece caminhando na praia sendo seguida por um fotógrafo. No segundo quadro, Dilma segura uma placa ao lado de uma concha enquanto é fotografada. A placa segurada pela presidente estampa o dizer: *Minha casa minha vida*. Os dizeres da placa referem-se ao nome de um dos programas da gestão Dilma. Esse programa tem o objetivo de reduzir o déficit habitacional do país, fornecendo financiamento imobiliário para à população com renda familiar de R\$1.600,00 até R\$ 5.000,00⁴⁸. O chargista, assim, desenhou Dilma fazendo pose para o fotógrafo como se estivesse inaugurando mais uma obra do seu programa habitacional. O artista ridicularizou a governante de dois modos. Primeiro, ele ridicularizou a atitude do governo de publicitar a autoria de feitos que não são seus. Segundo, ele ridicularizou a pretensão do governo de fazer propaganda de políticas que não foram executadas.

Nessa unidade, Dilma foi retratada empreendendo um governo que valoriza em demasia a propaganda. Para essas publicações, um dos objetivos centrais do governo é propagandear. Para cumprir esse objetivo, ele prioriza em detrimento da execução de políticas. Para os chargistas, antes de iniciar ações, o governo já está se preocupando com as formas de noticiar seus feitos. Sendo assim, a realização de

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/minha-casa-minha-vida>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

propaganda tem valor igual a solução de problemas do cotidiano da população. Nessas charges, Dilma foi desenhada fazendo propagando do programa *Minha Casa, Minha vida* e do plano *Brasil sem miséria*⁴⁹. As duas publicações não tornaram burlescos os programas, mas sim o excesso de propaganda. As charges dão destaque a isso, a fim de tornar cômica essa prioridade do governo Dilma.

A segunda unidade de registro, *Projeto do trem-bala não prospera*, foi composta por duas charges. Essa unidade retratou o esforço do governo para efetivar a construção do Trem de Alta Velocidade (TAV) entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A charge *Empreiteiras* de Jean resume a unidade:

Charge 25



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 8 jul. 2011. p. A2.

Jean confeccionou sua charge a partir do seguinte contexto. Em 2007 o governo iniciou estudos para implantação do Trem de Alta Velocidade (TAV) interligando São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse período, o objetivo era concluir a obra até 2014. No meio de 2010, o governo anunciou que daria subsídios para à empresa vencedora do leilão. Em novembro de 2010 a licitação da obra foi adiada para 2011, pois não haviam empresas interessadas em participar do processo licitatório. No dia 11 de julho de 2011 foi realizada a licitação para construção do TAV. No entanto, nenhuma empresa se interessou pelo leilão⁵⁰.

⁴⁹ O objetivo desse Plano é fazer um mapeamento da pobreza do país. Para isso, o governo realizou um levantamento para identificar pessoas não assistidas pelo Programa Bolsa Família. Desse modo, o governo foi atrás daqueles que não eram assistidos, ao invés de esperá-los. Após identificá-los, eles passaram a receber o auxílio. Disponível em: <<http://www.brasilsemisericia.gov.br/apresentacao>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

⁵⁰ FERNANDES, S. e CRUZ, V. Leilão do trem bala fracassa e regra muda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2011. Mercado, p. B1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/12/10/>>. Acesso em: 17 jun.

A charge de Jean foi organizada em dois quadros. No primeiro quadro, Dilma apresenta o projeto do trem-bala para representantes das empreiteiras, a fim de saber quanto eles irão investir. No segundo quadro, as empreiteiras respondem a presidente colocando sobre a mesa quatro balas. Trem-bala é como ficou conhecido o Trem de Alta Velocidade do Japão. O chargista fez um trocadilho com a palavra bala. A palavra bala nomeou o trem e também designou o popular doce de baixo preço. Para retratar o pouco interesse das empreiteiras em investir no projeto, o artista desenhou os empreiteiros entregando doces de pouco valor para a presidente. A charge tornou cômico o desinteresse dos investidores pelo projeto do governo.

As charges dessa unidade ridicularizaram a incapacidade do governo de consolidar a construção do TAV. Os chargistas, ao retratarem o fracasso do projeto, expuseram a incapacidade da administração federal de concretizar seus planos. Entretanto, a ênfase das charges está no modo como os investidores se reportaram ao governo. A administração Dilma teve seu projeto rejeitado pela iniciativa privada, mesmo após oferecer subsídios. Para os chargistas, a recusa dos investidores desqualificou um projeto considerado importante pelo governo. Desqualificou, ainda, a inabilidade do governo de tornar interessante seu plano, a fim de atrair parceiros para investir. O governo Dilma foi retratado como incapaz de vender seus projetos.

5.1.5 Mulheres chegam ao poder

A subcategoria, *Mulheres chegam ao poder*, foi gerada a partir da análise de duas charges. Diferentemente das demais subcategorias, essa não foi estruturada por unidades de registro. A similaridade temática das publicações fez com que o resultado da análise gerasse diretamente uma subcategoria. O pequeno número de charges a compor essa subcategoria não a torna menos importante que as demais. Sua relevância está colocada no fato de ser ela a única, dentre as publicações de 2010 a 2012, a retratar a chegada da mulher na Presidência da República. Assim, a

baixa frequência de charges a compor a subcategoria tem sua importância suplantada pelo ineditismo do tema.

Essas duas charges destacaram o fato de ser Dilma Rousseff a primeira mulher a tornar-se Presidente da República do Brasil. Assim, o 40º presidente do país era uma mulher. A partir desse acontecimento, os chargistas simbolizaram a eleição de Dilma como o acesso das mulheres aos altos postos de poder. Para essas publicações, a primeira presidente representou a ascensão da mulher ao poder; espaço esse, tradicionalmente ocupado por homens. A charge *Novos tempos* de Angeli sintetiza essa subcategoria:

Charge 26



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 6 jan. 2011. p. A2.

Angeli publicou essa charge na primeira semana do governo Dilma. A presidente foi desenhada coordenando uma reunião. Os demais participantes da reunião são homens. Dilma é a única a trajar calça e a não cruzar as pernas. Os outros participantes estão vestidos com paletós, gravatas, saias e meia-calça. E suas pernas estão cruzadas. O objetivo do chargista foi ironizar a característica masculina do poder. O artista expõe o fato de a política ser tradicionalmente ocupada por homens, como se esse espaço pertencesse somente a eles, sendo, e devendo ser, os altos cargos políticos administrativos ocupados somente por homens. Cabendo às mulheres, apenas, o mando da vida privada familiar.

O escárnio de Angeli carrega uma dura crítica. Para ele, a chegada de Dilma à Presidência pouco muda esse cenário, pois a presidente pode ser mulher, mas os demais cargos são ocupados por homens. A presidente pode ser mulher, mas a forma de pensar e gerir a política, ainda, possui predominante característica masculina. Essa mudança seria, então, apenas aparente. Por isso, os homens

desenhados vestem saias e meia-calça e cruzam as pernas como mulheres. São homens no poder apenas encenando características femininas.

Contudo, essa crítica não exclui a exaltação desse fato por essa subcategoria. Os chargistas retrataram feitos de Dilma como uma conquista histórica das mulheres. Por exemplo, a charge de Benett, publicada no dia 22 de setembro de 2011, destacou o fato de Dilma, no dia anterior, ter sido a primeira mulher a abrir a Assembléia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). A posse de Dilma como presidente foi retratada como um dos resultados da luta das mulheres contra a desigualdade entre os gêneros. Uma dessas desigualdades históricas é a desigualdade de acesso ao poder. As duas charges que compõem essa subcategoria são as únicas a mencionarem a eleição de Dilma, no universo dessa pesquisa, pelo viés do gênero. Ao mesmo tempo em que celebram esse evento, também tecem duras críticas ao machismo que ainda domina a política brasileira.

5.2 Chefe de Estado

Em 2011, foram publicadas 12 charges pela *Folha de S. Paulo* retratando Dilma Rousseff como Chefe de Estado. A análise temática dessas publicações gerou essa categoria. Duas subcategorias estruturam essa categoria. A primeira chama-se *Política internacional* e a segunda chama-se *Estado brasileiro*. Essas charges retrataram Dilma desempenhando a função de Chefe de Estado. No regime político presidencialista, essa função encarrega o presidente de ser o mais alto representante do Estado. Desse modo, Dilma personifica o Estado brasileiro. Assim, algumas funções do presidente são estabelecer relação com outros Estados e exercer o comando supremo sobre as Forças Armadas. Nessa categoria, Dilma foi retratada relacionando-se com outros países. Dilma também foi desenhada como a personificação do Brasil.

5.2.1 Política internacional

A subcategoria *Política internacional* foi resultada da análise de sete charges. Essa subcategoria foi composta por três unidades de registro. As unidades são: a) *A relação comercial entre Brasil e Estados Unidos*, b) *A omissão do Brasil diante do desrespeito do China aos direitos humanos* e c) *Brasil ensina Europa a superar crise econômica*. Todas as publicações retrataram as características da política externa do governo Dilma. As charges apresentaram Dilma como representante do Brasil. No entanto, elas dedicaram-se a enfatizar os princípios que embasaram a política exterior do seu governo.

A primeira unidade de registro foi composta por cinco charges. Ela retrata a relação entre Brasil e Estados Unidos. A maioria dessas publicações deu ênfase as relações comerciais estabelecidas entre os dois países. Nessas charges, Dilma ofereceu combustível para o presidente americano, Barack Obama. Em março de 2011, Obama fez sua primeira visita oficial ao Brasil. Em setembro do mesmo ano, foi Dilma quem fez uma visita oficial aos Estados Unidos. As charges dessa unidade foram produzidas nesse contexto. A visita de Obama ao Brasil foi tema de quatro charges. A charge *Pré-Sal* publicada por João Montanaro faz a síntese dessa unidade:

Charge 27



Fonte: Folha de S. Paulo, 19 mar. 2011. p. A2.

A charge de Montanaro expõe Barack Obama chegando ao Brasil e sendo recebido por Dilma no aeroporto. A presidente aguarda o americano em um tapete vermelho estendido na pista de pouso. Ela está trajando uniforme de frentista com as cores da bandeira brasileira e segurando um bico de bomba de abastecimento de combustível. Antes de Obama tocar o solo brasileiro, a governante lhe oferece combustível. O título da charge explica a origem do produto oferecido. Para o

chargista, Dilma recebeu Obama para lhe vender o petróleo que será extraído do Pré-Sal.

Essa unidade destacou que a relação entre Brasil e Estados Unidos possui forte interesse comercial. Por esse modo, Dilma foi exposta como vendedora diante de Obama. A presidente ora oferece-lhe o produto da exploração do Pré-Sal, ora oferece-lhe etanol. As publicações apresentaram a venda de combustível como política do governo. A governante foi retratada como vendedora perspicaz, pois, enquanto dava boas vindas aos visitantes, já tentava vender-lhes as riquezas produzidas no país. Assim, Obama foi desenhado como cliente desejado pelo governo. No entanto, as charges dessa unidade não apresentam o governo americano apenas como um comprador. Para elas, a visita do presidente americano teve como principal finalidade a ampliação da influência dos Estados Unidos sobre o Brasil, resultando, desse modo, na aproximação da agenda e dos objetivos dos dois países.

A segunda e a terceira unidade de registro foram geradas, cada uma delas, por apenas uma charge. A baixa frequência de publicações a compor essas unidades não as tornam irrelevantes. As charges dessa pesquisa foram estudadas a partir de análise temática. Desse modo, o critério para formação de uma unidade de registro é a relevância do tema e não sua alta frequência de publicações.

A segunda unidade de registro foi denominada *A omissão do Brasil diante do desrespeito da China aos direitos humanos*. Essa unidade abordou a visita oficial realizada por Dilma Rousseff a China, em abril de 2011⁵¹. O objetivo da visita era ampliar o comércio entre os dois países. Durante o período da viagem, o governo chinês mantinha preso o Nobel da Paz Liu Xiaobo e também era acusado de participar do desaparecimento do artista e ativista Ai Weiwei. Ambos eram dissidentes do governo. Entretanto, Dilma não se pronunciou condenando as práticas repressivas do governo chinês. A charge *Direitos humanos na China* de Bennett gerou essa unidade.

⁵¹ CANTANHÊDE, E. , MAISONNAVE, F., IGLESIAS, S. Brasil X China. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 abr. 2011. Mundo, p. A 14. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/04/11/2/> >. Acesso em: 20 jun. 2013.

Charge 28



Fonte: Folha de S. Paulo, 11 abr. 2011. p. A2

Benett desenhou Dilma ao lado do presidente chinês Hu Jintao. O chinês mostra para a brasileira que em seu país não há insatisfeitos com o governo. Para isso, ele mostra a ela presos que estão contidos com as mãos atadas para o alto e pede a eles para que levantem os braços caso sejam favoráveis ao governo. O chargista retratou o esforço do governante chinês para esconder a perseguição promovida pelo governo contra os dissidentes. A charge mostra que o governo brasileiro tomou conhecimento do desrespeito aos direitos humanos promovido pela China, mas não se manifestou. Dilma foi desenhada com expressão de reprovação aos atos do colega chinês, entretanto ela não expressou condenação. O chargista ridicularizou a omissão do governo brasileiro diante das evidências de atrocidades. Assim, o governo brasileiro torna-se conivente com os atos dos países que são seus parceiros comerciais. O governo Dilma não denuncia as transgressões para não perder os negócios.

A terceira unidade de registro chama-se *Brasil ensina Europa a superar crise econômica*. Essa unidade abordou a visita oficial realizada por Dilma Rousseff a alguns países europeus em outubro de 2011. Ao discursar em Bruxelas, Dilma criticou as estratégias adotadas pelos governos europeus para superar a crise econômica⁵². Para a presidente, ajustes fiscais excessivos somente aprofundam a estagnação, assim, para ela, a crise poderia ser superada com investimento estatal e aumento do consumo interno. Diante desse contexto, Benett publicou a charge *O Brasil na Europa*. Essa publicação resume a unidade:

⁵² ROSSI, C. Cortes não funcionam, diz Dilma à Europa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 out. 2011. Mundo p. A 10. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/04/> >. Acesso em: 20 jun. 2013.

Charge 29



Fonte: Folha de S. Paulo, 6 out. 2011. p. A2.

Benett ironizou em sua publicação o discurso de Dilma, criticando as medidas européias para combater a crise econômica. Ele construiu sua charge em dois quadros. No primeiro quadro, Dilma foi desenhada discursando sobre o excelente funcionamento do Estado brasileiro nas áreas de educação, saúde, segurança, economia e transporte. No segundo quadro, a presidente explica que diante da conjuntura positiva do país, o Brasil é um modelo a ser seguido pelos europeus. O chargista ridicularizou a pretensão do governo brasileiro de querer ensinar aos países desenvolvidos como superar seus problemas. Ao retratar Dilma engrandecendo exageradamente as qualidades brasileiras no primeiro quadro, o artista quis explicitar o contrário, ou seja, o quanto o Estado brasileiro é ineficiente. Benett caracterizou o governo Dilma como petulante, pois os governantes de um país em desenvolvimento tiveram a ousadia de ensinar países desenvolvidos a superar suas crises. Para o chargista, os países europeus são superiores ao Brasil. Desse modo, o governo brasileiro deve aceitar essa condição.

5.2.2 Estado brasileiro

A subcategoria, *Estado brasileiro*, foi constituída a partir da análise de cinco charges e estruturada por uma única unidade de registro. As charges que a compõem retrataram Dilma como símbolo do Estado brasileiro. Desse modo, essas charges não se referem diretamente às ações de Dilma como governante. Essas

publicações referem-se ao Brasil. Essas charges destacaram a função de Chefe de Estado do Presidente da República.

A única unidade de registro a compor essa subcategoria chama-se *Dilma representa o Estado brasileiro*. As cinco charges da unidade referiram-se ao Brasil a partir de assuntos diferentes. Desse modo, as charges retrataram às excessivas chuvas que castigaram o Brasil em janeiro de 2011, a intenção do Brasil de compor o Conselho de Segurança da ONU, os ataques de hackers ao sistema do Palácio do Planalto, o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil comparado aos países desenvolvidos e o fato da economia brasileira tornar-se maior que a britânica. As charges, ao abordarem esses assuntos, utilizaram a caricatura de Dilma para representar o Brasil. Essa unidade pode ser resumida na charge *Economia: Brasil supera britânicos* de Benett:

Charge 30



Fonte: Folha de S. Paulo, 28 dez. 2011. p. A2.

No final de dezembro de 2011, o *Centre for Economics and Business Research* (CEBR)⁵³ publicou dados apontando que o Brasil havia se tornado a sexta economia mundial, superando o Reino Unido. Diante dessa notícia Benett confeccionou sua charge. Retratou Dilma ao lado de um soldado da Guarda Real Inglesa. Dilma está simbolizando o Brasil. O soldado vestido com sua tradicional indumentária representa o Reino Unido. O chargista desenhou os dois personagens como barras verticais de um gráfico. O alto penteado de cabelo que compõe a caricatura de Dilma foi desenhado maior que o famoso *bearskin* (chapéu de pele de urso) utilizado pelos soldados. Desse modo, a partir do desenho de Dilma e do

⁵³ SCHREIBER, M. CARNEIRO, M. País deve superar França até 2015, afirma Mantega. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 dez. 2011. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/28/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

soldado, o chargista fez a comparação da economia brasileira com a economia britânica, dando destaque, assim, ao crescimento brasileiro.

O chargista, ao enfatizar o alto penteadado de Dilma, não está se referindo ao seu governo e também não está se referindo as suas atitudes como presidente. Como todas as charges dessa unidade, Bennett destacou a instituição Presidência da República. Os temas utilizados por essas charges para representar o Brasil não serão analisados por essa pesquisa, pois não são contemplados pelo objetivo da análise. Desse modo, a relevância dessa unidade de registro para a pesquisa reside no fato, de que, de 2011 a 2014, Dilma Rousseff é o símbolo da nação brasileira.

5.3 Dilma e Lula

A *Folha de S. Paulo* em 2011 publicou seis charges retratando Dilma ao lado de Lula. A análise dessas publicações deu origem a essa categoria. Ela, por sua vez, foi estruturada por duas unidades de registro. As unidades foram nomeadas de a) *Lula é o poder não oficial do governo Dilma* e b) *Lula é a proteção do governo Dilma*. Essas publicações apresentam Lula participando do governo mesmo após o fim do seu mandato. Elas também retrataram Dilma solicitando o auxílio de Lula para governar. Para essas charges, Lula é uma força não institucionalizada que ampara o governo Dilma.

A unidade de registro, *Lula é o poder não oficial do governo Dilma*, foi produzida a partir da análise de quatro charges. Essa unidade retratou Lula participando de modo ativo do governo Dilma. O ex-presidente aparece atuando sem ter cargos oficiais. No entanto sua atuação é endossada pelo poder de sua credibilidade. A charge *Eminência parda* de Angeli resume a unidade:

Charge 31



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 29 mai. 2011. p. A2.

No dia 15 de maio de 2011, a *Folha de S. Paulo* publicou matéria de capa denunciando que o então Ministro Chefe da Casa Civil, Antonio Palocci, havia multiplicado o seu patrimônio 20 vezes em quatro anos⁵⁴. Essa denúncia deflagrou uma série de ataques políticos contra o Ministro. Para conter a crise instalada, o ex-presidente Lula foi a Brasília no dia 24 de maio para tecer articulações políticas para tentar proteger a credibilidade do governo e do Ministro⁵⁵. No entanto, para abafar a crise, no dia 7 de junho Palocci foi demitido pela presidente. Angeli confeccionou sua charge a partir desse contexto.

O chargista desenhou Dilma sentada ao centro de uma grande mesa. A presidente está coordenando uma reunião. Na parede atrás da governante aparece uma grande sombra de Lula. A sombra encobre Dilma. O título da charge, *Eminência parda*, auxilia o leitor a entender a mensagem. O Dicionário Michaelis (2012), ao definir o verbete *eminência* também explica a expressão *eminência parda*. Segundo o dicionário, a expressão refere-se a alguém que detém um poder não oficial. Desse modo, o chargista está se referindo a Lula como o poder não oficial do governo Dilma. Lula governou o Brasil de 2003 a 2010 e conseguiu eleger Dilma como sua sucessora. Durante o governo de Dilma, Lula não possuía cargo institucional. Ele apenas era um ex-presidente. No entanto, Angeli o retratou como alguém poderoso para criticar sua ida a Brasília para socorrer o governo de sua

⁵⁴ PALOCCI multiplica seu patrimônio por 20 em 4 anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 mai. 2011. Capa. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/05/15/2/> >. Acesso em: 20 jun. 2013.

⁵⁵ GOVERNO acusa prefeitura de vaziar dados. *Folha de s. Paulo*, São Paulo, 25 mai. 2011. Poder, p. A6. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/05/25/2/> >. Acesso em: 20 jun. 2013.

sucessora. O chargista também criticou a incapacidade de Dilma para solucionar seus problemas. Para a charge, o poder do ex-presidente é maior que o poder de Dilma.

As charges que compõem essa unidade retrataram Lula como uma entidade poderosa. O ex-presidente foi representado como maior que as instituições estatais, por isso seu poder é não oficial, pois não depende dos cargos públicos. Essas publicações ridicularizam a permanência de Lula no poder após o fim do seu mandato. Lula foi caracterizado como sendo apegado ao poder. De modo contrário, Dilma foi retratada como detentora de um poder inferior ao de Lula. Mesmo sendo a presidente da República, seu poder se apequena diante do antecessor. Com Lula detendo muito poder, os chargistas expõem Dilma como uma presidente fraca. A fraqueza de Dilma está no equívoco de manter Lula no poder e na incapacidade de impor-se sobre ele e retirá-lo do governo.

A segunda unidade de registro, *Lula é a proteção do governo Dilma*, originou-se a partir da análise de duas charges. As charges dessa unidade foram publicadas no período que o então Ministro Chefe da Casa Civil, Antonio Palocci, era alvo de denúncias da mídia. Apesar das publicações dessa unidade possuir contexto semelhante a algumas charges da unidade anterior, o enfoque temático é diferente. Essa unidade retratou Lula como o protetor do governo Dilma. A charge de João Montanaro sintetiza a unidade:

Charge 32



Fonte: Folha de S. Paulo, 28 mai. 2011. p. A2.

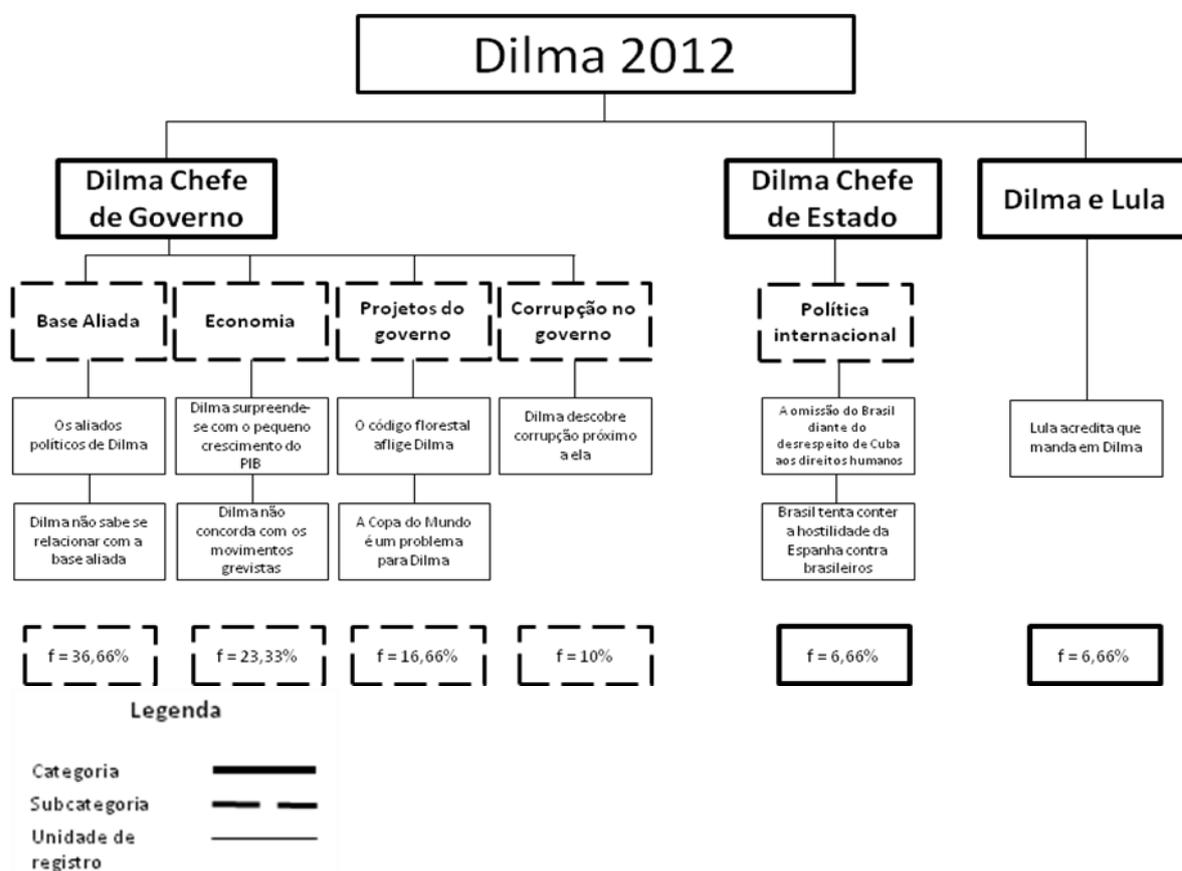
Montanaro desenhou Dilma trabalhando no gabinete presidencial. Na parede ao lado da mesa de trabalho da presidente está instalado o acionador do alarme de incêndio. Entretanto, no interior do acionador não há botão, porque dentro dele está Lula. Em cima do acionador está escrito em caixa alta emergência. O chargista desenhou o ex-presidente dentro do gabinete da presidência. Desse modo, ele expõe a presença do ex-governante no governo Dilma. Lula foi caracterizado como o socorro de Dilma. Sendo assim, ele está disponível para socorrer a presidente de alguma situação perigosa que possa impedir o andamento do seu governo. Lula é a proteção de Dilma.

Essa unidade de registro também caracteriza Lula como uma entidade poderosa que permanece em Brasília após o fim do seu mandato. Lula, assim, é o poder não oficial. É o poder acima das instituições. Para os chargistas, Dilma tem Lula como o poder a ser evocado para resolver problemas insolúveis. O ex-presidente permanece no governo a fim de atuar quando for solicitado a auxiliar a administração federal a transpor uma dificuldade. Essas publicações retratam Lula como o único capaz de solucionar situações difíceis. Dessa forma, Dilma foi caracterizada como pouco capacitada para conduzir o governo, pois para enfrentar as complexas circunstâncias do governo, ela precisa evocar as habilidades políticas de Lula. Lula foi caracterizado como sendo mais poderoso que Dilma. A presidente foi representada como frágil e incapaz de suportar e superar os perigos de governar.

6 Charges de Dilma em 2012: o segundo ano de governo

Em 2012, Dilma Rousseff cumpriu o segundo ano do seu mandato presidencial. Ao findar do dia 31 de dezembro, Dilma havia cumprido a primeira metade de sua gestão. A *Folha de S. Paulo* publicou 30 charges em 2012 retratando a presidente. Todas as charges foram agrupadas e analisadas segundo seu tema. A análise das publicações de 2012 gerou três categorias. Elas possuem semelhanças com as categorias produzidas pelas publicações de 2011. As categorias são: *Chefe de Governo*, *Chefe de Estado* e *Lula*. As semelhanças não são totais. Pois, as subcategorias que estruturam as categorias, são formadas por unidades de registro diferentes. A diferença entre as unidades de registro, permitiu observar, da alteração do modo como a presidente foi retratada, de um ano para outro, sobre o mesmo tema. O diagrama abaixo ilustra as categorias e sua organização:

Diagrama 3 - Categorização das charges publicadas em 2012 que retrataram Dilma Rousseff



A primeira categoria congregou charges que retrataram Dilma como Chefe de Governo. Desse modo, a presidente foi caracterizada como a maior autoridade do Poder Executivo Federal. Elas apresentaram a governante se relacionando com os políticos da base aliada, administrando a economia nacional, executando projetos e descobrindo corrupção no governo. Essa categoria reuniu 26 charges, representando 86,66% das publicações de 2012.

A categoria Dilma Chefe de Governo foi estruturada por quatro subcategorias. As subcategorias são I) *Base Aliada*, II) *Economia*, III) *Projetos do governo* e IV) *Corrupção no governo*. A primeira subcategoria foi gerada pela análise de 11 charges, representando vírgula assim, 36,66% das publicações do ano. A segunda categoria resultou da análise de sete charges. Essa categoria congregou 23,33% do material publicado no ano. A terceira subcategoria agrupou cinco charges, que correspondem a 16,66% do total. A quarta subcategoria incorporou três charges, que, por sua vez, representam 10% da totalidade.

A segunda categoria chama-se *Dilma Chefe de Estado*. Ela é produto da análise de duas charges, que caracterizaram Dilma como personificação do Estado brasileiro. Desse modo, a presidente foi representada estabelecendo relações com outros países. Essa categoria congregou 6,66% das publicações de 2012. Uma única subcategoria a estrutura.

A terceira categoria foi denominada Dilma e Lula. Ela foi produzida a partir da análise de duas charges. Desse modo, ela reuniu 6,66% do material publicado no ano. As duas charges retrataram a relação de Dilma e Lula. Essa categoria não possui subcategorias e foi construída por duas unidades de registro.

Quadro 3 - Frequência de charges publicadas em 2012 por categorias

Categorias	Nº de Charges - Frequência (f)	%
1. Chefe de Governo	26	86,66
1.1. Base aliada	11	36,66
1.2. Economia	7	23,33
1.3. Projetos do governo	5	16,66
1.4. Corrupção no governo	3	10
2. Chefe de Estado	2	6,66
2.1. Política internacional	2	6,66
3. Lula	2	6,66
Total de charges em 2012	30	100

6.1 Dilma Chefe de Governo

Dilma foi retratada como Chefe de Governo por 26 charges publicadas pela *Folha de S. Paulo* em 2012. Essas charges formaram uma categoria que, por sua vez, foi constituída por quatro subcategorias. Todas as publicações retrataram a presidente como chefe do Poder Executivo. A primeira subcategoria apresentou a governante negociando e relacionando-se com políticos aliados. A segunda subcategoria retratou-a administrando o crescimento econômico do país e enfrentando movimentos grevistas. A terceira subcategoria expôs Dilma elaborando o código florestal e organizando a Copa do Mundo de Futebol da FIFA. A quarta subcategoria retratou-a descobrindo corrupção dentro do governo. Essa categoria agrupou quase a totalidade das charges publicadas em 2012.

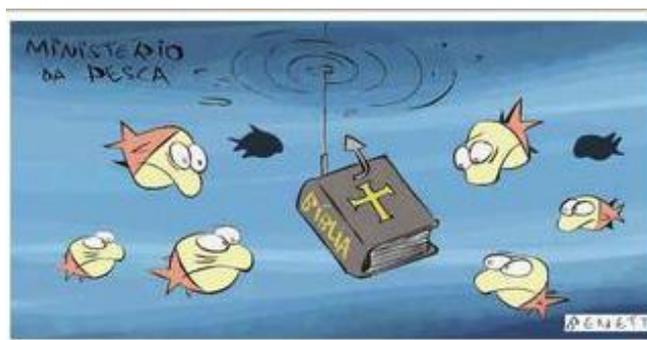
6.1.1 Base Aliada

A subcategoria *Base Aliada* foi confeccionada a partir da análise de 11 charges. Essas charges formaram duas unidades de registro. As unidades são a) *Os aliados políticos de Dilma* e b) *Dilma não sabe se relacionar com a base aliada*.

Essas unidades retrataram o modo como a presidente se relaciona com os apoiadores do seu governo. A primeira unidade caracterizou quem são os atores políticos aliados do Poder Executivo e quais são os seus partidos. A segunda unidade assinalou a maneira como a governante conduz a relação com seus aliados.

A primeira unidade de registro foi concebida a partir da análise de seis charges. Essas publicações retrataram alguns políticos que integravam a base aliada de Dilma. Essas charges evidenciam o esforço do governo para estabelecer alianças com diferentes grupos políticos. A obra *Ministério da Pesca* de Benett é o resumo da unidade:

Charge 33



Fonte: Folha de S. Paulo, 2 mar. 2012. P. A2.

No dia 29 de fevereiro de 2012, Dilma convidou o senador Marcelo Crivella do Partido Republicano Brasileiro (PRB) para assumir o Ministério da Pesca e Aquicultura⁵⁶. O senador ocuparia um ministério comandado, até então, por um membro do PT. Crivella era Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e um dos principais representantes dos evangélicos no Congresso Nacional. Com esse ato, a presidente tentava atrair o apoio dos evangélicos para o seu governo e também para a candidatura de Fernando Haddad – seu ex-ministro – a prefeitura de São Paulo. Diante de tal notícia Benett confeccionou sua charge.

O chargista desenhou uma bíblia presa em um anzol de pesca. A bíblia é a isca para atrair os peixes. O peixe é um dos símbolos utilizados para representar os

⁵⁶ Dilma troca ministro para atrair evangélicos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 mar. 2012. Capa. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/01/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

cristãos. O anzol representa o Ministério da Pesca e Aquicultura e a bíblia o senador Crivella. Desse modo, o governo está usando a indicação de um senador cristão para comandar o ministério com o intuito de atrair o apoio dos evangélicos. O chargista quis expor a estratégia empregada pelo governo para angariar novos aliados. A charge está ridicularizando os critérios do governo para escolher um candidato para comandar um ministério. O artista mostra que o governo compõe sua equipe com a finalidade de obter apoio de determinados grupos políticos e de setores do eleitorado. As demais charges dessa unidade também tornaram ridícula essa estratégia governista.

Nessa unidade Dilma foi retratada com seus aliados. Dilma foi desenhada junto a Gilberto Kassab, José Sarney e ao PMDB. Em janeiro de 2012 o ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, manifestava sua intenção de se aproximar do governo Dilma. No entanto, no meio do ano, ele recuou para apoiar a candidatura de José Serra à prefeitura da capital paulista. Com a derrota de Serra, Kassab apressou-se em retomar a aliança com o governo federal. No dia 6 de maio de 2013 Kassab consolidou as negociações com o governo ao ter seu aliado Guilherme Afif Domingos indicado para chefiar a Secretária de Micro e Pequenas Empresas⁵⁷.

O ex-presidente e senador José Sarney era um dos líderes do PMDB. Nessa unidade, Sarney e seu partido são retratados como políticos que têm por objetivo apenas permanecer no poder. Todas essas charges ridicularizam Dilma por ela estabelecer alianças com políticos que não são comprometidos com o desenvolvimento do país. Para os chargistas, eles são movidos apenas pelo compromisso de nunca deixar o poder. Para os artistas, ao se aliar com políticos com essas características, Dilma começa a se tornar semelhante a eles.

A segunda unidade de registro foi gerada a partir da análise de cinco charges. Nessa unidade, Dilma foi retratada como inábil ao se relacionar com seus aliados. A base aliada foi representada como estando insatisfeita com o tratamento que recebe da presidente. A charge *Base aliada* de Jean faz a síntese da unidade:

⁵⁷ ALIADO de Kassab, vice de Alckmin assume novo ministério de Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 mai. 2013. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/05/07/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

Charge 34



Fonte: Folha de S. Paulo, 16 mar. 2012. P. A2.

Em março de 2012 a base aliada mostrava-se insatisfeita com o governo. A bancada congressista do PMDB queixava-se que Dilma não ouvia suas demandas e passa a dificultar as votações de interesse governista. Diante disso, a presidente decidiu trocar os líderes do governo na Câmara dos Deputados e no Senado⁵⁸ a fim de apaziguar a insatisfação. No entanto, esse ato ampliou a revolta dos aliados, pois os novos líderes escolhidos não representavam a bancada. O chargista simbolizou essa situação fazendo uso da expressão popular “pisando em ovos”. Pisar em ovos é ter cuidado. Por ser frágil, o manuseio do ovo exige muito cuidado. Ao empregar tal expressão para simbolizar a relação entre aliados e governo, a charge está ridicularizando a base aliada e a presidente.

A base aliada foi retratada extremamente frágil. Desse modo, ela caracteriza-se por ser fraca, podendo desmanchar-se facilmente, pois sua consistência é precária. Por isso, ela exige ser tratada com cuidado, para não se esfacelar. No entanto, apesar do destaque dado pela charge à base aliada, a publicação está enfatizando o comportamento de Dilma. A presidente foi retratada como incompetente para estabelecer relação com seus aliados. Ao comparar a base com a fragilidade dos ovos, o chargista realçou o comportamento desajeitado da governante ao caminhar sobre eles, pois, enquanto caminhava, quebrava-os. Dilma foi caracterizada desastrada e rude. Essas características referem-se a suas habilidades políticas. Assim, ela foi representada como bruta ao tentar cultivar o

⁵⁸ DILMA alimenta tensão no Congresso ao trocar líderes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2012. Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/14/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

relacionamento com os aliados, pois, cada vez que tentava consertar seus erros, tornava a errar.

As demais publicações dessa unidade também destacaram essa temática. Essas charges caracterizaram o relacionamento político com os aliados como uma tarefa complexa. Desse modo, obter êxito nessa empreitada exige habilidades elevadas. Para os chargistas, Dilma não as possui. Em publicação do dia 15 de março de 2012, Angeli qualificou a presidente como bárbara. Para ele, a governante não aprendeu os comportamentos para fazer política. Nessa unidade, a inaptidão da presidente caracteriza-se no seu comportamento de não aceitar as práticas imorais dos seus aliados. Sendo assim, essas publicações enfatizam que saber fazer política com aliados significa aceitar os seus interesses escusos e suas práticas espúrias. Para os artistas, cada vez que Dilma cede aos interesses de sua base, ela está aprendendo como se faz política; está incorporando comportamentos reprováveis.

6.1.2 Economia

A subcategoria *Economia* foi produzida a partir da análise de sete charges. Duas unidades de registro estruturam essa subcategoria. As unidades são a) *Dilma surpreende-se com o pequeno crescimento do PIB* e b) *Dilma não concorda com os movimentos grevistas*. A primeira unidade retratou as políticas econômicas empregadas por Dilma. A segunda unidade caracterizou o comportamento da presidente ao enfrentar diversos movimentos grevistas.

A primeira unidade de registro foi gerada por quatro charges. Elas traçam Dilma espantada com o acanhado crescimento econômico do país. A presidente não esperava por notícias do baixo crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) e, por isso, surpreende-se. A obra *Oferenda* de Jean resume a unidade:

Charge 35



Fonte: Folha de S. Paulo, 30 dez. 2012. P. A2.

No dia 1º de dezembro de 2012, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou dados sobre o desempenho econômico do país referentes ao terceiro trimestre do ano. A publicação decepcionou o governo e o mercado, pois apontou que o país cresceria no máximo 1% no ano⁵⁹. Durante o mês de dezembro essa informação foi comentada pela mídia por diversas vezes. Assim, próximo às comemorações do Réveillon, Jean publicou sua obra abordando o assunto. O chargista retratou Dilma como lemanjá, a rainha do mar. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi desenhado na praia realizando uma oferenda – ritual realizado na noite que marca a passagem de um ano para outro –. A oferenda de Mantega é o PIB de 2012. Dilma, ao ver o que lhe foi ofertado, enfurece-se com o ministro. A fúria da presidente resultou da pequenez do PIB que lhe foi oferecido. Para a charge, o ministro é o responsável pelo crescimento ou não da economia.

As publicações dessa unidade retrataram o fraco desempenho da economia brasileira, expresso no pequeno crescimento do PIB. Ao retratarem esse fato, elas relacionam a performance da economia com as ações do governo. Do mesmo modo que Jean, as obras dessa unidade responsabilizaram o Ministério da Fazenda pelo fraco comportamento econômico da nação. No entanto, as charges também responsabilizam Dilma. A presidente foi retratada como não conhecedora da situação econômica do país. Por esse motivo, ela foi caracterizada com surpresa, pois, como ela desconhecia o andamento da economia, ao descobrir, assustou-se.

⁵⁹ PIB decepciona, e Dilma deve ter 'biênio perdido'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2012. Capa. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/12/01/2/>>. Acesso em 25 jun. 2013.

As charges dessa unidade retratam como péssimo gestor da economia nacional o governo Dilma. Para os chargistas, a incapacidade do governo foi expressa pelo modesto crescimento do PIB. Essas obras responsabilizaram a governante pelas ações equivocadas do seu ministro, pois foi ela que o escolheu para comandar o Ministério da Fazenda. As publicações representaram Dilma não implementando medidas para estimular o desenvolvimento da economia. Desse modo, ela foi caracterizada como a principal responsável pelo módico desempenho econômico.

A segunda unidade de registro foi produzida pela análise de três charges. Essa unidade expõe as diversas greves ocorridas durante o segundo ano do mandato de Dilma. Diante disso, essas publicações abordam o modo como a presidente enfrentou essa situação.

Servidores federais de diferentes setores entraram em greve em 2012. Agosto foi um mês importante para o movimento grevista, pois foi nesse mês que mais servidores aderiram à paralisação. No dia 9 de agosto o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou que 300 mil servidores haviam aderido ao movimento⁶⁰. Os grevistas reivindicavam reajuste salarial para diversas carreiras. O governo federal justificava não poder oferecer o reajuste solicitado, pois precisava combater a inflação. As charges que compõem essa unidade foram produzidas em agosto a partir desse contexto. A obra de Jean resume a unidade:

Charge 36



Fonte: Folha de S. Paulo , 13 ago. 2012. P. A2.

⁶⁰ ONDA de greves se alastra e desafia governo Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2012. Capa. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/08/09/2/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

Jean desenhou Dilma no Palácio do Planalto. Ela foi retratada em baixo da rampa que dá acesso ao Palácio. Os grevistas estão subindo a rampa. A presidente foi desenhada com expressão de cansaço. O chargista simbolizou com sua obra o crescimento do movimento grevista e sua decorrente pressão sobre o governo. Para ele, a presidente estava enfadada e escondendo-se dos grevistas. Ao expô-la escondida, a charge destacou sua intenção de não receber, não ouvir, não negociar e não atender as solicitações dos reivindicantes. A presidente foi representada não aceitando a greve.

Essa unidade retratou Dilma relacionando-se com as greves de três modos. Primeiro, a presidente foi retratada discordando da petição dos grevistas. Nesse momento, os pedidos do movimento foram considerados contrários à realidade econômica do país enfrentada pelo governo. Segundo, a governante foi representada inviabilizando o diálogo com a greve. Nesse período, ela esnobou os grevistas, pois as suas pretensões eram contrárias aos interesses do governo. Em terceiro, a força das greves passou a preocupar Dilma. Nesse instante, a presidente foi desenhada apreensiva com o aumento do número de servidores aderindo ao movimento, impedindo, assim, o término das paralisações. Em suma, a unidade qualificou Dilma com não capacitada para negociar e enfrentar movimentos que contrariam o seu governo.

6.1.3 Projetos do governo

A subcategoria Projetos do governo foi construída a partir da análise de cinco charges. Duas unidades de registro estruturam-na. As unidades são a) *O código florestal aflige Dilma* e b) *A Copa do Mundo é um problema para Dilma*. Desse modo, as publicações que compõem a subcategoria abordaram dois projetos importantes para o governo: o código florestal e a copa do mundo da FIFA, a ser realizada no Brasil em 2014. Essas obras caracterizaram o comportamento da presidente ao lidar com esses assuntos.

A primeira unidade de registro foi gerada por três charges. Essas publicações relataram a confecção do Novo Código Florestal Brasileiro. O código refere-se à

legislação ambiental, sendo assim, ele define quais áreas devem preservar a vegetação e quais podem ser exploradas pelo agronegócio e pela pecuária⁶¹. O novo código atualizava o código de 1965. A elaboração do código deu-se a partir do confronto entre o governo e a bancada de parlamentares ruralistas. Os parlamentares queriam facilitar o desenvolvimento do agronegócio e anistiar produtores desmatadores.

O governo, por sua vez, queria um código intolerante com o desmatamento florestal e regras de proteção ao meio ambiente, sem impedir, com isso, o desenvolvimento da economia do setor agrário. No entanto, no dia 25 de abril de 2012, o código foi votado com vitória das propostas ruralistas. Após a votação no Congresso o código seguiu para a Presidência da República, a fim de ser sancionado ou vetado. A bancada ambientalista do Congresso junto aos movimentos ambientais passou a pedir que a presidente vetasse o novo código. No dia 29 de maio o Diário Oficial da União publicou a decisão de Dilma. A presidente havia vetado partes do texto do congresso. Sua atitude desagradou a ruralistas e ambientalistas⁶². É nesse contexto de embate político que as charges foram produzidas. A publicação de Jean resume esses fatos e também a unidade:

Charge 37



Fonte: Folha de S. Paulo **grifo**, 25 mai. 2012. P. A2.

⁶¹ ANGELO, C. e FALCÃO, M. Câmara derrota Dilma e aprova fragilização de regras ambientais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2012. Poder, p. A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/04/26/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

⁶² ANGELO, C. e FALCÃO, M. Código entra em vigor e já deve passar por alteração. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2012. Poder, p. A10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/05/29/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Jean desenhou Dilma em sua mesa analisando o Código Florestal. O chargista simbolizou o código como um machado. Com essa simbolização o artista quis evidenciar a benevolência das novas regras com os desmatadores e com o desenvolvimento do agronegócio. A charge mostra a nova legislação como contrária à proteção do meio ambiente. Diante disso, Dilma foi caracterizada como reflexiva. Ante a complexidade do novo código, a presidente foi desenhada executando a análise da legislação para emitir seu parecer.

As publicações da unidade retrataram Dilma de três modos: a) aflita, b) analítica e c) vetando. Primeiro, a votação do novo código foi representado como um problema. A elaboração do código era problemática de difícil solução, porque precisava atender a demandas de diferentes grupos, ruralistas e ambientalistas. Ambos pressionavam a governante a fim de ter atendidos os seus anseios. Junto aos dois grupos, o governo também tinha suas próprias demandas. Diante da dificuldade de solucionar essa problemática, Dilma foi caracterizada em aflição. Foi caracterizada sofrendo para resolver esse imbróglio. Segundo, a presidente foi retratada analisando essa legislação, analisando as pressões políticas nela inseridas. Dilma foi representada realizando uma análise, mas, sem saber por qual decisão optar, ela foi caracterizada como hesitante. Terceiro, a presidente foi desenhada como convicta de uma conclusão. Sendo assim, ela apareceu aliviada por ter decidido vetar o código.

A segunda unidade de registro foi confeccionada a partir da análise de duas charges. Essas publicações retrataram como Dilma comportava-se diante da preparação da Copa do Mundo da FIFA no Brasil. No primeiro semestre de 2012, o governo preparou a *Lei Geral da Copa* para ser votada pelo Congresso. Ela tinha por objetivo regulamentar a realização da Copa das Confederações e a Copa do Mundo e adequar o país para o recebimento desses eventos. A presidente encontrava dificuldades para à votação da lei, pois a base aliada estava insatisfeita com o governo e ameaçava votar contra as proposições governistas⁶³. Diante desse contexto Jean publicou sua charge. Essa charge faz a síntese da unidade:

⁶³ DEPUTADOS rebelados impõem derrotas em série ao governo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2012, Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/22/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Charge 38



Fonte: Folha de S. Paulo, 20 mar. 2012. P. A2.

Jean desenhou Dilma no gabinete presidencial. O chargista, ao fazer a caricatura da presidente, substituiu seu penteado característico pela logomarca da Copa do Mundo da FIFA. A logomarca em sua cabeça está latejando. Dilma segura um copo com água enquanto ingere um comprimido. Desse modo, o chargista tornou semelhante a Copa do Mundo à dor de cabeça. A Copa do Mundo incomoda a presidente como uma dor de cabeça. A Copa é um problema de solução complexa que ela precisava resolver.

Nessa unidade, a Copa do Mundo foi representada como um problema de difícil solução para o governo. As charges retrataram a Copa como uma problemática que colocou Dilma em sofrimento. Para os chargistas a preparação desse grande evento fez a presidente ter experiências desagradáveis. No entanto, ela foi desenhada enfrentando essa vivência desconfortável. Desse modo, para os artistas, a realização desse acontecimento esportivo infligiu grande preocupação a presidente, pois sua efetivação envolvia grandes complicações, mas mesmo diante disso, Dilma dispôs-se a enfrentá-lo a fim de concretizá-lo.

6.1.4 Corrupção no governo

A subcategoria *Corrupção no governo* foi confeccionada a partir da análise de três charges. Uma única unidade de registro estruturou essa subcategoria. A unidade chama-se *Dilma descobre corrupção próxima a ela*. A baixa frequência de

charges a compor esse subgrupo não o invalida, pois sua relevância está na novidade do tema abordado. As publicações reunidas nesse agrupamento caracterizaram o comportamento de Dilma ao descobrir atitudes corruptas.

A unidade de registro foi gerada por três publicações. Essas charges retrataram Dilma tomando conhecimento de denúncias de corrupção de servidores próximos a ela. As charges publicadas no ano de 2011 abordavam o tema corrupção, no entanto relatavam apenas malfeitorias de ministros e seus subordinados. Essas ilegalidades não foram associadas à presidente, pois, ao saber desses fatos, a governante demitia os acusados. Essas publicações apresentavam Dilma como a combatente da corrupção. Entretanto, nessa unidade, a corrupção foi retratada perto da governante.

A *Folha de S. Paulo*, no dia 24 de novembro de 2012, noticiou uma operação da Polícia Federal de busca e apreensão no escritório da Presidência da República em São Paulo⁶⁴. A polícia também havia indiciado a chefe do setor, Rosemary Noronha. Rosemary era acusada de coordenar um grupo de pessoas com suspeitas de praticarem tráfico de influência e pagamento de propina em órgãos federais. Próximo ao final do segundo ano de mandato, Dilma deparava-se com acusações de corrupção próximas ao seu gabinete. Imediatamente à denúncia, a presidente demitiu sua subordinada. Entretanto, pela primeira vez em sua gestão, a governante teve um subordinado imediato acusado de envolvimento com práticas ilegais. As charges dessa unidade foram produzidas dentro desse contexto. A publicação de Angeli, *Na cama com Dilma*, resume a unidade:

Charge 39



Fonte: Folha de S. Paulo, 26 nov. 2012. P. A2.

⁶⁴ PF indicia chefe do gabinete da Presidência em São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/11/24/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Angeli desenhou Dilma deitada em sua cama. O corpo da presidente está agasalhado com um cobertor. Enquanto ela dorme, muitos ratos invadem sua cama e ficam sobre ela. O chargista retratou a governante em sua cama a fim de simbolizar sua intimidade. Ao expô-la dormindo, ele a simbolizou em um momento privativo. Os ratos desenhados sobre a cama não fazem referência ao mamífero roedor. Segundo Ferreira (2010), o vocábulo rato também significa ladrão. Desse modo, o artista utilizou a representação gráfica desse animal para simbolizar a corrupção, o malfeito. A charge retratou a corrupção presente na intimidade da governante.

As três charges dessa unidade foram enfáticas ao retratarem Dilma próxima da corrupção. Publicações de outros períodos analisados também apresentaram o tema corrupção junto à presidente. No entanto, a corrupção estava distante, pois era praticada em diferentes ministérios. Os chargistas chegaram a retratá-la como uma faxineira, pois ela limpava o governo demitindo subordinados praticantes de atos imorais. Porém, nessa unidade ela não foi retratada combatendo malfeitorias, pois essas estavam ligadas aos seus subordinados diretos. A presidente não foi representada como corrupta, mas foi representada tendo sua intimidade invadida por ilegalidades cometidas por seus conhecidos. Nessa unidade, Dilma foi simbolizada de forma negativa. Ela não foi exposta como corrupta, mas foi exposta permitindo que a corrupção se aproximasse dela.

6.2 Dilma Chefe de Estado

A *Folha de S. Paulo* publicou duas charges em 2012 retratando Dilma Rousseff como Chefe de Estado. Essas publicações formaram uma categoria, que foi estruturada por apenas uma subcategoria chamada *Política internacional*. Essas obras retrataram Dilma exercendo a função de Chefe de Estado. No Brasil essa função é incumbida ao Presidente da República, pois o sistema político do país é o presidencialismo. Essas publicações retrataram Dilma como a mais alta representante do Estado brasileiro. Desse modo, ao expor a caricatura da

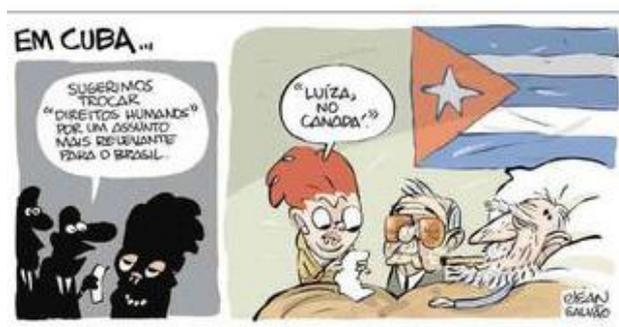
presidente, essas obras não estavam se referindo a ela, mas sim ao Brasil. Nessas charges Dilma simbolizou a nação brasileira.

6.2.1 Política internacional

A subcategoria *Política internacional* foi gerada a partir de duas charges. Essa subcategoria foi formada por duas unidades de registro. As unidades são a) *A omissão do Brasil diante do desrespeito de Cuba aos direitos humanos* e b) *Brasil tenta conter a hostilidade da Espanha contra brasileiros*. As publicações dessa subcategoria apresentaram Dilma estabelecendo relações com outros países. A primeira unidade retratou a visita de Dilma a Cuba. A segunda unidade retratou a atitude hostil do governo espanhol contra brasileiros que estavam em seu território.

Cada unidade de registro foi gerada por apenas uma charge. A força e a relevância dos temas veiculados por cada uma das publicações possibilitaram que cada uma delas formasse uma unidade. A primeira unidade foi confeccionada por uma charge que abordou a relação entre o governo brasileiro e o governo cubano. A charge *Em Cuba...* de Jean produziu essa unidade:

Charge 40



Fonte: Folha de S. Paulo, 31 jan. 2012. P. A2.

No dia 31 de janeiro de 2012, Dilma Rousseff realizou sua primeira viagem oficial a Cuba⁶⁵. Na semana anterior à viagem, o governo foi instado pela imprensa e por dissidentes do governo cubano a se posicionar sobre o desrespeito aos direitos humanos praticados pelo governo de Cuba. A presidente abordou o tema, porém referiu-se exclusivamente aos atos desrespeitosos contra os direitos humanos praticados pelo governo dos Estados Unidos na prisão de Guantánamo. Jean retratou essa situação em sua charge.

A obra de Jean foi estruturada em dois quadros. No primeiro quadro, Dilma foi exposta conversando com assessores a fim de decidir quais temas seriam abordados diante dos dirigentes cubanos. No primeiro quadro os personagens não são coloridos. Esse recurso teve a finalidade de mostrar que as conversas ocorreram no escuro, ou seja, que estavam sendo realizadas de modo escondido. Durante a conversa, a presidente decidiu não falar sobre direitos humanos para falar sobre um tema relevante para Brasil. No segundo quadro, Dilma foi desenhada ao lado de Fidel Castro e Raul Castro. A presidente tem em suas mãos uma cópia impressa do seu discurso. Ao iniciar seu pronunciamento, Dilma falou sobre “Luíza, que está no Canadá”.

O chargista desenhou Dilma usando em seu discurso um bordão que se tornou conhecido no Brasil no início de 2012. O bordão “Luíza, que está no Canadá” surgiu de uma propaganda televisiva sobre um empreendimento imobiliário no Estado da Paraíba. Na propaganda, o homem que apresenta o empreendimento ao telespectador afirma ter convidado toda sua família para anunciar essa novidade, menos sua filha Luíza, porque ela estava fazendo um intercâmbio no Canadá⁶⁶. Esse comercial foi reproduzido exaustivamente por sites de vídeo e redes sociais. Diante do modismo, jornais impressos e eletrônicos passaram a comentar e explicar esse evento.

O chargista ridicularizou a viagem oficial do governo brasileiro a Cuba. O artista, no primeiro quadro, criticou a decisão do governo de não opinar sobre o

⁶⁵ MARREIRO, F. Dilma vai a Cuba e crítica base dos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2012. Mundo, p.A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/02/01/2/>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

⁶⁶ JANSEN, T. ‘No início, minha filha ficou assustada’, diz pai de Luiza. **O globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/megazine/no-inicio-minha-filha-ficou-assustada-diz-pai-de-luiza-3705644>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

comportamento do governo cubano em relação os direitos humanos. Para a charge, a decisão da presidente representa apenas o governo e não a opinião pública nacional, por isso foi construída de modo escondido. No segundo quadro, Dilma foi ridicularizada ao ser desenhada utilizando o bordão em seu discurso. Desse modo, um discurso que não falou sobre direitos humanos teria a mesma irrelevância que o modismo de um bordão. A charge desqualificou a viagem da presidente a Cuba, pois a retratou como sem importância. A não relevância da visita oficial de Dilma a Cuba estava no comportamento omissivo da presidente ante um tema de grande valor para à opinião pública.

A segunda unidade de registro foi gerada por uma charge. Essa unidade que abordou a relação entre o governo brasileiro e o governo espanhol. A unidade originou-se da charge *Espanha vai facilitar entrada de brasileiros* de Jean.

Charge 41



Fonte: Folha de S. Paulo, 5 jun. 2012. P. A2.

Jean retratou em sua obra a visita oficial do Rei da Espanha, Juan Carlos, ao Brasil, no dia 4 de junho de 2012⁶⁷. A charge discutiu algumas divergências entre os dois países. Desde 2008 as autoridades imigratórias espanholas aumentaram o rigor das regras para a aceitação de brasileiros em seu território. Essa política produziu um mal-estar entre as duas nações. Esse problema ganhou maior notoriedade em março de 2012. Nesse mês, uma brasileira de 77 anos foi a Espanha visitar sua filha e foi proibida de entrar no país⁶⁸. As autoridades espanholas informaram à brasileira

⁶⁷ FOREQUE, F. e MATOS, K. Espanha facilitará acesso de brasileiro, diz rei. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jun. 2012. Cotiano, p. C6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/06/05/15>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

⁶⁸ BELCHIOR, L. Idosa é barrada em Madri e fica três dias sozinha em aeroporto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9

que sua filha estava em condição irregular e por isso sua entrada havia sido negada. Após três dias de espera no aeroporto a idosa foi extraditada ao Brasil. Esse ocorrido desagradou o governo brasileiro. A fim de retaliar essa política espanhola contra brasileiros, o governo do Brasil, em abril de 2012, também aumentou o rigor das regras de imigração para turistas espanhóis. A visita oficial do Rei espanhol tinha como um dos objetivos contornar esse mal-entendido⁶⁹.

Nesse contexto o chargista estruturou sua obra. A charge foi construída a partir de dois quadros. No primeiro quadro, o Rei espanhol comprometeu-se com Dilma a tratar bem os turistas brasileiros. No segundo quadro, um turista foge de um touro no aeroporto da Espanha. O touro simboliza a cultura espanhola, pois as touradas são um tradicional espetáculo do país. O artista ridicularizou o governo espanhol ao enfatizar o não cumprimento do compromisso estabelecido por seu Rei. O Rei Juan Carlos personifica o Estado espanhol. Um acordo estabelecido por ele é um acordo estabelecido pelo seu país. No primeiro quadro ele comprometeu-se com o Brasil, porém, no segundo quadro, suas ações são contrárias ao que foi acordado.

Dilma, por sua vez, foi retratada na charge como Chefe de Estado. Desse modo, ela foi exposta como a personificação do Brasil. A charge não a está retratando como governante ou política. A charge a está retratando como o Estado. No entanto, Dilma foi desenhada com expressão facial de braveza. O artista não quis destacar a insatisfação da pessoa Dilma Rousseff, mas a insatisfação da instituição Presidência da República contra o mal tratamento recebido pelos cidadãos brasileiros. Para o chargista, Dilma, ao ser identificada com o país, comportou-se segundo sua função e defendeu os interesses do seu povo.

6.3 Dilma e Lula

mar. 2012. Cotidiano, p. C10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/09/15/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

⁶⁹ FOREQUE, F. Número de estrangeiros barrados no país é recorde. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2012. Cotidiano, p. C1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/04/02/15/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

Em 2012 a *Folha de S. Paulo* publicou duas charges de Dilma ao lado de Lula. Essas publicações deram origem a uma categoria. Diferentemente das categorias anteriores, essa não possui subcategoria. Essa categoria foi gerada por uma única unidade de registro. A unidade chama-se *Lula acredita que manda em Dilma*. As obras que compõem a categoria retrataram a relação entre Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula. Essas obras destacaram o modo como Lula trata Dilma e como ela percebe esse tratamento.

Essa unidade de registro foi gerada por duas charges. Ambas as publicações expõem Lula tentando mandar em Dilma. A publicação *O poderoso chefão* de Benett faz a síntese dessa unidade:

Charge 42



Fonte: Folha de S. Paulo, 4 jun. 2012. P. A2.

No dia 31 de maio de 2012, Lula foi entrevistado pelo apresentador de televisão Ratinho⁷⁰. Lula foi ao programa para apresentar a candidatura de Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo. Ao final da entrevista, foi questionado se voltaria a disputar uma eleição para presidente. Ao responder, disse que só faria isso se Dilma não quisesse se reeleger. Os grandes jornais impressos e eletrônicos deram grande repercussão à fala do ex-presidente: todos enfatizaram essa resposta para noticiar um possível desejo do ex-governante de voltar ao poder. Benett publicou sua charge a partir desse contexto.

O chargista organizou sua obra em dois quadros. No primeiro quadro, Lula fala para Dilma que irá se candidatar a presidente da República em 2014 apenas se

⁷⁰ NAVARRO, S. Lula admite volta em 2014 para barrar PSDB. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jun. 2012. Poder, p. A11. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/06/01/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

ela permitir. No segundo quadro, ele explica que será ele quem decidirá sobre sua candidatura ou não. Nos dois quadros Lula foi desenhado falando e Dilma, apenas, ouvindo. No primeiro quadro, o chargista desenhou a presidente com sutil expressão facial de contentamento. No segundo quadro, a governante foi retratada com expressão de espanto. O artista representou Lula como vaidoso. Lula também foi representado como presunçoso, ao supor ter a autoridade de determinar o seu futuro político e o de sua sucessora.

O chargista utilizou o título de sua obra para qualificar o ex-presidente. Desse modo, o ex-governante foi qualificado como poderoso chefe. A charge utilizou o título de um famoso filme retratar Lula. De forma breve, o filme expõe a vida de um chefe da máfia que faz uso de atitudes autoritárias e violentas para administrar seus negócios. Ao resgatar esse personagem, o chargista teve o objetivo de classificar Lula como autoritário. O ex-presidente teria se portado de modo autoritário ao entender que cabe a ele a decisão sobre o futuro eleitoral da presidente.

As duas charges dessa unidade retrataram Lula como vaidoso e autoritário. O ex-governante foi representado como desejoso de receber reconhecimento por ter auxiliado Dilma a tornar-se presidente. Em ambas as publicações ele apareceu querendo receber esse reconhecimento da presidente. Ele também foi retratado como autoritário, pois, para às publicações, ele tenta impor seus interesses e sua vontade de maneira dominadora e arrogante. Nas duas obras Dilma foi desenhada apenas ouvindo Lula. Nessas publicações, a governante manifestou sua opinião sobre o comportamento do seu antecessor através, apenas, de expressões faciais. As charges representaram Dilma surpresa diante da vaidade e do autoritarismo do ex-presidente. Dilma também foi representada como insatisfeita com essas atitudes. No entanto, nos dois desenhos ela não se contrapõe verbalmente a Lula. Dessa feita, essas charges qualificaram Dilma como submissa a ele. Para elas, a presidente permitiu que o ex-mandatário influencie seu mandato.

Conclusão

Os veículos de comunicação, como se sabe, atuam transmitindo conhecimento à sociedade. Essa tarefa consiste em tornar a informação pública. Noticiam o que julgam ser do interesse da sociedade. Thompson (2009), ao estudar o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, explicou quais assuntos são relevantes à imprensa ocidental. Para o autor, com o advento da modernidade, os assuntos religiosos deixaram de ocupar um lugar de destaque nos meios de comunicação. Esse lugar, por sua vez, passou a ser ocupado por aqueles relacionados ao poder e à política. Ser pré-candidata à presidência fez de Dilma, assim, objeto de interesse da mídia.

Os veículos de comunicação noticiaram Dilma à sociedade através de textos, imagens e vídeos elaborados em formatos de reportagens, artigos de opinião, entrevistas e charges. As atitudes de Dilma eram, assim, informadas ao público. No entanto, não eram apenas informadas, mas também analisadas. Quase diariamente a mídia tornava pública sua avaliação sobre os atos de Dilma. Cada reportagem e cada análise publicada objetivavam definir quem era Dilma. Para executar esse objetivo falava-se sobre sua história de vida, sobre motivações do seu comportamento, sobre suas crenças, sobre as características de sua personalidade e sobre a conjuntura política em que estava inserida. Por meio de reportagens e análises os veículos midiáticos supunham quem era Dilma. Em cada publicação essa suposição era atualizada para novamente ser apresentada ao leitor e ao telespectador. Desse modo, a mídia participava da construção da representação social de Dilma Rousseff.

Segundo Moscovici (2003), a dinâmica de funcionamento das representações sociais opera para transformar o desconhecido em conhecido. O autor explica que o desconhecido angustia o homem. Para superar a angustia, ele apropria-se do novo atribuindo-lhe um significado. Desse modo, é possível entender que os meios de comunicação participam ativamente da construção das representações sociais, pois, ao noticiar o desconhecido explicando-o e definindo-o, os veículos midiáticos estão transformando o desconhecido em conhecido. Estão, portanto, construindo a representação social de um objeto que não era do conhecimento da sociedade.

Sendo assim, quando a mídia impressa ou eletrônica veiculava informações e opiniões sobre Dilma, ela estava colaborando para tornar Dilma conhecida. Estava tornando Dilma familiar à sociedade. Estava, assim, participando da construção da sua representação social.

Em 2010 a *Folha* publicou 87 charges retratando Dilma. Dentre os três anos analisados por essa pesquisa, 2010 foi o de mais publicações, devido ao período eleitoral. Sendo política e Estado assuntos de grande interesse à mídia, conforme apontou Thompson (2009), em ano de eleições, a disputa eleitoral torna-se assunto predominante da pauta jornalística. Desse modo, as instituições jornalísticas ocupam-se de noticiar e opinar sobre os candidatos, os partidos políticos, as propostas de cada candidatura, as alianças partidárias, as estratégias de campanha de cada candidato, etc. Do mesmo modo, em ano eleitoral, as charges também passam a retratar com maior frequência as disputas empreendidas entorno do pleito.

Dilma Rousseff começou pouco conhecida o ano de 2010, porém, aos poucos, passou a ganhar publicidade ao ser retratada pela mídia. As charges veiculadas nesse ano ridicularizaram a escolha de Dilma como candidata do PT. Ridicularizaram sua relação com Lula. Ridicularizaram suas alianças políticas. Ridicularizaram suas estratégias eleitorais e ridicularizaram os seus comportamentos. Cada ridicularização objetivava criticar sua candidatura.

Ao emitir opiniões sobre a candidata do PT, as charges tiravam-na do espaço do desconhecido e a tornavam conhecida. Ao criticá-la, participaram do processo de familiarização. Desse modo, cooperavam à construção da representação social de Dilma. As publicações de 2010, mais do que as publicações dos outros anos, cumpriram a função de torná-la conhecida, pois foram elas que apresentaram Dilma pela primeira vez a muitos membros da sociedade. Sendo assim, todo o material publicado possibilitou que leitores e eleitores comesçassem a conhecer a candidata do PT à presidência.

As 87 charges publicadas em 2010 atribuíram significados a Dilma ao ridicularizá-la. A atribuição de significado colaborou para estruturar uma definição sobre Dilma, ou seja, para estabelecer quem era ela. A articulação desses significados compôs sua representação social. Cada charge veiculava um significado específico. No entanto, havia um conjunto de significados que foram

repetidos pelas charges no decorrer do ano. Cada nova charge publicada abordava um novo assunto, porém repetia um dos significados que já lhe fora conferido. Os significados a ela atribuídos foram captados pela análise de conteúdo. O resgate desses significados mostra como a representação social de Dilma foi estruturada num período em que ela era candidata e, depois, vencedora das eleições.

As publicações chargísticas atribuíram significados a Dilma ao retratá-la ao lado de outros personagens. Dilma foi retratada ao lado de Lula, ao lado dos seus adversários de pleito e ao lado dos políticos aliados a sua candidatura. Cada charge ao retratá-la junto a um desses personagens objetivava conferir-lhe um significado específico.

Diagrama 4 – Representação social de Dilma Rousseff em 2010



O diagrama anterior ilustra a representação social de Dilma em 2010. A representação foi construída a partir de uma ligação e duas comparações, operando-se assim, os processos de objetivação e ancoragem. Os dois processos ocorreram de forma concomitante. A objetivação foi realizada a partir da ligação de Dilma a Lula. O processo de ancoragem foi executado por meio da comparação de Dilma com seus adversários de pleito e com políticos aliados.

Dilma foi retratada ao lado de Lula por 43,02% das charges publicadas em 2010. Portanto, quase metade das publicações desse ano retratou os dois juntos.

Dentre essas charges, 91,9% ligavam Dilma a Lula. Essa ligação mostrava que Dilma era Lula.

Lula era conhecido. Em 2010, ele completou o oitavo ano do seu mandato presidencial. Terminou-o com alto índice de aprovação popular. Disputou cinco eleições presidenciais e venceu duas. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980. Foi também famoso líder sindical. Desde o final da década de 1970, Lula figurou no cenário político nacional. Seu nome e sua imagem eram conhecidos pela população brasileira. Dilma, por sua vez, não o era.

A ligação fazia Dilma ser a mesma pessoa que Lula. Sendo assim, Dilma era retratada com todos os atributos e características de Lula. Foi representada como a extensão de Lula em corpo feminino. Essas publicações não representavam Dilma parecida ou semelhante a Lula. Caracterizá-la como igual implicaria em reconhecê-la como possuidora de uma existência própria e autônoma. Dilma seria qualificada por sua alteridade, pois, para ser comparada, ela precisaria existir. Nesse caso, Dilma não existe de modo independente, pois essas publicações retrataram-na como o próprio Lula.

A ligação estabelecida pelas charges entre Dilma e Lula era realizada a partir da ridicularização. As charges publicadas pela *Folha*, ao ligarem a candidata ao então presidente, o faziam com o intuito de criticar. A crítica anulava Dilma como candidata. Ela era apresentada como não existindo, pois quem existia era Lula. Dilma era um avatar de Lula.

Dilma era anulada ao ser ligada a Lula. Entretanto, isso não era feito para destacar os atributos dele, considerados positivos. O estabelecimento dessa ligação realçava apenas os valores negativos conferidos a Lula. Dilma era representada como a ambição desmedida de Lula pelo poder.

As charges retrataram Dilma como um produto da ganância de Lula pelo poder. Dilma foi caracterizada como uma candidata produzida em laboratório, ou seja, ela foi caracterizada como candidata artificial. Para essas charges, Dilma era produto do desejo de Lula de permanecer presidente da República. A fim de não abandonar o comando da nação, Lula a criou com a finalidade única de mantê-lo no poder. Essas publicações reduzem Dilma aos desejos de Lula. As charges

anularam-na ao transformarem sua candidatura na materialização da vontade de Lula.

As publicações, ao produzirem essa ligação, representam a candidatura de Dilma como um avatar de Lula, pois sua candidatura corporificou o anseio dele. Isso se torna evidente nas charges que retrataram Dilma como um robô sendo controlado por Lula. As charges também retrataram Lula ensinando Dilma a ser candidata. Todas essas obras apresentam Lula coordenando a candidatura de Dilma, seja comandando-lhe as ações dela, seja dando-lhe ensinamentos. Desse modo, as obras retratam Dilma apenas cumprindo ordens sem manifestar sua própria vontade.

As charges, ao fazerem essa ligação, representaram Dilma e Lula como um único candidato. Lula foi desenhado discursando por Dilma em um comício. Foi desenhado distribuindo panfletos da candidatura de Dilma. Dilma e Lula foram desenhados sendo a mesma pessoa. Lula foi desenhado atacando os adversários políticos de Dilma. Lula foi desenhado defendendo Dilma de ataques adversários. Essas publicações retrataram Lula fazendo campanha como se fosse ele o candidato. Desse modo, essas publicações retrataram Lula como candidato em campanha. Dilma era desenhada ao lado de Lula, porém sempre de modo passivo. Essas obras não a retratam como candidata: ela apenas serve aos interesses dele.

Em suma, para essas charges, Dilma era Lula porque ela era uma produção dele. Dilma era Lula, porque, assim, ele continuaria governando. Dilma era Lula porque ele era quem fazia a campanha: a campanha era dele. Dilma era Lula porque ele estava se candidatando para seu terceiro mandato. Dilma era Lula porque ele não a protegia. Ele protegia seu plano para continuar no poder.

A representação social de Dilma ganhou forma ao ser conectada à representação social de Lula. As charges que abordaram Lula referiam-se a sua representação. Referiam-se aos significados que lhe foram atribuídos pela sociedade no decorrer de sua trajetória como homem público. A ligação enfatizou um dos aspectos que participam da representação de Lula: enfatizou Lula como ganancioso por poder. Essa pesquisa não se propôs a analisar a representação social de Lula. Assim, não há espaço para destacar todos os sentidos que a integram. A pesquisa abordou apenas essa faceta por ter sido utilizada na construção da representação social de Dilma.

A representação social de Dilma foi construída também a partir do processo de comparação. Das charges publicadas em 2010, 34,88% retrataram Dilma ao lado dos seus adversários de pleito e 9,3% ao lado dos seus aliados políticos. Ao expor Dilma junto com os seus concorrentes e com os seus aliados, realizaram comparações. As publicações, ao confrontarem diferentes atores políticos, tinham o objetivo de examinar as semelhanças existentes entre eles. Essas comparações não se propunham a levantar as diferenças desses atores, mas estabelecer as semelhanças a fim de igualá-las.

Dentre os adversários de pleito, Dilma foi retratada com maior frequência ao lado de José Serra. Todas essas publicações estabeleceram comparação entre os dois candidatos a fim de determinar suas semelhanças.

As charges retrataram Dilma sendo igual a Serra. Para essas publicações não havia diferença entre os dois candidatos. As comparações que foram realizadas eram críticas empreendidas através do humor. Essas comparações não exaltaram qualidades positivas das duas candidaturas. Ao comparar e criticá-los, as charges criticaram também toda a classe política. As comparações realizadas enfatizavam que Dilma e Serra eram políticos, por isso eram iguais.

Dilma e Serra foram considerados iguais em três assuntos. Primeiro, os dois candidatos utilizaram o discurso religioso como tática eleitoral. Devido essa conduta, as charges retrataram os dois como oportunistas. As publicações ridicularizaram o modo como as duas candidaturas se apropriaram da religião a fim de angariar votos. Essas obras tornaram cômica a decisão dos candidatos de abandonar seus princípios para aderir aos preceitos religiosos durante a campanha. Desse modo, ambos são representados como oportunistas, ao sacrificarem os próprios valores políticos em detrimento do apoio do eleitorado religioso. Os candidatos foram ridicularizados por abandonarem as discussões políticas e aderirem ao discurso religioso apenas para alcançar eleitores cristãos.

Segundo, Dilma e Serra possuem desvio moral. As charges retrataram as irregularidades das duas candidaturas. Para elas, os dois candidatos agiram de modo semelhante ao esconderem as denúncias de desvio ético ao invés de esclarecê-las. A moral dos dois também foi considerada semelhante quando ambos foram retratados atacando constantemente o adversário. Essas publicações retratam

Dilma e Serra empreendendo a campanha com o objetivo único de atacar e agredir ao concorrente, ao invés de voltar-se às necessidades do povo brasileiro. Assim, ao se atacarem, ficavam alheios à realidade da população.

Terceiro, Dilma e Serra empregaram estratégias políticas iguais. Essas publicações ridicularizam os candidatos por utilizarem as mesmas estratégias de campanha. Primeiro, os dois são retratados se aproximando da credibilidade de Lula. Segundo, os dois são desenhados afastando-se de Fernando Henrique Cardoso e criticando seu governo. Terceiro, os dois são expostos tentando atrair o apoio de Marina para conquistar seus eleitores. Quarto, os dois são retratados mudando o discurso diversas vezes durante campanha para agradar aos diferentes segmentos do eleitorado.

Charges publicadas ao longo de todo ano retrataram a disputa eleitoral polarizada entre Dilma e Serra. Os dois eram apresentados como os únicos candidatos com chances reais de vencer o pleito. A polarização retratada tornava os dois candidatos semelhantes. Ressaltava que os dois candidatos eram políticos. Por serem, eram semelhantes. As charges, ao retratarem Dilma ao lado de Marina e Plínio, também tornaram-na igual aos seus adversários. Assim, Dilma foi considerada semelhante aos concorrentes por pertencer à classe política como eles.

As publicações de 2010 retrataram Dilma ao lado dos seus aliados. Todos os políticos e partidos que se coligaram à candidatura dela são considerados aliados. As charges, ao retratarem Dilma ao lado dos seus aliados, estavam novamente operando comparações. Os aliados pertencem à classe política. Dilma também. Desse modo, Dilma e os aliados são semelhantes por serem políticos.

A comparação qualificava Dilma com os mesmo adjetivos empregados para qualificar os aliados. As charges criticaram Dilma por sua candidatura ser construída com aliados desqualificados. Essa comparação pode ser exemplificada pelo ditado popular “diga-me com quem andas e eu te direi quem és”. Ao compará-la a eles, as charges representam-na do mesmo modo que os representam.

Os aliados foram retratados como políticos maus, que não possuem comprometimento com o Estado e a coisa pública, mas apenas com os próprios interesses. Sendo assim, eles foram representados como políticos interesseiros que

empregam todos os esforços para se manter no poder. Para as charges, os aliados são capazes de executar qualquer ato imoral para alcançar os próprios objetivos. Elas veicularam uma das facetas da representação social do político. Essa pesquisa não se propôs a analisar de modo detalhado a representação do político. O que foi descrito são apenas os aspectos da representação destacados pelas charges.

Entretanto, quando as charges retrataram Dilma ao lado dos seus aliados, elas produziram uma representação ambígua. Em mais da metade dessas charges Dilma foi desenhada com medo dos seus aliados. Desse modo, ela foi representada como candidata que não estava preparada para se relacionar com as artimanhas dos aliados. Ao ser desenhada assustada, Dilma foi representada como candidata que não possui os mesmos valores dos seus aliados, ou seja, não possuía os mesmos interesses que eles. As charges, ao retratarem a intimidação de Dilma, representam-na como candidata sem experiência política e com princípios morais diferentes dos seus aliados.

A comparação entre a candidata e os aliados introduziu uma dicotomia na estrutura da representação social de Dilma. Ela foi representada não tendo compromisso com a coisa pública e o Estado e, de modo concomitante, foi representada como inexperiente e não comprometida com os próprios interesses, mas com os interesses estatais.

A análise mostra que a representação social de Dilma foi construída em 2010. A construção foi operada a partir dos processos de ancoragem e objetivação. Segundo Moscovici (2003), o processo de objetivação faz a ligação do não familiar com o familiar. Esse processo foi executado na ligação de Dilma com Lula. Dilma foi ligada à representação social de Lula. A partir dessa ligação, a representação de Dilma ganhou materialidade, pois ela foi representada sendo o próprio Lula. Dilma era produto de Lula, era a materialização da ambição dele de permanecer no poder. Ao representá-la assim, as charges realçavam sua inexperiência em disputa eleitoral e na condução de cargos eletivos e negociações políticas. Dilma não era candidata: era uma criação de Lula para continuar na presidência.

A ancoragem, segundo Moscovici (2003), é um processo executado a partir da comparação. Por ela ocorre a comparação de uma ideia desconhecida com outra conhecida, a fim de destacar possíveis semelhanças. As semelhanças são

ênfatisadas. Desse modo, o que era não familiar passa a ser percebido como familiar, pois ele possui características que são conhecidas. A partir da ancoragem Dilma foi comparada com políticos. Assim, ao ser retratada ao lado dos adversários e dos aliados ela foi comparada com a representação social do político. A comparação tinha o objetivo de estabelecer Dilma como pertencente à classe política. A ancoragem resgatou aspectos qualificados negativamente da representação social do político. Esses aspectos foram introduzidos na representação social de Dilma. Assim, por ser da classe política ela era igual a todos os demais políticos. Desse modo, sua intenção era apenas alcançar o poder para satisfazer seus próprios interesses. Essa comparação a representou gananciosa por poder e capaz de utilizar métodos não éticos para alcançar seu objetivo.

A comparação também representou Dilma como uma candidata inexperiente, por não ter disputado uma eleição e por não ter experiência em negociações políticas. A não experiência de Dilma, para as charges, deve-se ao fato dela ser um produto da ambição de Lula, que escolheu como candidato alguém sem tradição política apenas para se mantê-lo governando. Além disso, a representação de inexperiente era destacada quando ela era retratada ao lado dos aliados. Nesse momento, comparava-se a capacidade da base de impor seus interesses contra a inexperiência de Dilma de conduzir negociações políticas.

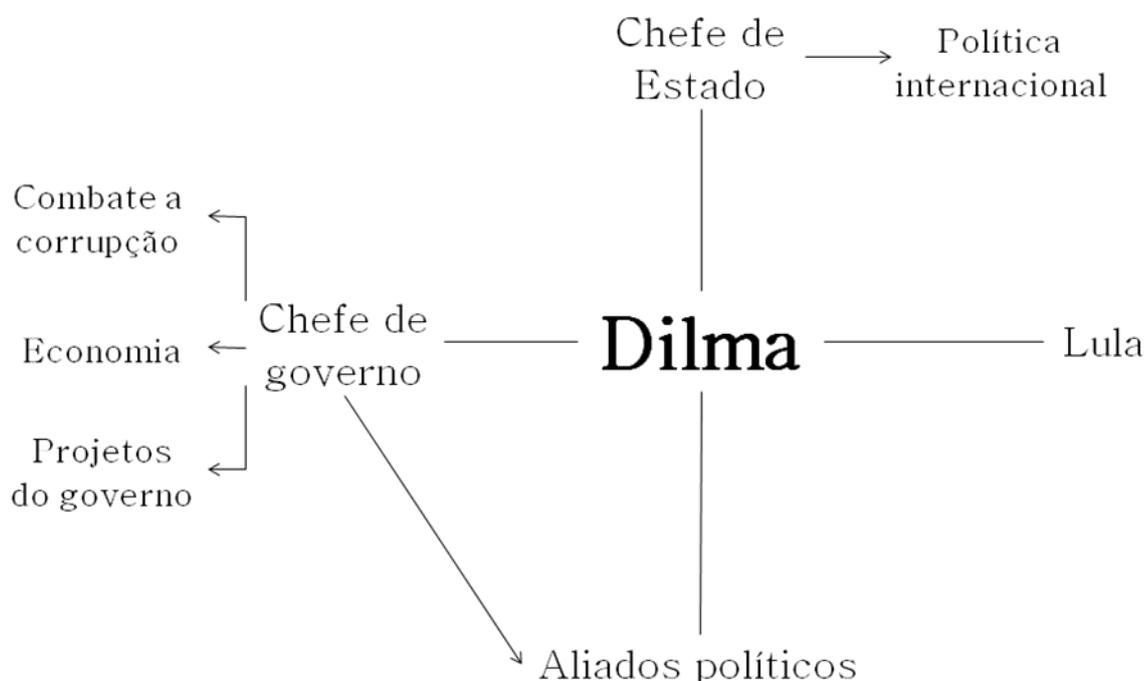
Ao assumir a presidência, Dilma já possuía uma representação social construída, que se tornou robusta a partir da exposição midiática decorrente da disputa eleitoral. As publicações de 2010 esforçaram-se para definir Dilma, para fazer saber o público quem ela era. Após sua posse os materiais publicados não se detiveram mais em defini-la, pois isso já havia sido feito. A partir desse instante o objetivo era defini-la como mandatária da nação. Como governante. Até esse momento, Dilma não havia recebido um mandato. Assim, a meta era caracterizá-la desempenhando essa função. A representação social construída em 2010 foi acrescida de novos sentidos em 2011 e 2012. Durante esses dois anos a representação de Dilma incorporou outros sentidos porque ela tornou-se a personificação da instituição Presidência da República.

As charges publicadas em 2011 e 2012 retrataram Dilma como presidente. Embora diferentes fatos tenham ocorrido durante esse tempo, ela sempre foi

retratada a partir da presidência. Logo, as obras publicadas nesse intervalo serão analisadas de forma conjunta. Pretende-se, assim, analisar o modo como essas publicações representaram Dilma como presidente.

O diagrama seguinte ilustra a representação social de Dilma em 2011 e 2012. Durante esse período, sua representação reuniu os sentidos atribuídos ao seu governo. A articulação desses sentidos formou sua representação. Os sentidos conferidos a gestão foram incorporados a representação criada em 2010. A representação de Dilma presidente foi construída somente a partir do acréscimo de sentidos que qualificavam sua maneira de governar. Portanto, a representação a caracteriza como Chefe de Governo e Chefe de Estado, mas a mantém ligada a Lula e a compara aos políticos aliados.

Diagrama 5 – Representação social de Dilma Rousseff em 2011 e 2012



Nesses dois anos, 71,3% das publicações retrataram Dilma como Chefe de Governo. Retrataram-na, pois, como comandante do Poder Executivo: a responsável

pela execução das políticas públicas do governo federal. As charges apresentam-na combatendo a corrupção, gerindo a economia do país, executando projetos específicos do governo e relacionando-se com os partidos da base aliada.

Dilma foi retratada junto à corrupção por 20,2% das charges. Elas associaram corrupção aos membros do governo filiados aos partidos da base. Novamente, os aliados foram representados como políticos comprometidos apenas com os próprios interesses; comprometidos, assim, com a corrupção. Mesmo sendo retratada junto a corrupção, a presidente não foi ligada a ela.

Por sua vez, as obras retrataram-na combatendo esse problema a fim de extingui-lo do seu governo. Nesse combate, Dilma foi representada intolerante. Ao caracterizarem seu comportamento, ela foi representada exigente e não capaz de suportar o malfeito a sua volta. As charges, ao retratarem-na desse modo, qualificaram-na de forma positiva. A valorização dessa característica foi expressa pelas repetidas charges que a retrataram demitindo ministros acusados de corrupção. Essas obras, assim, destacavam a demissão. Destacavam também a corrupção como característica dos aliados demitidos. Assim, de um lado, estava o corrupto e, de outro, a força que o combatia. De um lado, estava o mau e do outro, o bem. Essa cisão, possibilitada pela comparação entre bom e ruim, permitiu que o sentido de combate, ou seja, do bem, fosse integrado à representação de Dilma.

Esse sentido foi reforçado através do processo de objetivação. As charges desenharam Dilma limpando a corrupção do governo, retratada como sujeira. O ato de demitir ministros acusados foi associado à limpeza. Desse modo, as charges a retrataram fazendo uma faxina. Para explicar a expulsão de malfeitores do governo, as charges a ligaram à profissional da limpeza. Assim, fazer faxina no governo equivale a combater a corrupção do governo. A associação de Dilma à imagem de faxina reforçou em sua representação o sentido de governante honesta que combate políticos desonestos.

No entanto, três charges associaram Dilma à corrupção. Essas obras retrataram malfeitorias próximas a ela. A presidente foi desenhada como tendo conhecimento dessas malfeitorias e delas participando. Assim, as três charges qualificaram-na como corrupta. Entretanto, o número de charges que assim retratou Dilma é muito inferior ao número de charges que a retratou honesta e combatente

do malfeito. Desse modo, o sentido que lhe qualifica como malfeitora não possui a mesma força que o sentido que lhe qualifica como honesta e combatente da corrupção. A imagem de Dilma como faxineira permanece forte em sua representação social.

Diante da economia, três temas foram abordados: PIB, inflação e greves. As charges retratam o modo de Dilma lidar com eles. Neles, ela foi desenhada com expressão de surpresa. Os chargistas deram ênfase à expressão a fim de ressaltar que a governante foi surpreendida por situações. Ao ser assim retratada, Dilma foi qualificada de modo negativo. A presidente foi desenhada, deparando-se com o imprevisto. As obras, ao enfatizarem o comportamento de surpresa, a qualificaram como despreparada. Para elas, a presidente surpreende-se, porque não entende a conjuntura econômica, e, ao não entender, não implementa políticas preventivas.

Ao abordarem o PIB, as charges relacionam o seu pequeno crescimento a Dilma. Num primeiro instante, ela foi retratada insatisfeita e descontente com essa questão. As charges destacaram esses comportamentos a fim de ridicularizar a governante. Dilma, ao ser desenhada com insatisfação, parece não entender os motivos dessa situação, como se eles não estivessem relacionados às ações do seu governo. Dilma foi representada como dissimulada, pois tentou ocultar sua responsabilidade sobre o baixo crescimento do PIB.

Num segundo instante, desenharam-na manipulando o pequeno PIB. Dilma deixa de ser retratada com surpresa, para ser retratada executando ações que não favorecem o crescimento do PIB. Desse modo, as ações de Dilma são representadas como inadequadas para promoverem o crescimento econômico do país. Por todos esses aspectos, Dilma foi representada como uma ineficiente gestora da economia.

Dilma também foi desenhada lidando com a inflação. Diante dessa situação as charges retrataram dois comportamentos da presidente: desdém e dissimulação. Primeiro, a governante foi representada desprezando os sinais de existência de inflação na economia. Dilma foi retratada não se preocupando com ela. A governante foi retratada portando-se com desdém, não agindo, desse modo, a fim de combater o problema. Segundo, Dilma foi desenhada empregando medidas para ocultar a existência da inflação. Assim, as charges retrataram a presidente ciente da

inflação; agindo para escondê-la da população. O comportamento da governante foi representado não solucionando o problema, mas, apenas, disfarçando sua presença. Portanto, diante da inflação, Dilma foi representada negligente.

Por último, quando retratada diante dos movimentos grevistas, Dilma foi representada como não possuidora da habilidade de negociação. Primeiro, retrata-se a governante em desacordo com as reivindicações dos grevistas. Segundo, esquivando-se do movimento. Terceiro, preocupada com os desdobramentos do movimento. As charges qualificaram de forma negativa os comportamentos de Dilma com os grevistas. Dilma não foi retratada em negociação com os trabalhadores em greve. Dilma não foi retratada empregando estratégias para dar fim à greve. Dilma foi representada como incapaz de enfrentar movimentos de pressão popular.

As charges, ao retratarem Dilma em presença de questões econômicas, a representaram como gestora não competente. Essa representação foi estruturada a partir da atribuição de sentidos negativos às políticas econômicas do governo. As publicações, ao retratarem a presidente ante três situações diferentes, a representaram como incapaz de resolvê-las. Dilma não assumiu sua responsabilidade na produção do pequeno crescimento do PIB. Dilma, ao contrário, tentou ocultar a inflação ao invés de combatê-la e não negociou com os grevistas para finalizar a greve. Os três episódios a qualificaram como não capaz de gerir a economia nacional. Nenhum sentido positivo foi atribuído a sua gestão econômica.

As charges, ao retratarem Dilma como presidente, abordaram os projetos executados por seu governo. Quatro projetos foram retratados: Código florestal, Trem-bala, Copa do Mundo e a realização de propagandas estatais. Ao retratarem os projetos, as publicações tinham o propósito de destacar as características de gerência da governante. Tentava-se, assim, qualificar o modo da presidente administrar e conduzir o Estado. Os projetos são as ações empreendidas pelo Estado. As charges destacavam o comportamento da presidente ante cada projeto. Desse modo, atribuía-se valor ao descrever as características de Dilma implementando políticas públicas. As charges, a partir da ridicularização, não empreendiam reflexões específicas sobre o projeto abordado, mas apresentavam os projetos como produtos do governo. Criticavam-se, assim, o governo e seu modo de administrar o Estado.

Os quatro projetos abordados foram qualificados de modo negativo. Primeiro, Dilma foi retratada aflita diante do código florestal. A presidente foi caracterizada sofrendo. As charges a retrataram percebendo o código florestal como um tormento. Ao ser repetidamente desenhada em sofrimento, ela foi caracterizada não sabendo enfrentar a situação que lhe atormentava. Dilma foi representada como governante paralisada, em perplexidade. Representou-se, assim, Dilma como gestora indecisa que possuía dificuldades para solucionar problemas.

Segundo, ante ao trem-bala, Dilma foi retratada como incapaz de concretizar projetos. O projeto do trem-bala foi retratado como um fracasso. As charges associaram-no à governante. Dilma, desse modo, foi representada como gestora incapaz de realizar projetos.

Terceiro, Dilma foi retratada atormentada pela realização da Copa do Mundo da FIFA. A copa foi representada como problema de difícil solução. Dessa maneira, Dilma foi retratada sofrendo por não conseguir resolver essa situação. Novamente as charges deram ênfase aos sentimentos dela diante do problema. Ao proceder assim, as publicações retratam-na paralisada pelo sofrimento advindo da dificuldade enfrentada. Sofrimento e inércia foram ressaltados a fim de qualificar a governante como inábil para resolver problemas e enfrentar dificuldades; inábil, portanto, para governar. Dilma foi representada como gestora de pouca capacidade.

Quarto, Dilma foi retratada fazendo muita propaganda de suas ações. Diferentes das situações anteriores, nessa, as charges destacaram a ação da presidente em detrimento dos seus sentimentos. Entretanto, essa ação foi qualificada de forma negativa. A governante foi retratada fazendo propaganda dos seus atos em excesso. Dilma foi representada como governante que muito valoriza a propaganda e pouco valoriza a realização de políticas públicas. Desse modo, seu governo faz propaganda de ações que não executou, pois prioriza a propaganda e não a ação.

As charges, ao abordarem os projetos do governo, representaram Dilma como gestora incapaz. Não capacitada para resolver problemas e enfrentar dificuldades, a presidente também foi representada priorizando a execução de propaganda ao invés de políticas públicas.

As charges retrataram Dilma como Chefe de Estado. Para destacar essa função da presidência da República as publicações expuseram-na ao lado de outros Chefes de Estado. As charges retrataram a relação do Brasil com outros países. Os países retratados são Estados Unidos, China e Cuba. Foi retratado também, mas de modo genérico, o continente europeu. As publicações caracterizaram e qualificaram a política internacional empreendida por ela. Desse modo, a representação social de Dilma incorporou sentidos que foram atribuídos a sua política internacional. Ao ser representada com outros Chefes de Estado, sentidos foram conferidos aos seus comportamentos.

Diante dos Estados Unidos, Dilma foi retratada vendendo produtos nacionais. Diante da Europa, ensinando-lhes a superar a crise econômica e protegendo os brasileiros dos maus tratos dessas nações. Diante da China e de Cuba, não denunciando o desrespeito aos direitos humanos.

As charges qualificaram de modo positivo o comportamento de Dilma perante os Estados Unidos. A presidente foi retratada executando medidas para expandir o mercado nacional e trabalhando de modo eficaz para o desenvolvimento econômico do país. Diante da Europa, qualificada de modo positivo ao defender os cidadãos brasileiros da hostilidade de países. Desse modo, representada como defensora da economia nacional e do cidadão, Dilma foi a protetora do país. Essa representação coaduna com a função de Chefe de Estado desempenhada por ela. São maioria as charges que qualificaram as ações da presidente de forma positiva.

As ações de Dilma diante da China e de Cuba, porém, foram qualificadas de modo negativo. As charges representaram-na anuindo com as práticas violentas empregadas por essas nações parceiras do governo brasileiro. Desse modo, ela foi representada priorizando Estados parceiros em detrimento dos seus cidadãos. Dilma também foi retratada de forma negativa ao criticar as práticas utilizadas pela Europa para superar sua crise econômica. A governante foi representada como presunçosa e arrogante por pretender ensinar nações ricas a solucionar seus problemas, sem antes resolver os problemas brasileiros.

Em suma, são divergentes os sentidos atribuídos a Dilma como Chefe de Estado. De um lado, Dilma foi representada como governante que defende os interesses econômicos do país e de seus cidadãos, ao mesmo tempo, de outro,

como defensora de Estados amigos, mas não dos direitos humanos. Conforme salientou Abric (1994), as representações sociais são caracterizadas por congregar sentidos diferentes. Por ser a representação um conhecimento prático utilizado no cotidiano da sociedade, cada indivíduo ou grupo, ao fazer uso dela, optarão por empregar um dos diferentes sentidos que ela comporta. As charges, ao participarem da construção da representação social, veiculam as divergências e, ao empregá-las, também destacam um sentido específico.

Dois elementos estruturantes da representação social de Dilma construída em 2010 foram mantidos na representação que se formou em 2011 e 2012. Durante esses três anos, Dilma foi retratada ao lado dos políticos da base aliada e ao lado de Lula. Esses dois personagens continuaram integrando sua representação para lhe conferir novos sentidos e reforçar os já existentes.

Em 23,8% das publicações Dilma foi retratada ao lado dos políticos da base aliada. Essas obras não a comparavam aos aliados, como as obras de 2010. O objetivo delas era destacar as características do comportamento da governante ao se relacionar com os aliados. Essas charges avaliaram as habilidades políticas da presidente.

Essas publicações foram designadas para qualificar o modo de Dilma governar, ressaltando sua capacidade de articular os diferentes interesses partidários dentro do seu governo. As charges a qualificaram de modo negativo: ela foi representada como negociadora inapta.

Diante dos aliados, as charges retrataram Dilma de dois modos. Primeiro, a governante foi retratada sendo coagida. Esse retrato a qualificou fraca. A presidente foi representada como detentora de pouca força política para se contrapor às ameaças de sua base, foi caracterizada por sua incapacidade de negociar com os aliados, a fim escapar de suas intimidações. As charges ridicularizam essa fraqueza. A qualidade de fraco é exposta como inadequada ao exercício da Presidência. A fraqueza de Dilma permite à base aliada subjugar-la a sua violência. Os aliados foram retratados utilizando métodos não harmonizados com a moral republicana para implementarem seus objetivos. Para as charges, a fraqueza da governante permite que os interesses não republicanos da base sobreponham-se aos interesses

do Estado. Assim, a fraqueza da presidente torna-se um empecilho ao desenvolvimento da nação.

Segundo, Dilma foi retratada desprezando seus aliados. Sua falta de apreço pela base de apoio foi retratado nas charges mostrando a diferença entre os valores dela e os valores da base. Os de Dilma priorizam a coisa pública e o dos aliados não. Essa diferença é o que nutriria o desdém da presidente por seus aliados. Entretanto, qualificá-la desse modo não cumpre com o propósito de enaltecer seus valores, mas de criticar sua incapacidade de negociação. As charges, ao caracterizarem o comportamento da governante de orgulhoso, a ridicularizam. A ridicularização pretende criticar a distância que a presidente estabeleceu entre ela e os demais atores políticos. Distância que se expressa na ausência de diálogo do governo com sua base.

Por ser coagida e por desprezar os aliados, Dilma foi representada como não possuidora da habilidade de negociação. As charges, ao retratarem-na desse modo, representaram-na como uma governante incapaz de dialogar com as diferentes forças políticas que compõem um sistema democrático.

As publicações de 2011 e 2012 novamente retrataram Dilma ao lado de Lula. A frequência de charges publicadas retratando-os foi muito inferior ao número de obras publicadas em 2010. Publicadas durante esses dois anos, veiculavam sentidos já divulgados no ano anterior.

As charges retrataram Lula como o poder não oficial do governo Dilma. A presidente foi representada sendo controlada por seu antecessor. Essa representação a expôs como governante que não tem poder, como governante que não governa. Assim, Dilma era apenas o meio para Lula continuar governando. Essa representação foi reforçada quando se retratou Dilma pedindo proteção a Lula. O pedido de proteção a expõe como não detentora do poder. Assim, diante de problemas difíceis, o ex-presidente foi evocado para trazer a solução, pois ele era o dono do poder.

Essa representação conservou-se quando se retratou Lula o criador do governo Dilma. Dessa maneira, a presidente foi retratada como produto de Lula. Como produto, ela existe para perpetuá-lo no poder. Diante disso, Dilma foi

representada como presidente que não governa, porque não tem poder para isso. Novamente, Dilma foi representada como o objeto que concretiza a ambição desmedida de Lula por poder.

A partir da comparação e ligação, ancoragem e objetivação, a representação social de Dilma foi formada. A representação construída pelas charges em 2010 foi reutilizada em 2011 e 2012. Durante esses dois anos as charges adequaram a representação de Dilma ao contexto da presidência da República. Nesse período, as charges reproduziram a representação de Dilma já existente, acrescentaram, apenas, novos sentidos referentes ao seu comportamento como governante. Os sentidos incorporados nesse período a qualificavam como Chefe de Governo e Chefe de Estado.

Portanto, a charge ao ser analisada mostrou-se um documento rico em informação. Pois, ela é um relato histórico, social e político. Ao narrar fatos, narra a história de uma sociedade, suas disputas políticas e os costumes do seu povo. As obras estudadas narraram os episódios da eleição presidencial de 2010 e os acontecimentos da primeira metade do governo Dilma. Durante três anos, essa narrativa documentou eventos da política brasileira. Foram documentadas as disputas partidárias, as estratégias dos candidatos, as ações governamentais e as crises do governo.

Porém, a charge não é apenas um documento histórico e político, ela é um documento psicopolítico. Pois os fatos narrados comunicam sentimentos. Os sentimentos estão nos fatos interpretados por ela. Desse modo, o leitor pode ser tocado pelo sentimento que a integra.

Referências

ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

AGUIAR, Gisele Freitas de. **O político tornado em derrisão no gênero discursivo charge**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: < http://www.ppgl.ufscar.br/novo/arqs/resumos/1308141053_040giselefa.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. **Revista Comum**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul/dez 2004. Disponível em: < <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcosalexandre/Artigo7.pdf> >. Acesso em: 25 março 2012.

ALIADO de Kassab, vice de Alckmin assume novo ministério de Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 mai. 2013. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/05/07/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

ANGELO, C. e FALCÃO, M. Câmara derrota Dilma e aprova fragilização de regras ambientais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2012. Poder, p. A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/04/26/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

ANGELO, C. e FALCÃO, M. Código entra em vigor e já deve passar por alteração. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2012. Poder, p. A10. Disponível em: < <http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/05/29/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

AUGUSTO, Cinara. Jornalismo-propaganda sob o alvo da censura: 20 anos de charge de J. C. Lôbo em jornal de Santos. In: QUEIROZ, Adolpho Carlos Françoso (Org.); GONZALES, L. (Org.). **Sotaques Regionais da Propaganda**. 1. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2006. v. 1. 340 p. Disponibilizado em: <http://books.google.com/books?id=CE6Egq_qaJ0C&pg=PA155&dq=Charge+jornal%C3%ADstica&hl=pt-BR&ei=SIUTTq4WofjSAb6ptMMO&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDMQ6AEwAg#v=onepage&q=Charge%20jornal%C3%ADstica&f=fals>. Acesso em: 17 jun 2011.

ARAGÃO JUNIOR, Octavio Carvalho. **A reconstrução gráfica de um candidato: como os chargistas perceberam a mudança de imagem de Luis Inácio Lula da Silva**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=112438>. Acesso em: 10 maio 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARONAS, Roberto Leiser; AGUIAR, Gisele Freitas de. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2o sem. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3017/1948>>. Acesso em: 15 maio 2011.

BASSETTE, F. e CASTRO, C. M. Uso da cadeirinha ainda gera dúvidas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 set. 2010. Cotidiano, p. C4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/01/15/>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

BELCHIOR, L. Idosa é barrada em Madri e fica três dias sozinha em aeroporto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2012. Cotidiano, p. C10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/09/15/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1 out 1997. Disponível em: <<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/ViwIdentificacao/lei%209.504-1997?OpenDocument>>. Acesso em: 7 jun 2011.

_____. Lei nº 12.034/2009, de 29 de setembro de 2009. Altera o código eleitoral. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 30 set 2009. Disponível em: <<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/ViwIdentificacao/lei%2012.034-2009?OpenDocument>>. Acesso em: 7 jun 2011.

_____. Tribunal Superior Eleitoral. Resolução nº 23.191. Instrução nº131, de 2009. Dispõe sobre a propaganda eleitoral e as condutas vedadas em campanha eleitoral (Eleições de 2010). **Diário da Justiça eletrônico**, Brasília, DF, 31 dez 2009. Disponível em: <http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/normas_2010/arquivos/Original/23191.pdf>. Acesso em: 7 jun 2011.

BRASIL para de crescer. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/07/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

CANTANHÊDE, E. , MAISONNAVE, F., IGLESIAS, S. Brasil X China. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2011. Mundo, p. A 14. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/04/11/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

CIRCULAÇÃO. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 25 outubro 2012.

CONNERS, Joan L. Popular culture in political cartoons: analyzing cartoonist approaches. **Journal: Political Science and Politics**, April 2007. Disponível em: <<http://www.apsanet.org /imgtest/PSApr07Connors.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2011.

CRISE derruba Palocci; Dilma põe senadora novata na Casa Civil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/06/08/2/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

COSTA, B. Diocese encomenda panfletos anti-Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 out. 2010. Poder, p. A14. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/17/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

DANJOUX, Ilan. Political Cartoons and Conflict: Revealing shifts in the Israeli Palestinian Conflict. **Centre for international politics working paper series**, n. 15, nov 2005. Disponível em: <<http://www.socialsciences.manchester.ac.uk/disciplines /politics/about/themes/cip/publications/documents/Danjoux-CIP15. pdf>>. Acesso em: 8 maio 2011.

DENÚNCIAS derrubam o 2º ministro de Dilma em 1 mês. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 jul. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/07/2/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

DENÚNCIAS derrubam o 4º ministro do governo Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/08/18/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

DEPUTADOS rebelados impõem derrotas em série ao governo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2012, Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/22/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

DILMA alimenta tensão no Congresso ao trocar líderes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2012. Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/14/2/>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

DILMA dispara, dobra vantagem e venceria Serra no 1º turno. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/21/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

DILMA troca ministro para atrair evangélicos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 mar. 2012. Capa. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/01/2/>>. Acesso

em: 24 jun. 2013.

DUARTE, Sebastião Junior Henrique; MAMEDE, Marli Villela; ANDRADE, Sônia Maria Oliveira de. Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 18, n. 4, p. 620-626, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/06.pdf>>. Acesso em: 20 março 2012.

ESTATÍSTICAS e resultados da eleição. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

ESTATÍSTICAS e resultados da eleição. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

FERNANDES, S. e CRUZ, V. Leilão do trem bala fracassa e regra muda. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2011. Mercado, p. B1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/12/10/>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FLOR, A. e CABRAL, M. C. Deputado diz que PMDB não teme “cara feia”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 set. 2011. P. A8. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/09/16/2/>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de redação**. 17 ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

FONSECA, Joaquim. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOREQUE, F. e MATOS, K. Espanha facilitará acesso de brasileiro, diz rei. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jun. 2012. Cotiano, p. C6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/06/05/15/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

FOREQUE, F. Número de estrangeiros barrados no país é recorde. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2012. Cotidiano, p. C1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/04/02/15/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

FRANCO, B. M.; NUBLAT, J.; FALCÃO, M. Marina prega fim do voto plebiscitário. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 11 jun. 2010. Poder, p. A8. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/06/11/2/>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

GARCIA, F. COELHO, L. Mega acelerador LHC começa a operar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2010. Ciência, p. A17. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/03/31/2/>>. Acesso em 29 mai. 2013.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMIDE, R.; TORRES, S.; NOGUEIRA, I. Em favela do Rio, Lula diz que Dilma é a “mãe do PAC”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 8 mar. 2008. Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2008/03/08/2/>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

GOVERNO acusa prefeitura de vazar dados. **Folha de s. Paulo**, São Paulo, 25 mai. 2011. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/05/25/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

GOVERNO Dilma perde 5º ministro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 set. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/09/15/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

GUARESCHI, Pedrinho A. e VERONESE, Marília Veríssimo (orgs). **Psicologia do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUIBU, F. Dilma diz que será ‘mãe dos brasileiros’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2010. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/07/29/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

GULLO, C. e NEVES, M. L. A mulher do presidente. **Marie Claire**, São Paulo, abr. 2009. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1697826-1739-3,00.html>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

HISTÓRIA da folha. Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 25 outubro 2012.

JANSEN, T. ‘No início, minha filha ficou assustada’, diz pai de Luiza. **O globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/megazine/no->

[inicio-minha-filha-ficou-assustada-diz-pai-de-luiza-3705644](#).> Acesso em: 28 jun. 2013.

JODELET, Denise (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Prefácio Serge Moscovici. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAMPOGLIA, Francis; SILVA, Jonathan Raphael Bertassi da; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. A diminuição da maioria penal discursivizada em cartuns de Angeli. **Linguagens e Diálogos**, v. 1, n. 2, p. 1-17, 2010. Disponível em: <<http://linguagensedialogos.com.br/2010.2/textos/01-art-francis.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

LEME, Maria Alice Vanzolini da Silva. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPYNK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LUPI é o sexto ministro de Dilma a cair sob suspeita. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 dez. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/05/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

LULA vai a TV e afirma que Serra partiu para a 'baixaria'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 set. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/08/2/>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

MAGALÃES, J. C. Dilma demite Jobim e põe Celso Amorim na Defesa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 2011. Poder, p. A4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/08/05/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística**: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2011/08/Fabiano-MaggioniDisserta%C3%A7%C3%A3o-2009.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

MARINGONI, Gilberto . **Angelo Agostini**: A imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910. São Paulo: Devir Livraria, 2011.

MARREIRO, F. Dilma vai a Cuba e crítica base dos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 fev. 2012. Mundo, p.A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/02/01/2/>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

MARTINHO, Silvana Gobbi. **Humor e política**: na dinâmica das novas tecnologias de informação e comunicação. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=192734>. Acesso em: 10 maio 2012.

MARTINS, L. “Maquiagem” de produtos cresce junto com inflação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/04/22/2/>>. Acesso em : 15 jun. 2013.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos Np jornalismo brasileiro. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MESTRE, Marilza e PINOTTI, Rita de Cássia. As representações sociais e o inconsciente coletivo: um diálogo entre duas linhas teóricas. **Psico UTP online**. Curitiba, n. 4, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.utp.br/psico.utp.online/site4/index.htm>>. Acesso em: 25 março 2012.

MICHAEL, A. Ex-diretor da DERSA ataca Dilma e cobra Serra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 out. 2010. Poder, p. A12. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/12/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2007 (Dicionários Michaelis). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 4 jul 2012.

MINIX, Dean A. Political cartoons: a reserch note. Southwestern Journal of International Studies, March 04, p. 75-81. Disponível em: <<http://www1.appstate.edu/~stefanov/POLITICAL%20CARTOONS%20A%20RESEARCH%20NOTE.pdf>> . Acesso em: 8 maio 2011.

MINHA casa, minha vida. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/minha-casa-minha-vida>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MURTA, A. Revista 'Time' inclui Lula entre os cem mais influentes do mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2010. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/04/30/2/>>. Acesso em: 24 mai. 2013.

NAVARRO, S. Lula admite volta em 2014 para barrar PSDB. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 jun. 2012. Poder, p. A11. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/06/01/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

NERY, João Elias. **Charge e caricatura na construção de imagens públicas**. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

NETO, Antônio Fausto e SANCHOTENE, Carlos Renan Samuel. O ingresso da charge na mídia: da litografia ao ciberespaço. **História, imagem e narrativas**. n. 7, set 2008. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao7setembro2008/litociber.pdf>>. Acesso em: 10 junho 2012.

NOVAS acusações derrubam ex-braço direito de Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2010. Primeira página. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/09/17/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda e ALMEIDA, Lara Monique O. Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges. **Janus**. Lorena, ano 3, n 4, 2º sem 2006. Disponível em: < <http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/38/41>>. Acesso em: 10 junho 2012.

ONDA de greves se alastra e desafia governo Dilma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2012. Capa. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/08/09/2/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

PALOCCI multiplica seu patrimônio por 20 em 4 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 mai. 2011. Capa. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/05/15/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PAPA cobra ação de bispos do Brasil contra aborto . **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 out. 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/29/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

PEQUENO, João. Humoristas protestam pelo direito de fazer humor na política. **Portal Terra**, 22 ago 2010. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2010/noticias/0,,OI4636938-EI15311,00humoristas+protestam+contra+lei+que+proibe+piadas+com+politicos.html>>. Acesso em: 13 jun 2011.

PF indicia chefe do gabinete da Presidência em São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/11/24/2/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

PIB decepciona, e Dilma deve ter 'biênio perdido'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2012. Capa. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/12/01/2/>>. Acesso em 25 jun. 2013.

PIB fraco no primeiro ano de Dilma pressiona o BC a reduzir juros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 mar. 2012. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/03/07/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PLANO Brasil sem miséria. Disponível em: <<http://www.brasilsemisERIA.gov.br/apresentacao>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

PROGRAMA de aceleração do crescimento. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

PT mandava tanto quanto PR, afirma ex-diretor do Dnit. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/07/08/2/>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

RODRIGUES, F. e CABRAL, M. C. PT e Dilma reagem a bloco da base aliada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 nov. 2010. Poder, p. A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/11/17/2/>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

ROSSI, C. Cortes não funcionam, diz Dilma à Europa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 out. 2011. Mundo p. A 10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/04/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPYNK, Mary Jane (org). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALOMON, M. Marina deixa o PT e diz não ter mais ilusão. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 20 ago. 2009. Poder, p. A8. Disponível em : <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2009/08/20/2/>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

SCHREIBER, M. CARNEIRO, M. País deve superar França até 2015, afirma Mantega. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 dez. 2011. Poder, p. A6. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/12/28/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

SEABRA, C.; COSTA, B.; NAVARRO, S. Serra diz que não aceita “roubalheira”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1 abr. 2010. Poder, p. A10. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/04/01/2/>>. Acesso em 22 mai. 2013.

SELIGMAN, F. Vice-procuradora Eleitoral pede multa ao PV, Marina, PT e Dilma. **Folha de S. Paulo**, 1 jun. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/744239-vice-procuradora-eleitoral-pede-multa-ao-pv-marina-pt-e-dilma-por-propaganda-antecipada.shtml>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

SERRA acusa Dilma de fazer dossiê.; petista nega. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 3 jun. 2010. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/06/03/2/>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

SERRA usa Lula na TV, e PT vai entrar na Justiça. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago 2010. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/20/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

SIMÕES, Alex Caldas. 170 anos de caricatura no Brasil: personagens, temas e fatos. **Revista Linguasagem**. 15 ed., out/dez 2010. Disponível em: < http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/ed_anteriores.php>. Acesso em: 10 junho 2012.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção de. **A charge virtual e a construção de identidades**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=66244 >. Acesso em: 11 maio 2012.

SOUZA, Waldenia Klesia Maciel Vargas. O discurso político-humorístico do gênero charge. **Raído**, Dourados, MS, v.3, n.6, p. 31-43, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view_File/343/396>. Acesso em: 15 maio 2011.

SOB suspeita, ministro do Esporte deixa governo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 out. 2011. Primeira página. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/27/2/>>. Acesso em 11 jun. 2013.

SPYNK, Mary Jane. O conceito de representação na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/set 1993. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 7 março 2012.

_____. **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SUA excelência, o leitor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p.12, 16 out 2011. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/16/2/>>. Acesso em: 5 outubro 2012.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. **Fundação Casa Rui Barbosa**, 2001. (Coleção Papéis Avulsos, n 38). Disponível em:<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/oz/FCRB_LuizGuilhermeSodreTeixeira_A_historia_da_charge.pdf>. Acesso em: 10 junho 2012.

THOMPSON, John B. **Média e a modernidade**: uma teoria social da m dia. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ÚNICO franco atirador, Plínio debocha e provoca risadas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 6 ago. 2010. Poder, p. A9. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/08/06/2/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

VALE, Pedro Aguilón; PALENCIA, Pedro. La cotidianidad del venezolano en la prensa humorística regional: Un estudio semántico y pragmático. **Opcion**, Maracaibo, v.22, n.51, dic. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1012-15872006000300005&script=sciarttext>>. Acesso em: 15 maio 2011.

VEJA como foi o seqüestro de Wellington. **Folha de S. Paulo**, 16 abr. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u49450.shtml>>. Acesso em 3 jun. 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro. O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Ângelo Agostini, J. Carlos e Henfil. **Revista USP**, São Paulo, n 88, p. 38-49, dez/fev 2010-2011. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/88/waldomiro.pdf>>. Acesso em: 10 junho 2012.

XAVIER, Caco. Aids é coisa séria! — humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor, 1997. **HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE**, vol. VIII(1), p. 193-221, mar.-jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n1/a09v08n1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.